

A close-up, monochromatic blue-toned photograph of a marble bust of a philosopher, likely Plato, with his eyes closed and a contemplative expression. The bust is the central visual element of the book cover.

DE SÓCRATES AOS NEOPLATÔNICOS

HISTÓRIA DA
FILOSOFIA GREGA

Luciano De Crescenzo

ROCCO  EDITA



Luciano de Crescenzo

**HISTÓRIA DA
FILOSOFIA GREGA
DE SÓCRATES AOS NEOPLATÔNICOS**

Tradução de
MARIO FONDELLI

ROCCO  **ITALIA**

Título original
STORIA DELLA FILOSOFIA GRECA
DA SOCRATE IN POI

Copyright © Luciano De Crescenzo
Primeira publicação em 1986
por Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARIA ÂNGELA VILLELA

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa: Mabuya Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D3.5h

De Crescenzo, Luciano, 1928-

História da filosofia grega [recurso eletrônico]: de Sócrates aos neoplatônicos / Luciano De Crescenzo; tradução de Mario Fondelli. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital

Tradução de: Storia della filosofia greca: da Socrate in poi
Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-081-9 (recurso eletrônico)

1. Filosofia antiga. 2. Filosofia – História. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

12-4417

CDD-180

CDU-1(38)

Perguntei a Apolo:
“O que devo fazer?”
E Apolo respondeu:
“RIDI E FAI FOLLA GROSSA E COLTA.”¹
Na hora não entendi,
Mas aí anagramatizei a frase
E acabei encontrando:
“STORIA DELLA FILOSOFIA GRECA.”

Delfos, 11 de setembro de 1986

¹ “Ria e cerque-se de um público numeroso e culto.” (N. do T.)

I

SÓCRATES

Não dá para não ficar apaixonado por Sócrates: era bondoso, de alma caridosa, pertinaz, inteligente, irônico, tolerante e ao mesmo tempo inflexível. Vez por outra nascem na Terra homens deste gabarito, homens sem os quais nós todos seríamos um tanto diferentes: basta pensar em Jesus, em Gandhi e Buda, em Lao-Tsé e São Francisco. Alguma coisa, no entanto, diferencia Sócrates dos demais, e é justamente a sua normalidade como homem. Nos outros que acabo de mencionar, com efeito, sempre existe a leve suspeita de uma pitada de exaltação ter contribuído para a sua excepcionalidade, mas no que diz respeito a Sócrates não há a menor dúvida: o filósofo ateniense era uma pessoa extremamente simples, um homem que não anunciava programas de redenção e que não tinha a menor intenção de arregimentar à sua volta bandos de seguidores. Só para se ter uma ideia, também tinha o hábito, bastante incomum no ambiente dos profetas, de frequentar os banquetes, de beber e, se fosse o caso, de não perder a oportunidade de fazer amor com uma hetera.

Uma vez que nunca escreveu coisa alguma, Sócrates sempre foi um grande problema para os historiadores da filosofia. Quem era ele, na realidade? Quais eram as suas ideias? As únicas fontes diretas de que dispomos são os testemunhos de Xenofonte, os de Platão e alguns comentários do tipo “ouvi dizer” de Aristóteles; acontece, porém, que o retrato deixado por Xenofonte nada tem a ver com aquele que nos foi legado por Platão, e onde há concordância entre as duas versões percebe-se logo que o primeiro copiou do segundo; no que diz respeito a Aristóteles, então, permanecem sérias dúvidas quanto à sua objetividade.

Xenofonte, para dizer a verdade, não era uma águia de inteligência filosófica: podemos no máximo considerá-lo um general de bela aparência e um bom memorialista. Quando jovem costumava frequentar a boa sociedade de Atenas: simpósios, conferências, competições esportivas etc., até que certo dia encontrou Sócrates numa ruela estreita.² O filósofo fitou-o fixamente nos olhos bloqueando a passagem com o bordão e perguntou:

- Sabes onde posso comprar peixe?
- Claro, no mercado.
- E sabes onde os homens tornam-se virtuosos?
- Não.
- Então segue-me.

Assim, mais no intuito de impressionar os amigos do que por amor à sabedoria, Xenofonte começou a acompanhar Sócrates em seus passeios; depois de uns dois anos, no entanto, talvez por sentir-se cansado de tanta conversa, decidiu sair como voluntário para lutar na primeira guerra que conseguiu achar. Frequentou em seguida a corte de Ciro o Jovem, de Agesilau, o rei dos Espartanos, e muitos outros lugares em que Sócrates jamais botaria os pés. Passou toda a sua vida entre batalhas e escaramuças, servindo muitas vezes nas fileiras de exércitos estrangeiros. Ao falar de Sócrates, sempre o fez no tom de seu defensor oficial: depois do processo, procurou resgatar a sua memória apresentando-o como homem integérrimo, quase carola, e cheio de respeito pelas autoridades. Se o retrato de Xenofonte não pode deixar de nos parecer um tanto convencional, o que nos é fornecido por aquele grande gênio criativo que foi Platão tampouco pode ser aceito sem reservas pois, ao lermos os seus “diálogos”, nunca podemos saber ao certo se o herói platônico expressa de fato as ideias de Sócrates ou as do próprio autor. Diante disto, o melhor a fazer é eu contar tudo o que sei a respeito do assunto e deixar que o leitor chegue às suas conclusões pessoais.

Do ponto de vista físico, Sócrates parecia-se com Michel Simon, o ator francês dos anos 1950, e movia-se como Charles Laughton no filme *Testemunha de acusação*. Nasceu em 469 no demo de Alopece, um bairro periférico (para a época) de Atenas no sopé do Licabeto. Para os fãs de astrologia, informamos que devia ser de Capricórnio, tendo nascido nos primeiros dias do ano. Pertencia a uma família da média burguesia pertencente à classe dos zeugitas (a terceira, a mais baixa entre as classes sociais que valiam alguma coisa em Atenas). Sofronisco, o pai, era um escultor ou, talvez, apenas um bom artesão suburbano sem maiores ambições artísticas; a mãe, Fenarete, era parteira.³ Não sabemos quase nada da sua infância e, para falar a verdade, temos até alguma dificuldade em imaginá-lo menino; de qualquer maneira, tendo nascido numa família não rica, mas pelo menos razoavelmente remediada, podemos supor que tenha

frequentado a escola como qualquer outro garoto de Atenas, que aos dezoito anos tenha servido o exército para, em seguida, aos vinte, tornar-se hoplita depois de arranjar a armadura adequada.

Ainda jovem deve ter certamente ajudado o pai no ateliê de escultura, até cair nas graças de Critão que, “seduzido pela graça da sua alma”,⁴ decidiu levá-lo embora para iniciá-lo no amor ao conhecimento. Diógenes Laércio, na sua *Vidas dos filósofos*, conta que Sócrates foi discípulo de Anaxágoras, Damão e Arquelaus, e que deste último também foi amante⁵ ou, para sermos mais precisos, *eromene* (naquela época, quando havia um relacionamento amoroso entre dois homens, o amante mais velho era chamado de *eraste* e o mais jovem de *eromene*). Quanto a este aspecto dos amores homossexuais dos filósofos gregos, e antes de ir logo pensando que Sócrates era gay, no entanto, vamos abrir um parêntese e esclarecer as coisas de uma vez por todas. O homossexualismo, naquele tempo, era uma coisa perfeitamente normal e não foi por acaso que ficou conhecido na história como “amor grego”. Houve até quem, como Plutarco, chegasse a defini-lo “pederastia pedagógica”.⁶ Seja como for, não era motivo de escândalo: quando Géron, tirano de Siracusa, se apaixonou pelo rapazinho Dailoco, comentou o fato dizendo simplesmente: “É natural que eu me sinta atraído pelo belo”;⁷ e que este belo fosse representado por um rapaz, um homem ou uma mulher não vinha ao caso, era apenas um detalhe sem maior importância. Os verdadeiros problemas, para os homossexuais, começaram com a chegada do Cristianismo: a nova moral só aceitou o sexo como meio de procriação, e considerou pecaminosa toda e qualquer relação sexual fora disso: foi justamente então que surgiram as perseguições e os preconceitos até hoje espalhados por aí.

Já em idade mais madura, Sócrates teve outros amores deste tipo na vida, entre os quais o mais famoso foi o com Alcibíades. Ao contrário do que Aristipo⁸ afirma no quarto livro ao falar da “luxúria dos antigos”, não foi Sócrates quem se apaixonou pelo aluno, mas sim o aluno pelo mestre, como podemos perceber claramente neste extraordinário trecho do *Simpósio* em que o jovem Alcibíades, um tanto desinibido pelo vinho, confessa o seu desesperado amor por Sócrates: “... quando ouço a sua voz, muito mais do que o de um coribante bate o meu coração!”

E mais adiante:

“Encontrávamos a sós, ó amigos, e eu imaginava que muito em breve ele

iria dizer para mim aquelas coisas que os amantes costumam contar-se quando estão sozinhos, e então o meu coração enchia-se de alegria. Mas infelizmente o tempo passava e nada acontecia: discursava comigo como de costume e, no fim da tarde, ia-se embora sem mais uma palavra. Convidei-o então para uma sessão de ginástica, esperando que pelo menos ali pudesse concluir alguma coisa. Pois bem, ele fazia todos os exercícios comigo, às vezes empenhava-se até na luta, sem que houvesse alguém olhando, e o que posso dizer? Não dava em nada. Uma vez que daquele jeito eu não iria chegar a lugar nenhum, achei por bem enfrentar o homem sem meias palavras para esclarecer a situação de uma vez por todas. De forma que, certa noite, convidei-o para jantar, justamente como costumam fazer os amantes que querem pegar o amado na armadilha. Mas nem assim os meus planos foram bem-sucedidos. Seja como for, com o passar do tempo deixou-se pouco a pouco convencer. Quando finalmente apareceu em minha casa, quis logo ir embora depois do jantar e eu, um tanto envergonhado, deixei-o partir. Na noite seguinte, no entanto, aprontei mais uma arapuca, e depois de comermos fiquei conversando com ele até de madrugada. Quando estava a ponto de ir embora, convenci-o a ficar com o pretexto de que já era tarde. Descansava na cama ao lado da minha. Não havia mais ninguém no quarto, estávamos sozinhos...”⁹

Sócrates casou-se com Xantipa quando já estava com quase cinquenta anos, talvez mais para ter um filho do que uma mulher. Até então, sempre fizera o possível para evitar o matrimônio e, a quem lhe pedia um conselho a respeito do assunto, respondia invariavelmente: “Faça o que achar melhor, pois de qualquer maneira irá se arrepender”.¹⁰ Xantipa, mulher de temperamento decidido, ficou na história como o protótipo da esposa rabugenta e possessiva: não podemos esquecer, no entanto, que o próprio Sócrates tenha ficado lhe devendo alguma coisa em termos de popularidade. Até mesmo o *Corriere dei Piccoli*¹¹ dedicava-lhe, nos anos 1930, uma historinha semanal que sempre começava com o mesmo refrão:

*Todos sabem que Xantipa
sempre está com um nó nas tripas.
Chia no almoço e no jantar,
para Sócrates que pesar!*

Sempre fantasiou-se muito sobre este relacionamento entre o filósofo e a

mulher. A sua vida conjugal deve ter sido quase certamente muito mais normal do que estamos acostumados a pensar: ela era uma dona de casa como tantas outras, provida de bastante sentido prático para enfrentar os mais variados problemas concretos, com um (ou três) filhos para criar e um marido que, se não contarmos uma pequena renda deixada pela mãe, não trazia para casa nem um tostão. Ele, um bom sujeito, com ironia para dar e vender, queria-lhe bem e aguentava-a conformado. O que mais deixava Xantipa furiosa era o fato de ele quase nunca dirigir-lhe a palavra: da mesma forma que era falador com os amigos pelas ruas de Atenas, em casa o nosso filósofo era bastante taciturno. Diógenes Laércio conta que certa vez, durante uma briga, Xantipa ficou tão possessa que jogou em cima dele um balde cheio de água, e que Sócrates comentou a coisa dizendo: “Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, o trovão de Xantipa iria transformar-se em chuva”.¹² “Como tu aguentas?”, perguntou um dia Alcibíades. E ele: “Em certas ocasiões viver com uma mulher como Xantipa pode ser tão útil quanto amansar um cavalo bravo: depois estamos mais preparados para enfrentar os nossos semelhantes na ágora.”¹³ Sabe como é, afinal de contas já estou acostumado: é como ficar ouvindo o tempo todo o barulho incessante de um guincho.”¹⁴

Aristóteles informa que Sócrates também tinha uma segunda mulher chamada Mirto, filha nada menos que de Aristides o Justo.¹⁵ Pelo que nos conta Plutarco, o filósofo somente casou duas vezes devido à sua boa índole, uma vez que esta tal de Mirto, apesar de filha de um homem importante como Aristides, estava passando por todo tipo de privações.¹⁶ Outros afirmam, no entanto, que se tratava apenas de uma concubina levada para casa certa noite em que havia bebido demais. Seja como for, mulher ou amante, Mirto presenteou-o com dois filhos, Sofronisco e Menesseno, que com Lamprocles, o filho mais velho tido com Xantipa, aumentaram para três o número de descendentes do filósofo. Isto não deve ser motivo de surpresa para nós, uma vez que o governo de Atenas, para incentivar o crescimento da população ateniense, solicitava os cidadãos a terem vários filhos com mulheres diferentes.¹⁷

No que diz respeito ao triângulo Sócrates-Xantipa-Mirto, há um trecho bastante divertido num trabalho de Brunetto Latini.¹⁸ Só para não haver dúvida acerca de quem seja o cavalheiro, quero lembrar que se trata daquele mesmo Brunetto que Dante Alighieri coloca no Inferno no círculo dos sodomitas.¹⁹ A citação não tem o menor fundamento histórico, mas

ajuda-nos a entender o que se pensava acerca do relacionamento Sócrates-Xantipa durante a Idade Média.

“Sócrates foi mui grande filósofo daquele tempo. E era homem muito feio de se ver, pois era atarracado e disforme, de rosto hirsuto e largas narinas achatadas, de cabeça careca e cavada, de pescoço e ombros cabeludos, e pernas finas e tortas. E tinha duas mulheres ao mesmo tempo, as quais lutavam e se desentendiam amiúde porque o marido demonstrava mais afeição ora por uma, ora por outra. E ele, quando as encontrava às turras, atiçava-as para que se engalfinhassem e delas fazia troça ao ver que se arrancavam os cabelos por causa de um homem tão feio. Tanto assim que um dia, cansadas de tantas zombarias, pararam de se engalfinhar e caíram juntas em cima dele, e tanto o maltrataram que dos poucos cabelos que ele ainda tinha não sobrou nenhum.”

Por falar em guerra, Sócrates foi um bom soldado; podemos até dizer um bom *marine*, aliás: em 432 embarcou com mais dois mil atenienses para ir lutar em Potideia, uma pequena cidade no Norte da Grécia que se rebelara contra o opressivo poder de Atenas. Estávamos em plena guerra do Peloponeso e os atenienses, receando que a revolta se alastrasse por toda a Trácia, viram-se forçados a enviar ao local uma força expedicionária. Foi nesta ocasião que Sócrates mereceu a sua primeira menção honrosa ao salvar a vida do jovem Alcibíades durante a batalha: viu-o cair ferido no campo e carregou-o nas costas abrindo caminho entre as fileiras inimigas. Mais do que com a coragem do filósofo, no entanto, ficamos surpresos com a sua total indiferença diante dos incômodos da guerra: vejamos o que o próprio Alcibíades nos conta a respeito disto no *Simpósio*:

“Estivemos juntos no campo de Potideia e partilhávamos a mesma comida. Antes de mais nada devo dizer que não só era melhor do que eu nas tarefas militares, mas na verdade superava todos os demais. Se porventura tínhamos de passar fome, como aliás amiúde acontece durante uma guerra, comparados com ele, nós não éramos de nada. Na hora da pândega, por sua vez, parecia que só ele sabia aproveitar até o fim. E nem era preciso ele se esforçar: acontece que, na hora de tomar uns tragos, ninguém era capaz de beber como ele sem ficar bêbado. E quanto ao frio, que lá no Norte é terrível, aí então fazia verdadeiros milagres. Certo dia o gelo penetrava nos ossos até eles doerem: todos permaneciam trancados

nos abrigos e os poucos que precisavam sair envolviam o corpo e os pés numa incrível quantidade de peles e panos; pois bem, ele saiu por aí com a roupa de sempre e, descalço, caminhou no gelo como se não fosse com ele, tanto assim que alguns soldados pensaram que ele queria humilhá-los. Outra vez, perdido em algum pensamento, ficou plantado bem no meio do acampamento e continuou ali, imóvel de pé, meditando até o alvorecer; e uma vez que parecia não chegar a conclusão alguma, continuou a seguir a meada dos seus raciocínios em plena luz do sol. Lá pelo meio-dia, dando-se conta daquela estranha e muda imobilidade, alguns homens estranharam o seu comportamento e começaram a dizer uns para os outros: ‘Sócrates está mergulhado desde a alvorada em algum pensamento’. Finalmente, ao pôr do sol, alguns jônios aproveitaram o calor do verão para botar seus catres ao ar livre e controlar se ele iria ficar parado ali a noite inteira. Quando as primeiras luzes da nova alvorada iluminaram o céu, ele ainda estava lá.”²⁰

Este relato de Alcibíades faz-nos pensar que Sócrates era capaz de cair em estado de catalepsia, como acontece com alguns xamãs da Índia. O certo é que o homem não se importava minimamente com os confortos da vida moderna. Os seus trajes costumeiros, tanto no verão quanto no inverno, consistiam numa simples túnica chamada *quíton* ou, no máximo, num *tríbon*, uma manta de carneiro que ele tinha o hábito de vestir diretamente em cima da pele drapejando-a sobre o ombro direito (*epí déxia*). Quanto a sandálias e malhas de lã, não se fala. E nada chegava a despertar o seu interesse no âmbito do que podemos chamar de frivolidades de luxo. Certo dia deteve-se diante de uma loja em Atenas e, observando a mercadoria exposta, exclamou pasmo: “Veja só de quantas bobagens os atenienses precisam para viver!”²¹

Oito anos depois do cerco de Potideia, o encontramos novamente lutando, desta vez contra os beócios. A batalha está indo de mal a pior para os atenienses: logo depois do primeiro choque as tropas de Atenas são desbaratadas e forçadas a fugir. Sócrates e Alcibíades também têm de procurar abrigo.

“Eu estava entre os cavaleiros e ele entre os hoplitas”, conta Alcibíades, “e desta vez admirei Sócrates mais ainda do que em Potideia: parecia estar dando um passeio, enquanto olhava altivamente à esquerda e à direita. Recuava encarando com calma os amigos e os inimigos, e mostrando a todos que se alguém porventura ousasse atacá-lo, iria defender-se com fúria

até o fim.”²²

Aos quarenta e sete anos foi novamente chamado a servir o exército para participar da campanha de Anfípolis e, mais uma vez, cumpriu a contento o seu dever de soldado. Quase não dá para entender como um homem que podemos certamente considerar um pacifista, um verdadeiro Gandhi do século V, ao chegar ao campo de batalha, consegue transformar-se num excelente lutador. Na verdade, acontece que em relação à pátria e às autoridades constituídas Sócrates sempre foi ao mesmo tempo um revolucionário e um cidadão respeitador da lei. Eis aqui dois episódios que nos fazem compreender melhor as suas convicções morais.

Certo dia Crítias, que se tornara o chefe do governo dos Trinta Tiranos, mandou Sócrates e mais quatro atenienses buscar em Salamina o democrático Leonte para trazê-lo a Atenas, onde seria condenado à morte. Como resposta, o filósofo limitou-se a voltar para casa, ignorando a ordem como se não fosse com ele, apesar de saber que este desacato poderia custar-lhe a vida. Sorte sua que nesse meio-tempo Crítias morreu. O próprio filósofo conta-nos a história na *Apologia*: “Nesse caso mostrei claramente aos atenienses que não me importava nem um pouco com a morte, enquanto dava a maior importância ao fato de não cometer uma injustiça em relação a Leonte.”²³

Numa outra ocasião foi sorteado como juiz e participou do conselho dos Prítanes. Naquele dia deviam ser julgados dez estrategistas por não terem salvado a vida de alguns marujos atenienses que haviam caído no mar durante a batalha das Arginusas. Tratava-se claramente de um caso de justiça sumária, uma vez que não se podia saber com certeza qual dos comandantes manchara-se com a culpa de omissão de socorro. O povo bradava pedindo uma condenação indiscriminada. Sócrates, por sua vez, levantou-se contra esta injustiça e enfrentou com serenidade as ameaças dos parentes das vítimas.²⁴

Infelizmente para o filósofo, no entanto, não houve a mesma serenidade de julgamento quando foi a vez de ele ficar no banco dos réus: acusado de impiedade²⁵ pelo jovem Meleto, foi condenado pelos seus concidadãos a tomar a cicuta. Esta história de impiedade é um negócio bastante estranho: enquanto na vida de todos os dias, os atenienses se mostravam bastante tolerantes no que dizia respeito à religião, havia casos em que bastava expressar a mais vaga dúvida quanto à existência dos Deuses para se ter um problema. Na verdade, em Atenas ninguém fazia caso da religiosidade dos

outros, mas qualquer desculpa era válida para livrar-se de um adversário político ou de alguém como Sócrates que, com a sua dialética inexorável, ameaçava todos os dias o poder constituído. Entre os filósofos acusados de impiedade não podemos esquecer Anaxágoras, Protágoras, Diógenes de Apolônia e Diágoras: todos, a não ser Sócrates, salvaram-se fugindo.²⁶ Naquela altura dos acontecimentos, no entanto, em lugar de contar o processo da forma como nos foi relatado por Platão e Xenofonte, vamos tentar senti-lo na pele, “ao vivo”, no papel de dois dos quinhentos juízes: uns tais Eutímacos e Cálion.

– Cálion, filho de Filônides, tu também dos *heliastas*: ao que parece, preferes julgar o teu velho mestre a aproveitares o calor da cama ao lado da tua doce Taléxia.

– Não me parece teres sido o único, ó Eutímacos, a levantar com os primeiros raios matinais neste dia. O sol ainda nem despontara atrás dos montes do Imeto, e a cidade já fervilhava de atenienses sedentos de justiça. Tanto assim que lá onde eu moro, em Escambônida, havia tantos cidadãos a caminho da ágora para assistir ao processo de Sócrates que mal se conseguia avançar na multidão. Vi vários mercadores fechando suas lojas ou entregando-as aos escravos mais fiéis, e muitos *amides*²⁷ sendo esvaziados no escuro dos andares mais altos entre os protestos dos transeuntes. Quer dizer, havia uma estranha excitação no ar, como se em lugar de um processo todos estivessem indo às *oscoforias*.²⁸

Estamos em fevereiro de 339 a.C., o céu ainda está escuro, milhares de atenienses estão a caminho da ágora. Cada cidadão faz-se acompanhar de um escravo que segura uma tocha fumegante. Bastava muito pouco, naquela época, para as ruelas de Atenas se tornarem intransitáveis: Plutarco conta que elas eram tão estreitas que, para evitar trombadas, quem fosse sair de casa tinha a obrigação de bater na porta para avisar os transeuntes.

Com o lento passar do tempo, formam-se filas cada vez maiores de candidatos a juízes diante das urnas do sorteio. Para impedir que a multidão invada as zonas reservadas aos escolhidos, os escravos públicos encarregados do policiamento urbano mantêm esticado diante das entradas o “cordão vermelho”, uma corda pintada com tinta ainda fresca que, ao manchar um cidadão, iria afastá-lo durante um ano dos *misthos ecclesiasticos*, isto é, dos direitos de assembleia.

A justiça, na época de Péricles, era organizada da seguinte maneira: no começo de cada ano os arcontes sorteavam seis mil atenienses com mais de trinta anos e formavam a *Eliea*, isto é, o reservatório do qual iriam tirar quando necessário os quinhentos juízes requeridos para cada processo. O segundo sorteio, o definitivo, acontecia na mesma manhã em que a causa iria ser julgada, e isto para evitar que os réus tivessem tempo de corromper os juízes. Para dar andamento aos sorteios diários, diante da entrada dos tribunais haviam sido colocadas umas grandes caixas de mármore chamadas de *cleroterion*, com umas aberturas horizontais dentro das quais cada candidato deveria introduzir uma plaqueta de bronze com o seu nome. Estas plaquetas eram verdadeiras carteiras de identidade: tinham gravado o nome, o patronímico e o demo de origem. Por exemplo: “Cálion, filho de Filônides, do demo de Escambônida Z.” Esta última letra significava que Cálion pertencia à sexta seção da sua tribo. Depois de introduzir a plaqueta, um mecanismo interno fazia rolar por uma série de dutos um dado branco ou preto: conforme a cor do dado que saía do *cleroterion*, o cidadão faria ou não parte do júri. Para a sua participação os juízes recebiam um jetom de presença: três óbolos por dia, isto é, mais ou menos sessenta por cento do salário de um operário.²⁹

“No ano passado”, diz Eutímacos, “o Fado favoreceu-me quatro vezes: três como juiz popular e uma como juiz do *Freato* num processo que aconteceu na primavera nos arredores do Falero.”³⁰

O *Freato* era um tribunal especial que só se reunia quando era preciso julgar algum ateniense já condenado ao desterro. Não podendo contaminar com a sua presença o solo sagrado da pátria, o acusado era forçado a defender-se de dentro de um barco ancorado a uns poucos metros da costa, enquanto os juízes ficavam sentados na praia.

“Julgamos Auriloco, filho de Damão”, conta Eutímacos. “Uma vez que eu era amigo do pai, tencionava fazer o possível para salvar a sua vida; as provas contra ele, no entanto, eram tantas e tão graves que fui forçado a optar pela condenação à morte.”

“Acho que Sócrates também já é um caso perdido”, suspira Cálion, sinceramente contrariado. Tem gente demais que se sente completamente idiota comparada com ele, e ninguém é mais vingativo do que aquele que se sente inferior.”

“Se for condenado à morte, só poderá culpar a si mesmo: Sócrates é o

homem mais presunçoso que já apareceu neste mundo!”

“Como tu podes dizer uma coisa dessas? Logo ele que não se cansa de dizer que é um ignorante”, exclama Cálion, “que não sabe coisa alguma!”

“É justamente aí que se esconde a sua vaidade!”, rebate Eutímacos. “É como se ele dissesse a todos os homens: ‘Eu sou um ignorante, mas tu, que nem te dás conta da tua própria ignorância, és ainda mais ignorante do que eu!’ Agora, de tanto insultar os outros, é óbvio que mais cedo ou mais tarde alguém acaba reagindo e o faça pagar. Sabes de uma coisa, aliás? Acho até muito estranho que o velho tenha chegado aos setenta anos sem nunca ter sido exilado por *ostracismo*!”³¹

O *ostracismo* era um estranho procedimento bastante usado naquele tempo, uma espécie de eleição ao contrário. Quando um ateniense chegava à conclusão de que um concidadão podia de alguma forma prejudicar a *polis*, só precisava ir até a ágora e escrever o nome do seu inimigo na devida concha de louça (*óstrakon*). Quando a pessoa em questão chegava a ser assinalada seis mil vezes, tinha um prazo de dez dias para despedir-se de parentes e amigos, para logo a seguir ver-se forçada a partir para o exílio. A condenação podia mantê-la afastada da pátria por cinco a dez anos, dependendo do número daqueles que a subscreveram. A sociedade civil e as autoridades não tinham de justificar ou sequer explicar seus atos. A introdução desta prática havia sido proposta por Clístenes, o verdadeiro fundador de Atenas, como expediente capaz de evitar o culto da personalidade. Plutarco define-a como “uma moderada satisfação provocada pela inveja”.³² Se ainda estivesse vigorando hoje em dia, nem dá para imaginar quantos políticos, personagens da televisão e campeões esportivos seriam forçados a ir morar no exterior! Não vale a pena mencionar nomes, mas cada leitor está autorizado a preparar a sua própria lista de pessoas indesejáveis.

Lá vem Sócrates. Aparenta serenidade: está usando o costumeiro *tribon* e avança apoiando-se num bordão de carvalho.

“Olha só para ele, o velho irredutível”, exclama Cálion, “até parece que não está aqui para enfrentar um processo por impiedade, mas sim a ponto de participar de um simpósio: sorri, detém-se a conversar com os amigos e cumprimenta todos os que vê.”

“O arrogante de sempre”, protesta Eutímacos, mais venenoso do que nunca, “nem se dá conta de que o povo o considera culpado e gostaria de

vê-lo mais humilde e amedrontado.”

Enquanto isto, Sócrates subiu no palco e sentou-se à esquerda do arconte rei, à espera de que o magistrado declarasse aberto o processo.

“Heliastas”, proclama o magistrado, “os Deuses escolheram os vossos nomes na urna, para que vós possais absolver ou condenar Sócrates, filho de Sofronisco, da acusação de impiedade que lhe foi movida por Meleto, filho de Meleto.”

Nos tribunais de Atenas não existia a instituição jurídica do Ministério Público. A acusação podia ser feita por qualquer cidadão que, ao fazer isso, também assumia os relativos riscos: se o incriminado era condenado, o acusador apossava-se de um décimo dos seus bens, mas se era absolvido tinha de pagar uma multa de mil dracmas.³³ E tampouco havia advogados da defesa. Os acusados, tanto fazia se cultos ou ignorantes, precisavam defender-se sozinhos e, quando achavam que não tinham condição de fazê-lo, tinham permissão de contatar um *logógrafo* antes do processo, isto é, um especialista capaz de escrever o texto da defesa que seria então aprendido de cor. *Logógrafos* excepcionais foram Antifonte, Prodico, Demóstenes e Lísias.³⁴

– Concedo a palavra a Meleto, filho de Meleto – anuncia o magistrado, indicando um jovem de cabelo encaracolado e roupas rebuscadas.

Meleto sobe no pequeno pódio destinado à acusação: tem no rosto uma expressão altiva e sofredora, como é de se esperar de um poeta trágico. Está querendo mostrar-se magoado com o fato de atacar um pobre velho como Sócrates.

– Juízes de Atenas! – começa a dizer o jovem, virando lentamente os olhos para abranger todos os juízes sentados em arco diante dele. – Eu, Meleto, filho de Meleto, acuso Sócrates de corromper os jovens, de não reconhecer os Deuses que a cidade reconhece, de acreditar em demônios e de praticar cultos religiosos para nós estranhos.

Um longo murmúrio serpenteia na multidão: o ataque foi seco, direto. Meleto cala-se por alguns momentos para melhor salientar a gravidade daquilo que acabara de dizer, então recomeça a falar, escandindo com precisão cada palavra:

– Eu Meleto, filho de Meleto, acuso Sócrates de imiscuir-se em coisas que não lhe competem; de investigar acerca do que está sob a terra e acima do

céu, e de falar de tudo isso com todos, sempre tentando fazer com que a razão pior pareça a melhor. Por estes crimes peço aos atenienses que o condenem à morte!

Ao ouvirem estas últimas palavras todos viram-se para Sócrates para observar suas reações. O filósofo tem no rosto uma expressão maravilhada: mais do que o acusado, parece um espectador. Eurímacos dá uma cotovelada em Cálion e comenta a situação dizendo:

– Receio que Sócrates não tenha ainda entendido em que tipo de problema está metido. Meleto está certo: todos sabem que Sócrates nunca acreditou nos deuses. Contam que certo dia disse: “As nuvens provocam a chuva, Zeus nada tem a ver com isto, pois se realmente dependesse dele poderíamos ver chover também quando não há nuvens no céu.”³⁵

– Na verdade – objeta Cálion –, quem faz dizer estas coisas a Sócrates é Aristófanes, e não o próprio Sócrates.

O processo, enquanto isto, segue em frente e, depois de Meleto, sobem ao pódio mais dois acusadores: Anito e Licão.

– Apolodoro contou-me – diz Cálion – que ontem à noite Sócrates recusou a ajuda de Lísias.

– Havia preparado um discurso para defendê-lo?

– Isso mesmo, e parece que se tratava de um discurso extraordinário.

– Posso acreditar nisso: não há quem se compare ao filho de Céfalo, em Atenas! E por que o velho recusou, então? – pergunta Eutímacos.

– Não só recusou, como também repreendeu Lísias pela oferta. Parece que disse: “Com os teus truques e jogos de palavras tu estarias tentando enganar os juízes para o meu bem. E como pensas que vais proporcionar-me o bem se ao mesmo tempo estás tramando contra as Leis?”

– Presunçoso como sempre!

Anito e Licão acabam de levar a termo as suas intervenções. O magistrado vira a ampulheta de água que controla o tempo das orações e proclama:

– Dou agora a palavra a Sócrates, filho de Sofronisco!

Sócrates olha a sua volta como se estivesse a fim de ganhar tempo, coça o pescoço atrás da orelha, lança um olhar para o arconte rei e vira-se então para os juízes.

– Não posso imaginar a impressão que tivestes ao ouvir as razões dos

meus acusadores, meus concidadãos atenienses, mas reconheço que falaram com tamanha veemência e persuasão que, se não se tratasse da minha própria pessoa, até eu acreditaria nas palavras deles. Acontece, porém, que estes senhores não disseram coisa alguma que fosse verdadeira. E agora querei perdoar-me se eu não me dirigir a vós com frases bonitas. Falarei do meu jeito, como sempre costumo fazer, mas em compensação tentarei só dizer coisas justas, e é só nisso que é preciso prestar atenção: se o que vou dizer... é ou não é justo!

– Lá vem ele de novo com os seus discursos tortuosos! – exclama Eutímacos já dando sinais de impaciência. – Pelos Deuses, como me é antipático!

– Fique quieto, Eutímacos – pede Cálion. – Quero ouvir.

– Gostaria de contar-vos sobre um estranho episódio que aconteceu com Querofonte, meu dileto amigo desde a mocidade. Certo dia ele foi a Delfos e atreveu-se a fazer ao oráculo uma estranha pergunta: “Será que há no mundo alguém mais sábio do que Sócrates?” E sabem qual foi a resposta do Apolo Pítio? “Ninguém no mundo é mais sábio do que Sócrates.” Podeis imaginar a minha surpresa quando Querofonte contou-me a história: o que será que o Deus queria dizer com aquilo? Eu sei muito bem que não sei nem muito nem pouco, e uma vez que o Deus não pode mentir, pergunto a mim mesmo: que verdade ele quis esconder atrás do enigma? Tenho como testemunha o irmão de Querofonte, pois este já não se encontra entre os vivos.

– Gostaria de saber o que toda esta história de Querofonte tem a ver com a acusação de impiedade! – desabafa Eutímacos. – Se há uma coisa que não suporto em Sócrates é justamente este seu jeito de buscar coisas de tão longe: para mim isto já bastava para condená-lo à morte!

– E para entender a mensagem do Deus – continua Sócrates sem pestanejar – botei o pé na estrada e fui procurar um daqueles que têm fama de sábios. Não vos contarei o nome, atenienses: ficai sabendo apenas que era um dos nossos mais eminentes políticos. Pois bem, este bom homem bem que tinha pose de sábio, mas logo pude ver que era só aparência. Procurei então fazer com que ele entendesse, mas só consegui ganhar o seu ódio. Logo a seguir fui visitar alguns poetas: segurei entre as mãos as poesias deles, ou pelo menos aquelas que me pareciam melhores, e perguntei o que queriam dizer. Concidadãos, fico até envergonhado ao vos dizer a verdade... quem pior raciocinava, sobre qualquer composição

poética, era justamente o autor! Depois dos políticos e dos poetas, fui ter com os artistas e adivinhei o que descobri? Que eles, certos de estar praticando a contento o seu ofício, também achavam-se peritos em outros campos, até mesmo nos mais importantes e difíceis. Naquela altura entendi o que o oráculo quisera dizer: “Sócrates é o mais sábio entre os homens porque é o único a saber que não sabe.” Enquanto isto, no entanto, tinha conseguido arranjar o ódio dos poetas, dos políticos e dos artistas; e não é por acaso que hoje estou aqui, sendo acusado num tribunal por Meleto, que é um poeta, por Anito, que é um político e por Licão, que é um orador.

– As palavras de Sócrates não passam de meras insinuações – rebate Meleto. – Tenta antes defender-te da acusação de corromper os jovens.

– Dize-me, então, Meleto, como achas que eu poderia corromper os jovens?

– Dizendo-lhes que o Sol é uma pedra e que a Lua é feita de terra – responde Meleto.

– Tenho a vaga impressão de que tu estás a confundir-me com outro: os jovens podem ler essas coisas quando bem quiserem comprando por uma dracma os livros de Anaxágoras de Clazômenas em qualquer canto da ágora.

– Tu não acreditas nos Deuses! – grita Meleto, ficando de pé e apontando para ele, ameaçador. – Tu só acreditas nos Demônios!

– E quem seriam os tais Demônios? – pergunta Sócrates, imperturbável. – Filhos maldosos dos Deuses? Está então querendo dizer que eu não acredito nos Deuses, mas sim apenas na existência dos filhos dos Deuses? Seria o mesmo que dizer que acredito nos filhos dos cavalos, mas não nos próprios cavalos.

Uma gargalhada do público encobre durante alguns momentos a voz de Sócrates. O filósofo espera que o ambiente se acalme para então virar-se para o segundo acusador.

– E tu, Anito, que estás a pedir a minha morte, por que não trouxeste aqui, na presença dos juízes, todos os tais jovens que eu teria supostamente corrompido? Só para facilitar-te a tarefa, eu mesmo poderia ter indicado alguns nomes. Com o passar do tempo muitos deles já se tornaram adultos, e hoje poderiam testemunhar contra mim confirmando que os transviei. Aqui estão eles, olhando para nós: aquele é Críton com o filho Critóbulo, e aí há Lisânias de Esfeto, com o filho Ésquines, e também Antifonte de

Cefísia, Nicostrato, Parálio, Adimanto com o irmão Platão, e também posso ver Aiantadoro com o irmão Apolodoro. Talvez eu conseguisse amansar a tua fúria, ó Anito, se promettesse partir para o exílio para nunca mais voltar. Mas acredita: só estaria obedecendo como favor pessoal para ti, pois na verdade acho que isso só prejudicaria os atenienses. Ao contrário, nunca desistirei de estimular-vos, até de repreender-vos um por um, de ficar atrás de vós o dia inteiro, seja lá onde for que vós estejais, como um moscardo que azucrina sem parar uma égua de boa raça que quer dormir, pois é justamente isso que o Deus Apolo exige de mim. Concidadãos, a égua de que estou falando é Atenas, e se me condenarem à morte não vos será tão fácil assim encontrar outro moscardo que possa manter acordada a vossa consciência. Mas já basta: o que eu tinha a dizer já foi dito. Agora poderia mandar entrar os amigos, os parentes, os filhos ainda pequenos para invocar a vossa misericórdia, como muitos costumam fazer. Eu também tenho família: tenho três filhos, mas não irei chamá-los aqui, porque o que está em jogo é a minha reputação, e a vossa. O juiz não deve ser levado a perdoar quem o comove, ele só deve pensar nas Leis.

A derradeira gota escoou na ampulheta. Sócrates chegou ao fim do seu discurso e recua para sentar num banco de madeira atrás dele. Os amigos mais chegados procuram estimular o consenso do público com um tímido aplauso, mas a tentativa se perde no desinteresse geral. Passa-se então à votação.

– Não há sombra de dúvida: é culpado! – sentencia Eutímacos ao se levantar. – E ainda que não fosse, mereceria mesmo assim ser condenado. As suas palavras, o seu contínuo duvidar das convicções alheias, tudo são coisas que prejudicam a *pólis*. Sócrates espalha insegurança. Quanto antes ele morrer, melhor para nós!

– Não estaria tão certo disto, se eu fosse você – rebate Cálion com fervor. – Uma cidade digna deste nome precisa ter alguém que fique de olho nela, e Sócrates é o único capaz de fazê-lo: é imparcial, não é um político e, principalmente, é pobre. Mesmo que fosse culpado, ninguém poderia acusá-lo de agir em prol de si mesmo.

– E tu achas, Cálion, que a pobreza é um bom exemplo para os jovens? Gostarias que os nossos filhos se tornassem parecidos com ele? Sempre andando de um lado para o outro da ágora, perguntando continuamente a uns e outros: “O que é o bem? O que é o mal? O que é justiça? O que é

injustiça?”

Sem esperar uma resposta, Eutímacos levanta-se de chofre e, segurando com firmeza o *psephos*, a pedrinha preta da condenação à morte, encaminha-se para as urnas. Enquanto avança entre a multidão de juízes não perde a ocasião de influenciar os demais.

– Chega de Sócrates! Vamos nos livrar dele de uma vez por todas! Diz que é um moscardo que azucrina Atenas. Eu também acho, e digo mais: qual cavalo não gostaria de livrar-se dos seus moscardos? Qual cavalo não os esmagaria se só tivesse mãos?

Cálion continua em dúvida: consulta os vizinhos para ter uma ideia daquilo que pensa a maioria. Parece que o júri ficou dividido em duas partes praticamente iguais: os que odeiam Sócrates e os que afirmam ser ele o melhor homem do mundo. Cada um, enquanto espera a vez na fila das urnas, defende a sua tese. Enquanto isso os que já votaram acomodam-se da melhor maneira possível nas arquibancadas para fazer uma boquinha. Abrem as cestas de vime e tiram delas sardinhas, azeitonas e bolinhos de *maza*.³⁶ Antifonte, depois de pedir permissão ao chefe dos *Onze*,³⁷ aproxima-se de Sócrates levando uma bandeja com figos e nozes. Os processos, em Atenas, duravam o dia todo e os juízes não tinham permissão para deixar o tribunal. Até o pôr do sol eles tinham de tomar uma decisão de qualquer maneira: não havia a possibilidade de um acusado ficar à espera do veredicto.

A contagem dos votos já chegou ao fim.

– Cidadãos de Atenas! – proclama o magistrado com solenidade. – Eis a sentença emitida pelos Heliastas: votos brancos 220, votos pretos 280. Sócrates, filho de Sofronisco, foi condenado à morte!

Um “oh” de aflição rumoreja entre o povo amontoado perto do recinto dos juízes. Críton esconde o rosto entre as mãos. Depois de uma breve pausa o magistrado retoma a palavra.

– E agora, segundo as leis de Atenas, pedimos que o condenado proponha ele mesmo uma pena alternativa.

Sócrates volta a levantar-se, olha a sua volta e abre os braços em sinal de conformada aflição:

– Uma pena alternativa? E o que foi que fiz para merecer uma pena? Passei a vida inteira descuidando dos meus interesses pessoais, da família e da casa. Nunca almejei cargos militares nem honrarias públicas. Nunca

imiscuí-me em conspirações ou qualquer outro tipo de agitações. Que penas cabem a alguém que se portou assim? Gostaria de estar errado, mas acho que na verdade eu mereceria até um prêmio, o de poder hospedar-me no Pritaneu³⁸ à custa do Estado.

Um coro de protestos encobre estas últimas palavras. O pedido absurdo do filósofo parece a muitos juízes uma gozação, uma verdadeira provocação. O próprio Sócrates percebe que exagerou. Retoma a palavra e procura acalmar os ânimos:

– Tudo bem, tudo bem, meus caros concidadãos: acho que não consegui explicar-me direito. Alguém pode ter confundido o meu desejo de justiça com um gesto de arrogância. Mas disse a verdade: o que mais poderia eu propor como pena? O exílio? Uma multa em dinheiro? E que multa poderia pagar um homem como eu, que nunca ensinou para ter algum lucro? No máximo, poderia pagar uma mina de prata.

Os protestos tornam-se mais ruidosos. Uma mina de prata é quase nada como alternativa para uma sentença de morte. Parece até que Sócrates está fazendo o possível para ser condenado.

– Está bem – suspira o filósofo, apontando para Críton e os demais discípulos –, aqui temos uns amigos meus que insistem para que eu pague uma multa de trinta minas. Ao que parece, eles mesmos prontificam-se a garantir o pagamento.

Começa então a segunda votação: condenação à morte ou multa de trinta minas. Infelizmente a primeira “pena” proposta pelo filósofo (a de ficar como hóspede no Pritaneu à custa do Estado) irritou a tal ponto os juízes que muitos daqueles que num primeiro momento haviam ficado do seu lado levantam-se agora contra ele. Desta vez as pedrinhas pretas são muito mais numerosas: 360 contra 140.

– Cidadãos atenienses – conclui Sócrates –, receio que tendes assumido graves responsabilidades em relação à *pólis*. Sou um velho: era só esperar mais um pouco e a morte iria chegar de qualquer maneira, de forma natural. Ao agirem desse jeito nem mesmo vão ter certeza de ter-me punido. Sabeis ao certo o que é morrer? Não há dúvida de que é uma destas duas coisas: um mergulho até perder-se no nada, ou então uma viagem para algum outro lugar. Na primeira hipótese, acreditai, a morte poderia ser até uma coisa boa: nunca mais aflição, nunca mais sofrimento; no segundo

caso, por sua vez, eu teria a sorte de poder encontrar uma porção de pessoas excepcionais. Quanto cada um de vós estaria disposto a pagar para falar a sós com Orfeu, com Museu, com Homero ou com Hesíodo? Ou então com Palamedes e com Ajax o Grande, que morreram ambos por terem sido tratados de forma injusta.³⁹ Mas vejo que já é hora de partir: eu, rumo à morte e vós, rumo à vida. Quem, entre nós, terá um destino melhor vai continuar sendo um mistério, a não ser para os deuses.

Por que Sócrates foi condenado à morte? Agora, depois de 2.400 anos, continua havendo quem ainda se pergunte isto. Os homens, para viver, precisam de certezas, e quando elas não existem sempre aparece alguém que as inventa para o bem de todos. Ideólogos, profetas, astrólogos, uns de boa-fé e outros apenas por interesse, lançam continuamente novas verdades com as quais aliviam as angústias da sociedade. E se então chega alguém dizendo que ninguém sabe realmente coisa alguma, eis que este homem torna-se de repente o inimigo público número um dos políticos e dos sacerdotes. Este homem deve morrer!

Platão dedicou ao processo e à morte de Sócrates nada menos que quatro diálogos:

- o *Eutífrone*, onde vemos o filósofo, ainda livre, indo para o tribunal a fim de conhecer as acusações que lhe foram movidas pelo jovem Meleto;
- a *Apologia*, com a descrição do processo;
- o *Críton*, com a visita no cárcere do seu amigo mais querido;
- o *Fédon*, com os últimos instantes de vida e o discurso sobre a imortalidade da alma.

São obras que os editores nunca se cansam de publicar, reunindo-as às vezes num único volume,⁴⁰ e aconselhamos a leitura delas a todos aqueles que desejam conhecer com mais profundidade o caráter e o pensamento do grande filósofo.

Sócrates não foi justificado logo após o processo pois naqueles mesmos dias havia sido enviada uma missão para Delos, e a tradição exigia que durante a viagem do Navio Sagrado se adiassem todas as execuções capitais.⁴¹ Depois de uns vinte dias ainda encontra-mo-lo na prisão com o conterrâneo e coetâneo Críton.

Está alvorecendo: Sócrates continua dormindo e Críton senta a seu lado,

em silêncio. A certa altura o filósofo acorda de chofre: vê o amigo e pergunta:

– O que estás fazendo aqui, a esta hora, meu bom Críton? Não é cedo demais para as visitas?

– É verdade, ainda nem amanheceu.

– E como conseguiste entrar?

– Dei uma gorjeta ao chefe dos *Onze*.

– Já faz muito tempo que estás aqui?

– Bastante.

– E por que não me acordaste?

– Tu parecias dormir tão tranquilo que achei melhor não acordar – responde Críton. – Não consigo entender como tu podes continuar tão sereno nesta desgraça!

– É justamente o contrário que deveria deixar-te surpreso – responde Sócrates sorrindo –, imagine como seria ridículo se, na minha idade, eu ainda fosse me queixar da morte.

No diálogo que leva o seu nome, Críton porta-se mais ou menos como o doutor Watson com Sherlock Holmes: o mestre fala e ele só interrompe para dizer “Isso mesmo, ó Sócrates” ou então “É a pura verdade, ó Sócrates”. Em compensação o filósofo é muito mais delicado do que o colega inglês; nunca humilha o amigo com um impiedoso “Elementar, Críton!”. No fim acabamos percebendo que o diálogo não passa de um monólogo de Sócrates.

– Por que chegaste tão cedo, meu bom Críton?

– Estou aqui para comunicar-te uma notícia dolorosa: – responde Críton num tom de desespero – alguns amigos disseram-me que o navio de Delos acaba de dobrar o cabo Súnion. Hoje, ou no máximo amanhã, deve estar chegando a Atenas.

– E o que há de estranho nisto? Mais cedo ou mais tarde ela bem que tinha de chegar – replica Sócrates –, quer dizer que foi essa a vontade dos Deuses.

– Não fales assim, e deixa-te convencer a salvar a tua vida. Já tomei as devidas providências com os carcereiros: nem estão pedindo muito para deixar-te fugir. E de qualquer maneira muitos outros prontificaram-se a ajudar, como Símia de Tebas, por exemplo, ou Cebete. Não deixes que amanhã alguém possa dizer: “Para não gastar o seu dinheiro, Críton não

ajudou Sócrates a fugir.”

– Estou pronto a seguir o teu conselho, mas antes gostaria que decidíssemos juntos se é justo que eu tente sair do cárcere contrariando a vontade dos atenienses. Pois se for justo, então faremos, mas, se for injusto, desistiremos.

– Muito bem dito, ó Sócrates.

– Tu não achas, Críton, que nunca se deve cometer injustiça na vida, por motivo nenhum?

– Por motivo nenhum.

– Nem mesmo se antes nós mesmos sofremos uma injustiça?

– Nem mesmo neste caso.

– Vamos supor então que justamente quando estou a ponto de escapular as Leis apareçam por aqui e perguntem: “Diga, ó Sócrates, o que tencionas fazer? Não estarás tu prestes a nos destruir, logo a nós que somos as Leis, destruindo assim conosco toda a cidade de Atenas?” Qual poderá ser então a nossa resposta para estas e outras palavras parecidas? Explicaremos que antes da fuga fomos penalizados com uma condenação injusta?

– Claro, pois foi isto mesmo que aconteceu.

– E se as Leis responderem: “Fica sabendo, ó Sócrates, que é preciso obedecer a todas as sentenças, justas ou injustas que elas sejam, uma vez que toda a existência do homem é regida pelas Leis. Não fomos nós, afinal, a dar-te a vida? E não foi graças a nós que teu pai casou com tua mãe e te gerou? E não fomos mais uma vez nós a ensinar-te o respeito pela pátria e a firmeza diante do inimigo?” Se estas forem as perguntas, o que iremos responder: que estão dizendo verdades ou mentiras?

– Que estão dizendo a verdade.

– E apesar disto tu gostarias que eu, depois de disfarçar-me de forma ridícula com um capuz em cima dos olhos, quem sabe até com roupas de mulher, fugisse de Atenas para abrigar-me na Tessália, onde os homens costumam viver na mais desordenada devassidão, e tudo isso só para acrescentar mais uns anos a uma vida que já está chegando ao fim. E quais ideias ainda poderia ponderar acerca da virtude e da justiça depois de ter infringido as Leis?

– Nenhuma, na verdade.

– Então, meu bom amigo, tu mesmo estás vendo que não posso de forma alguma fugir; mas se de algum modo tu achas que ainda pode convencer-me, fala e eu te ouvirei com a maior atenção.

- Não, meu bom Sócrates, nada mais tenho a dizer!
- Conformate, então, ó Críton, pois este é o caminho pelo qual os Deuses nos levam.

O dia seguinte é o da execução. Os amigos marcam um encontro diante da entrada do cárcere e esperam com ansiedade que o chefe dos *Onze* os deixe passar. Estão quase todos ali, há o fiel Apolodoro, o onipresente Críton com o filho Critóbulo, o jovem Fédon, Antístenes o Cínico, Hermógenes o Pobre,⁴² Epígenes, Menesseno, Ctesipo e Ésquines, o filho do chouriceiro. Alguns vieram de longe, como os tebanos Símia e Cebete, ou então como Térpsion e Euclides, que são de Mégara. Entre os discípulos mais conhecidos faltam Aristipo, Cleombroto e principalmente Platão que, ao que parece, naquele dia estava com febre.

Ao entrarem na cela, os discípulos encontram Sócrates em companhia de Xantipa e do filho menor. Quando vê o grupo chegar a mulher começa a gritar, tomada de desespero.

- Ó Sócrates, esta é a última vez que os amigos falarão contigo e tu com eles!

O filósofo vira-se então para Críton dizendo:

- Por favor, peço-te que alguém a leve para casa.
- Mas tu vais morrer inocente! – protesta Xantipa enquanto a arrastam para fora da cela.
- E o que tu querias – pergunta Sócrates –, que eu morresse culpado?

Enquanto isso um dos carcereiros encarregou-se de soltar a corrente dos pés do prisioneiro.

- Que coisas mais estranhas são o prazer e a dor – diz Sócrates apalpando o tornozelo dolorido –, até parece que cada um deles acompanha sempre o seu contrário sem, no entanto, querer ficar ao mesmo tempo na mesma pessoa. Enquanto antes, sob o peso da corrente, na minha perna havia somente dor, agora já posso sentir uma agradável sensação de prazer a substituí-la. Se Esopo tivesse reparado nesta relação prazer-dor tenho certeza de que teria inventado alguma linda fábula.

A conversa muda então de assunto passando a tratar da morte e do além. Ao falar nisso Sócrates menciona algo que se assemelha ao Inferno e ao Paraíso.

- Acredito que algum tipo de futuro aguarda os mortos – diz

textualmente o mestre – e que este futuro seja melhor para os bons do que para os maus.

Começa então o debate sobre a imortalidade da alma. O tebano Símia, comparando o corpo a um instrumento musical e a alma à harmonia gerada pelo mesmo instrumento, afirma que uma vez quebrada a lira (isto é, o corpo) com ela também morre a harmonia (isto é, a alma). Cebete não concorda e propõe a hipótese da reencarnação.

– A alma é como um homem que durante a vida gastou várias capas. Cada capa, isto é, cada reencarnação, será menos longa do que o seu dono, a não ser a última que viverá mais tempo do que ele.

Em outras palavras, no entender de Cebete, quando alguém morre poderia ter o azar de ter chegado à sua etapa derradeira, concluindo então desta forma a sua vida. Sócrates não compartilha desse pensamento e defende a tese da imortalidade da alma. Todos ficam tão entregues ao calor da conversa que Críton acaba intervindo para repreender o mestre.

– O carcereiro, ó Sócrates, recomenda que tu fales o mínimo indispensável. Diz que, se tu te deixares levar pelo entusiasmo, o veneno não fará o efeito devido no seu corpo e ele será forçado a ministrar-te duas ou talvez até três doses.

– Dize-lhe então que pode preparar os cálices, mas que agora, por favor, nos deixe conversar à vontade.

Em seguida, vira-se novamente para os discípulos e recomeça a falar da alma.

– Somente os maus podem desejar que depois da morte só haja o nada, e é lógico que pensem assim, pois é do interesse deles. Mas eu acho que eles ficarão andando sem rumo pela escuridão do Tártaro, e que só quem viveu uma existência honesta e tolerante terá a permissão de ver a Verdadeira Terra.

– O que estás querendo dizer, Sócrates, com a expressão “Verdadeira Terra”? – pergunta Símia um tanto perplexo.

– Tenho certeza de que a Terra é esférica – responde Sócrates. – Ela não precisa de um ponto de apoio para ficar onde está, pois encontrando-se no centro do Universo não teria para onde cair. E também acredito que seja muito mais extensa do que nos parece pois, uma vez que só conhecemos aquela parte que vai de Fási até as Colunas de Hércules,⁴³ somos como formigas ou sapos que vivem em volta de um pequeno brejo. Os homens

acreditam estar vivendo no topo da Terra, mas na verdade encontram-se numa cavidade, da mesma forma daqueles que, morando num abismo marinho, poderiam confundir a superfície do mar com a abóbada celeste. Dizem que a Verdadeira Terra tem a aparência de uma bola de couro com doze facetas,⁴⁴ com reflexos multicoloridos e iridescentes. Algumas partes dela têm o esplendor do ouro, e outras brilham com a candura da neve, mais outras são prateadas ou purpúreas. As suas próprias cavidades, uma vez que estão cheias de água ou de ar, vistas de fora refletem uma irisada variedade de cores. E da mesma forma as árvores, as frutas, as flores, as pedras e as montanhas da Verdadeira Terra são tão lisas e transparentes que, comparadas com elas, as pedras que aqui são tão admiradas e valiosas tornam-se opacas. Naquele lugar, homens beatos moram nas margens do ar assim como aqui embaixo nós moramos na orla do mar.

– Quem conta estas coisas? – pergunta ajuizadamente Símia.

Sócrates ignora a interrupção e continua:

– Por outro lado, nas profundezas da Terra há aquela grande voragem que Homero e muitos outros poetas chamaram de Tártaro. Para lá confluem todos os rios e de lá defluem de novo. Deles todos, há quatro que não podemos esquecer: o rio Oceano que corre em volta da Terra, o Aqueronte que escorre em sentido contrário e deságua num pântano chamado Aquerusíada, o Piriflegetonte que, sendo de fogo, logo que encontra uma brecha esparrama-se sobre a Terra na forma de lava, e finalmente o quarto rio, o Cócito que, com seu percurso espiralado, se precipita nas entranhas da Terra até desaguar no próprio Tártaro. Para lá, no pântano Aquerusíada, são levadas as almas daqueles que se mancharam com graves culpas. Algumas delas, uma vez que agiram tomadas de raiva, depois de um período mais ou menos longo, poderão voltar à superfície; outras, no entanto, devido à gravidade dos seus crimes, são condenadas para a eternidade. Este é portanto o destino que cabe às almas dos seres vivos: os maldosos no Tártaro e os puros na Verdadeira Terra. É por isto que na vida vale a pena adquirir virtude e sabedoria por meio da filosofia; pois lindo é o prêmio e grande a esperança!

– Acreditas realmente naquilo que acabas de dizer, ó Sócrates? – volta a insistir Símia.

– Acreditar não é coisa própria do homem ajuizado, mas em compensação proporciona uma imensa paz interior...

Nessa mesma hora um escravo aparece no limiar do aposento: segura nas

mãos um pilão de mármore com as folhas de cicuta.

– O destino está chamando – diz Sócrates levantando-se.

– Mais algum pedido? – murmura Críton, tentando não deixar transparecer o desespero. – Como queres ser sepultado?

– Como quiserdes, desde que consigais segurar-me antes que eu escapula de entre as vossas mãos – responde Sócrates rindo. – Afinal, meu bom Críton, como posso botar na tua cabeça que Sócrates sou eu, este aqui que agora conversa contigo, e não o outro que dentro em breve estará jazendo morto neste catre?

Já está na hora. Xantipa, Mirto e as três crianças entram para as últimas despedidas. Sócrates dá um afetuoso abraço nas mulheres e nos filhos e então convida-os a sair. Apolodoro já não consegue reprimir as lágrimas. Volta o representante dos *Onze*.

– Sócrates – diz o carcereiro –, certamente não terei motivo de queixas contigo, como já aconteceu com muitos outros que, antes de morrer, praguejaram contra Atenas e amaldiçoaram-me do pior jeito possível. Enquanto estiveste aqui tive a oportunidade de conhecer-te e devo dizer que tu és a pessoa mais bondosa e afável entre todas as que já apareceram neste lugar.

Logo depois de dizer isso, o representante dos *Onze* desata a chorar e sai da cela. Sócrates fica um tanto embaraçado: já não sabe o que dizer e então, para dispersar o clima de comoção que se criou, vira-se para Críton e convida-o a mandar entrar o escravo com a cicuta.

– Qual é a pressa, meu bom amigo? O sol ainda não se pôs – protesta Críton. – Soube de condenados que esperaram até o último raio para tomar a poção, e de outros que só deram o derradeiro passo depois de se fartar de comida ou de fazer amor com uma mulher especialmente escolhida para a ocasião.

– É natural que alguém se comporte desse jeito quando acha vantajoso adiar ao máximo o momento da morte – rebate Sócrates –, mas também é natural que eu faça exatamente o contrário, uma vez que ao manifestar um excessivo apego pela vida tornar-me-ia patético e desmentiria num piscar de olhos tudo aquilo que sempre preguei.

Entra o homem com a taça de veneno.

– Meu bom homem – Sócrates lhe diz –, tu que estás acostumado a essas coisas, dize-me: o que devo fazer nestas circunstâncias?

– Nada além de engolir e ficar andando de um lado para o outro da cela – responde o escravo. – Então, quando começares a sentir-te trôpego e com as pernas dormentes, deita-te no catre e o remédio cuidará do resto.

– Achas que com tal bebida se pode dirigir um brinde a algum Deus? – pergunta Sócrates.

– Não nos ocupamos disso: limitamo-nos a preparar a poção que achamos suficiente.

Ao dizer isto o escravo entrega o veneno a Sócrates que, sem qualquer indecisão, engole-o de uma só vez. Um gesto repentino, inesperado e definitivo que abala todos os presentes, até mesmo aqueles que até então haviam conseguido refrear as lágrimas. Críton está desesperado, levanta-se e sai da cela. Apolodoro, cujas faces já estavam molhadas de pranto, começa a soluçar descontrolado. Fédon chora escondendo o rosto entre as mãos.

O pobre Sócrates não sabe mais o que fazer: passa de um para outro tentando confortar cada um deles: corre atrás de Críton e leva-o de volta à cela, afaga a cabeça de Apolodoro, abraça Fédon e enxuga as lágrimas de Ésquines.

– Afinal, o que há convosco? – protesta Sócrates, entre um e outro gesto de consolo. – Mandei sair Xantipa e as crianças justamente para evitar cenas como estas: nunca poderia imaginar que vós iríeis portar-vos ainda pior. Ficai firmes e serenos, meus amigos, como convém aos filósofos e aos homens de bem.

Ao ouvirem estas palavras os discípulos ficam um tanto envergonhados e Sócrates aproveita para andar de um lado para o outro da cela, seguindo o conselho do escravo. Depois de alguns minutos, sentindo as pernas cada vez mais pesadas, deita-se no catre e fica esperando calmamente pelo fim. O escravo aperta com força a sua perna e pergunta se está sentindo alguma coisa. Sócrates diz que não: o veneno está cumprindo o seu papel. O ventre, nesta altura, também perdeu qualquer sensibilidade.

– Não te esqueças, Críton, estamos devendo um galo a Asclépio – sussurra Sócrates –, lembra-te de devolvê-lo em meu nome.

– Farei isto – assegura Críton. – Há mais alguma coisa que queres que eu faça?

Mas Sócrates já não responde.

Alguns dias depois os atenienses arrependem-se de ter condenado Sócrates: fecham todos os seus ginásios, os teatros e as escolas, mandam para o exílio Anito e Licão e condenam à morte Meleto.

A vida e o pensamento de Sócrates são uma coisa só. Na prática, ele não fez outra coisa a não ser tentar encontrar a verdade em cada pessoa com que conseguiu entrar em contato: perseguiu os homens como um cão de caça, deteve-os nas esquinas das ruas, martelou-os com perguntas forçando-os a olhar dentro de si mesmos, bem no fundo da alma. Com todo o respeito pelo gabarito moral do filósofo, não duvido nem um pouco que muita gente, em Atenas, devia fugir dele como da peste. Logo que a sua figura atarracada aparecia na Porta Sagrada devia ser um corre-corre com todo mundo gritando: “*Oilloco, oilloco, fuitavenne!*”⁴⁵

Platão conta no *Laques* que “qualquer um que se aproximasse de Sócrates e começasse a conversar com ele, não importa qual fosse o assunto, nunca iria ser deixado ir embora se antes não desse uma boa explicação de si mesmo”⁴⁶ e Diógenes Laércio acrescenta que muitas vezes os seus interlocutores, só para livrar-se dele, acabavam dando-lhe um soco e arrancando os seus cabelos”.⁴⁷

Provavelmente, quando ainda jovem, ele também deve ter começado a estudar a natureza e as estrelas, como afinal costumavam fazer todos aqueles que se interessavam pela filosofia, mas depois, em certa altura, percebeu que a física não o interessava muito e concentrou-se então no problema do conhecimento e na ética. A quem lhe propunha uma longa viagem para instruir-se, ou até mesmo um passeio no campo, respondia sorrindo: “E tu achas que eu deveria buscar algum conhecimento nas plantas e nos animais, quando aqui na cidade tenho ao meu dispor todos os homens de que preciso, e todos eles tão instrutivos?”⁴⁸

Para sintetizarmos ao máximo o pensamento de Sócrates irei propor, logo a seguir, três assuntos tipicamente socráticos: *maiêutica*, o *universal*, e o *gênio* (no sentido de espírito sobrenatural).

A *maiêutica*. Quando Sócrates diz “sei que não sei” não está negando a existência da verdade (como os sofistas fizeram antes dele), mas sim incitando à busca da mesma. É como se estivesse dizendo: “Rapaz, a verdade existe, embora eu não a conheça; agora, como não creio que alguém que a tenha conhecido não a leve em conta, parece-me indispensável alcançar o ‘conhecimento’. Só assim, com efeito, poderemos saber com certeza de que lado fica o Bem.”

Vamos ver, agora, se conseguimos descrever a mente humana como devia imaginá-la Sócrates: no centro, um enorme amontoado de ervas daninhas e,

bem escondida embaixo daquela confusão, a verdade, isto é, a avaliação correta dos comportamentos, o “sentido das coisas”. O que fazer, Sócrates pergunta a si mesmo, para alcançar o conhecimento? Antes de mais nada livrar-se das ervas daninhas, e depois puxar para fora a verdade. Na primeira fase, que poderíamos chamar de “operação limpeza” ou *pars destruens* para os amantes do latim, Sócrates recorre à *ironia*. A palavra vem do grego e quer dizer “interrogar dissimulando” (de *éiromai*, interrogar, e *eironeúomai*, dissimular). Ninguém melhor do que ele nesta arte. Aparentando a mais absoluta ignorância e parvoíce, finge o tempo todo querer aprender alguma coisa com o interlocutor: acossa-o com perguntas cada vez mais precisas para finalmente encurralá-lo diante das suas contradições. A erva daninha que mencionamos, com efeito, é o conjunto dos preconceitos, dos falsos ideais e das superstições que ocupam a nossa mente. Depois de capinarmos o campo e livrá-lo destas escórias, chega a hora de deixar à mostra o verdadeiro conhecimento, e é aí que intervém a *maiêutica*, isto é, a “arte de fazer parir as mentes”. Sócrates dá-nos uma descrição dela no *Teeteto*, ao lembrar a mãe:⁴⁹ “O meu trabalho de obstetra parece-se em tudo com o das parteiras, só que elas se ocupam de mulheres e eu, de homens, elas cuidam de corpos e eu, de almas”. Sócrates não se apresenta como o depositário de uma “verdade dele”, no máximo ajuda os outros a encontrarem a sua própria verdade, “pois afinal” – diz ele – “sou estéril de sabedoria, e é por isto que o deus (Apolo) forçou-me a bancar o obstetra apesar de proibir que eu gerasse”.

É óbvio que para exercer a *maiêutica* Sócrates precisa do diálogo, quer dizer, de improvisar a sua conversa conforme os estímulos oferecidos pelo interlocutor. Nenhuma coisa escrita, ele diz, poderia ter a mesma eficácia, ainda mais porque “não sabendo coisa alguma, o que poderia eu escrever?” Afinal de contas, Sócrates tinha uma profunda desconfiança pela escrita, como podemos perceber na fábula que Platão o faz contar no *Fedro*.⁵⁰

“Era uma vez um deus egípcio que se chamava Theuth. Ele foi o inventor dos números, da geometria, da astronomia, do jogo de dados e da escrita. Certo dia, Theuth foi visitar Thâmus, o rei do Alto Egito, e apresentou-lhe todas as suas invenções. Quando chegaram ao alfabeto, Theuth disse: ‘Esta ciência será um remédio miraculoso para a sabedoria e a memória dos teus súditos.’ E o rei respondeu: ‘Ó engenhoso Theuth, o teu alfabeto irá resultar exatamente no contrário daquilo que estás a dizer. Os egípcios,

com efeito, confiando na sabedoria escrita, já não irão exercitar a memória e não procurarão a lembrança das coisas no interior de si mesmos, como seria conveniente, mas sim do lado de fora, através de sinais alheios.”

Ao perceber que a fábula de Sócrates não passa de uma lorota, Fedro protesta com determinação e o filósofo responde: “A vós, jovens, só interessa saber se a anedota que contei é verdadeira ou falsa e não dão o devido valor ao fato de ela conter a verdade que estamos buscando.” E então conclui dizendo: “A escrita é parecida com a pintura: assim como as figuras pintadas não respondem quando são interrogadas, as palavras escritas também respondem sempre do mesmo modo, daquele escolhido pelo autor que escreveu o livro.”

Sempre desconfiei de que Sócrates, assim como Jesus aliás, não sabia ler nem escrever. O fato de Diógenes Laércio afirmar que escreveu uma fábula esópica não demonstra absolutamente nada: poderia tê-la ditado a um escriba. E a quem objeta que um homem inteligente como Sócrates não podia deixar de saber ler e escrever, respondo que até hoje existem milhões de pessoas extremamente inteligentes que nunca aprenderam a usar um computador, apesar de não levar mais do que uma semana para dominar esta nova técnica. Acontece que, naquela época, eram muito poucos aqueles que sabiam ler e escrever: Plutarco⁵¹ conta sobre um ateniense que, sendo analfabeto e querendo gravar o nome de Aristides nos *óstraka*, virou-se justamente para o próprio pedindo ajuda. E quando Aristides perguntou se o homem conhecia aquele que queria mandar para o exílio, o cidadão respondeu que não, mas que já não aguentava mais ouvir todo mundo dizer que se tratava de um justo. Depois disto, Aristides escreveu o próprio nome na lista e não disse mais nada.

O *universal*. Nos diálogos platônicos, Sócrates costuma pedir aos interlocutores a definição de um valor moral, e invariavelmente eles costumam responder citando um exemplo particular. Sócrates mostra-se então insatisfeito e insiste para conseguir uma definição “mais universal”.⁵²

SÓCRATES: Poderias tu dizer-me, ó Mênon, o que vem a ser a Virtude?

MÊNON: Muito simples: a Virtude do homem consiste em saber exercer convenientemente uma atividade política, em ajudar os amigos e em prejudicar os inimigos. A Virtude da mulher, por sua vez, consiste em saber administrar a casa e em ser fiel ao marido. E também há a Virtude

do jovem, a do velho, a...

SÓCRATES: Este deve ser o meu dia de sorte! Estava procurando uma só Virtude e agora estou encontrando um enxame delas... E por falar em enxame, Mênon, tu achas que existem muitos tipos de abelhas?

MÊNON: Há muitos, sem dúvida, e cada um difere dos demais no tamanho, na beleza e na cor.

SÓCRATES: E nesta diversidade toda, há alguma coisa que lhe faça dizer: “Olha só, uma abelha!?”

MÊNON: Claro, pois enquanto abelha, não difere muito das demais abelhas.⁵³

SÓCRATES: Quer dizer, então, que tu sabes reconhecer uma abelha sem levar em conta o tipo dela. E se eu te perguntasse agora o que vem a ser a Bondade?

MÊNON: Responderia que é ajudar os semelhantes e dar algum dinheiro a um amigo que não tem.

SÓCRATES: Ajudar alguém que não seja amigo não seria então um ato de Bondade?

MÊNON: Não, não era isso que eu queria dizer: ajudar alguém que não é amigo também seria uma boa ação.

SÓCRATES: E se, ao entregar o dinheiro ao amigo, tu já soubesses que ele tenciona cometer alguma coisa maldosa, tu continuarias considerando a tua ação boa?

MÊNON: Não, neste caso já não a acharia boa.

SÓCRATES: Vamos recapitular, então: doar dinheiro a um amigo poderia e não poderia ser uma boa ação, enquanto poderia ser uma boa ação dar dinheiro a alguém que não é seu amigo.

A esta altura, Mênon fica todo confuso e Sócrates, o buldôzer, continua demonstrando-lhe que todas as boas ações possíveis e imagináveis têm alguma coisa em comum e que só esta coisa em comum, esta “essência”, é a Bondade. Chegamos então ao conceito de *universal* que já prenuncia o *mundo das ideias* de Platão. Permanece a dúvida de que Sócrates nunca teria dito isto, e de que Platão só ter-se-ia servido dele para anunciar a mais conhecida das suas teorias.

O gênio. “Certo dia aconteceu uma coisa muito estranha: éramos um grupo de amigos e estávamos voltando a Atenas depois de um farto almoço na casa de Andócides. O grupo era formado por Sócrates, pelo flautista

Carilo, o adivinho Eutifron, Cebete e mais alguns jovens atenienses. O humor de todos estava bastante alegre, como costuma acontecer depois de um bom vinho: os mais jovens cantavam em coro e Sócrates gozava Eutifron pelas suas artes divinatórias. Então, de repente, vemos o mestre parar, ficar absorto por alguns momentos e pegar outro caminho: em lugar de seguir pela rua dos Gravadores, como normalmente faria para chegar à ágora, virou na rua dos Caixeiros. A quem lhe perguntou o motivo desta decisão, respondeu que foi por sugestão do gênio. Os jovens riram achando que era uma piada e continuaram descendo pela rua dos Gravadores em companhia do flautista Carilo enquanto nós, mais velhos, até para não deixá-lo sozinho, seguimos adiante com Sócrates pela rua dos Caixeiros. Uns cem metros depois, mais ou menos na altura do tribunal, os que haviam pego o caminho mais curto viram-se cercados por um bando de porcas que vinha em sentido contrário. O bando era tão numeroso e compacto que muitos deles foram forçados a voltar atrás. O flautista Carilo, por sua vez, teimou em atravessá-lo e chegou à ágora com as pernas e a roupa todas manchadas de lama.”

Esta história encontra-se num escrito de Plutarco intitulado justamente: *O gênio de Sócrates*.⁵⁴ O narrador é o adivinho Teócrito.

“Qual era, no vosso entender, a verdadeira natureza do gênio de Sócrates?”, pergunta Teócrito no fim do conto.

“Eu também já ouvi falar de um espírito, a propósito de Sócrates”, responde um dos presentes. “Um homem de Mégara garantiu-me que se tratava de um mero espirro: conforme Sócrates ouvia alguém espirrar à direita ou à esquerda, ou na frente ou atrás dele, tomava uma ou outra decisão. No que dizia respeito aos seus próprios espirros, por sua vez, dependia de quando ficava com vontade de espirrar: se estava andando ou se estava parado; no primeiro caso, detinha-se, no segundo, prosseguia naquilo que estava fazendo. Pelo menos foi isto que me contaram, ainda que na verdade não acredite que um homem como Sócrates pudesse deixar-se guiar por bobagens como essas.”

Mesmo não dando importância às balelas de Plutarco, o próprio Sócrates afirma, durante o processo, possuir um Gênio que lhe dava conselhos nas horas difíceis.

“... é como uma voz que tenho dentro de mim desde que era menino; a qual, cada vez que se faz ouvir, sempre me aconselha a desistir de alguma

coisa, nunca a agir. Ela insiste, em particular, para que eu nunca me ocupe de política.”⁵⁵

Há inúmeras interpretações para este Gênio: desde o espírito-guia até o anjo da guarda, passando pela consciência crítica, o sexto sentido, a intuição e assim por diante. A minha opinião é que devia ser uma espécie de coringa, ao qual Sócrates costumava recorrer para não ser forçado a explicar continuamente as suas decisões.

2 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VI, 48.

3 Platão, *Teeteto*, 149 a.

4 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, V, 21.

5 Ibid., II, V, 19.

6 Plutarco, *Diálogo sobre o amor*, 750d (cit. em R. Flacelière, *La vita quotidiana in Grecia nel secolo di Pericle*, trad. ital. Rizzoli, Milão 1983, p. 147).

7 Xenofonte, *Jerão*, 1, 33.

8 O Aristipo em questão não é o discípulo de Sócrates, fundador da escola de Cirene, mas sim um pseudo-Aristipo anônimo do século III a.C.

9 Platão, *Simpósio*, 217 b-d.

10 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, V, 33.

11 Uma das primeiras revistas em quadrinhos publicadas na Itália. (N. do T.)

12 Ibid., II, V, 36.

13 Xenofonte, *Simpósio*, 2, 10, em: *Socrate. Tutte le testimonianze: da Aristofane e Senofonte ai Padri cristiani*, aos cuidados de G. Giannantoni, Laterza, Bari, 1971 (veja também Diógenes Laércio, II, V, 26).

14 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, V, 36.

15 Aristóteles, fr. 93 Rose (veja Diógenes Laércio, II, V, 36).

16 Plutarco, *Vida de Aristides*, 27, em *Vidas paralelas*.

17 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, V, 26.

18 Brunetto Latini, *Fiori e vita di filosofi e d'altri savi e d'imperadori*, cap. VII, La Nuova Italia, Florença 1979.

19 Dante Alighieri, *Inferno*, XV, 32.

20 Platão, *Simpósio*, 219e-220d.

21 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, V, 25.

22 Platão, *Simpósio*, 221b.

23 Platão, *Apologia de Sócrates*, 32c.

24 Platão, *ibid.*, 32b

25 *Impiedade*: Dito ou procedimento de ímpio, sacrilégio e desacato da religião do Estado.

26 Jacob Burckhardt, *Storia della civiltà greca*, trad. ital. Sansoni, Florença 1955, vol. II, p. 27.

27 *Amis* (pl. *amides*): “o vaso que precisamos ter no quarto de dormir”. Veja Aristófanes, *Vespas*, v. 935; *Tesmoforiazuse*, v. 633.

28 *Oscoforias*: festejos em honra de Dioniso. O ritual começava com um cortejo de rapazes e moças (não órfãos) que traziam ramos de videiras carregados de uva, e acabava numa bebedeira geral aos gritos de *eleleu iu iu*.

29 Robert Flacelière, *La vita quotidiana in Grecia nel secolo di Pericle*, trad. it. cit., cap. IX.

- 30 Falero: antigo porto de Atenas antes de Temístocles tornar-se arconte.
- 31 Sobre o ostracismo, veja R. Flacelière, op. cit., cap. IX; Jacob Burckhardt, *Storia della civiltà greca*, cit., vol. I, p. 7; J. Carcopino, *L'ostracisme athénien*, Alcan, Paris, 1935.
- 32 Plutarco, *Vida de Aristides*, 7.
- 33 O acusador só tinha de pagar a multa de mil dracmas no caso de não conseguir pelo menos um quinto dos votos a favor da acusação.
- 34 No que diz respeito aos *logógrafos*, veja J. Burckhardt, op. cit., vol. II, p. 43; R. Flacelière, op. cit., p. 297.
- 35 Aristófanes, *Nuvens*.
- 36 *Maza*: farinha de cevada.
- 37 Os *Onze*: colégio de magistrados que supervisionava as prisões.
- 38 O Pritaneu era o edifício sagrado onde ficavam hospedados, à custa do Estado, os cidadãos que haviam ganho o laurel olímpico.
- 39 Palamedes foi acusado de roubo e lapidado por culpa daquele salafrário de Ulisses que tinha escondido na sua barraca o ouro de Príamo. Ajax Telamônio, por sua vez, matou-se por ter sido privado injustamente das armas de Aquiles.
- 40 Platão tem a sua obra completa publicada, na maioria dos países, até em edições de bolso.
- 41 Quando Teseu partiu para Creta com os sete casais de virgens e meninos a serem oferecidos como sacrifício ao Minotauro, os atenienses fizeram um voto: se as vítimas se salvassem, iriam enviar todos os anos a Delos uma missão para honrar o deus Apolo e, em Atenas, durante a viagem do navio, ninguém poderia ser morto por ordem do Estado.
- 42 Hermógenes era conhecido como “o Pobre” porque, além de ser pobre, também era o irmão de Cálías, o homem mais rico de Atenas.
- 43 De Fási até as Colunas de Hércules: da extremidade oriental do Mar Negro até o estreito de Gibraltar.
- 44 Dodecaedro formado por doze pentágonos, na prática, quase uma esfera. Do jeito que Sócrates a descreve, esta esfera devia ser parecida com as nossas bolas de futebol.
- 45 *Oilloco, oilloco, fuitavenne!* Não é uma expressão grega mas sim napolitana, e quer dizer: “Lá vem ele, lá vem ele, fuja!” Na realidade os atenienses deviam gritar: “*Idòu autòn, idòu autòn, féughete!*”
- 46 Platão, *Laques*, 18 e.
- 47 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, V, 21.
- 48 Platão, *Fedro*, 230 b-e.
- 49 Platão, *Teeteto*, 149 a-150 c.
- 50 Platão, *Fedro*, 274-275.
- 51 Plutarco, *Vida de Aristides*, 7.
- 52 Platão, *Mênon*, 71-72.
- 53 Acaba aqui o *Mênon*. O segundo exemplo, o da Bondade, foi acrescentado pelo autor para melhor ilustrar o conceito do universal.
- 54 Plutarco, *O gênio de Sócrates*, 580 d-f.
- 55 Platão, *Apologia*, 31 d.

II

OS SOCRÁTICOS MENORES

Os sete discípulos de Sócrates mais representativos foram: Antístenes, Aristipo, Euclides, Fédon, Platão, Ésquines e Xenofonte. Destes, os primeiros quatro estabeleceram-se por conta própria abrindo suas próprias escolas de filosofia: Antístenes fundou a escola cínica, Aristipo, a cirenaica, Euclides, a megárica e Fédon, a de Elida. Nos livros escolares costumam ser lembrados como “socráticos menores”, provavelmente para não ofender Platão (fundador da Academia) ao qual cabe de direito o título de “socrático maior”.

O encontro de Sócrates com cada um deles, nesta altura, virou uma lenda. Já falamos de Xenofonte, que topou com o mestre numa ruela de Atenas. Quanto a Antístenes, o coitado morava no Pireu e tinha de percorrer todos os dias 16 quilômetros, entre ida e volta, para ouvi-lo falar.⁵⁶ Para Euclides, o problema era ainda mais sério: tendo nascido em Mégara, não lhe era permitido entrar no território de Atenas devido a uma antiga lei que até previa a pena de morte para os transgressores. Ele, no entanto, não se importava e passava pela fronteira toda noite disfarçado de mulher.⁵⁷ Com Platão, aconteceu o seguinte: certo dia Sócrates, durante a sesta, sonhou que estava segurando no colo e ninando um pequeno cisne que, depois de fortalecer as asas, levantara voo e se afastara pela janela; logo em seguida Platão apresentou-se dizendo: “aquele cisne sou eu”.⁵⁸ Ésquines, ao ser convidado para ser discípulo, respondeu: “Sou pobre: só posso oferecer a mim mesmo”. E Sócrates respondeu: “E achas pouco?”⁵⁹ Fédon de Elida, pego como escravo pelos atenienses quando ainda era criança, foi forçado a prostituir-se numa casa de encontros: Sócrates e Críton, maravilhados com a sua sabedoria, resgataram-no devolvendo-lhe a liberdade.⁶⁰

Apesar dos ensinamentos morais do grande filósofo, os sete discípulos detestaram-se cordialmente uns aos outros e cada um apresentou-se ao seu público como o único e verdadeiro intérprete do pensamento socrático.

Os cínicos

De vez em quando, na história dos costumes, volta a aparecer o *look* do maltrapilho e sempre podemos notar que, quando isto acontece, ao desleixo pelas roupas acompanha-se uma precisa escolha de vida. Só para lembrar alguns casos históricos, basta mencionar os cínicos gregos, os *bohémians* de todos os tempos, os existencialistas franceses, a *beat generation*, os hippies e, em época mais recente, os punks. Deixando de lado os modismos culturais, o exemplo clássico continua sendo o maltrapilho barbudo, o *clochard*, aquele que prefere dormir ao ar livre, quem sabe debaixo de uma ponte do Sena, antes de chegar a qualquer tipo de entendimento com o mundo do trabalho. Pois bem, apesar de não ser nossa intenção juntá-los todos como se fossem uma coisa só (botando na mesma panela, por exemplo, os cínicos e os punks), não podemos deixar de notar que todos estes movimentos são marcados por uma inextinguível sede de Liberdade. E é justamente este o caminho a seguir se quisermos compreender o pensamento dos cínicos.

A Liberdade, entendida pelos cínicos como Bem Supremo da Alma, só pode ser alcançada através da autossuficiência. O verdadeiro cínico nunca ficará escravo das suas necessidades físicas e emocionais, nunca ficará com receio da fome, do frio e da solidão, e tampouco terá desejos de sexo, de dinheiro, de poder e de glória. Se para vocês isto parece loucura, é só porque ele escolheu uma maneira de viver totalmente contrária àquela escolhida pela maioria. Uma vez que se tenha chegado à conclusão de que os verdadeiros valores da existência são os da alma (da *psyché*), o cínico exerce uma crítica destrutiva acerca dos valores tradicionais. Ele é um extremista do pensamento socrático: reduz o *ser* a mera convivência consigo mesmo e repudia o *parecer* por considerá-lo um insuportável e inútil acessório.

Antístenes, Diógenes, Crates, Métrocles e Ipárquias foram os mais famosos representantes desta escola.

Antístenes, filho de Antístenes, chamado de “Verdadeiro Cão” (*Aplokúon*), nasceu em Atenas em 446 a.C. Uma vez que tinha nascido de pai ateniense e de mãe escrava, não podia aspirar aos direitos plenos de um cidadão, mas parece que isso não chegava a incomodá-lo, e que, aliás, até era para ele fonte de prazer. Tomou gosto pela filosofia frequentando

primeiro os sofistas (Górgias), depois Sócrates e finalmente um grupo de amigos que tinham exatamente as mesmas ideias que ele e com os quais fundou a escola “cínica”. Parece que o nome da escola foi escolhido por causa do lugar onde eles costumavam conversar: o Cinosargue (*Kunósarghes* = cão ágil), um ginásio para estudantes estrangeiros situado fora das muralhas de Atenas, à margem do Ilisso. Outros contam, no entanto, que foi chamado de cínico por ter passado a vida inteira vivendo como um cão de rua (*kúion*).⁶¹ Segundo Diocles de Magnésia, foi o primeiro a “dobrar a capa”, isto é, a torná-la suficientemente ampla para nela se deitar à noite, na prática, o inventor do saco de dormir.⁶²

Eis como Xenofonte o descreve no *Simpósio*:⁶³

“No meu entender”, diz Antístenes, “a riqueza não é um bem material que se pode guardar em casa como se fosse um objeto, mas sim uma disposição da Alma, pois do contrário não se poderia explicar como alguns, embora possuindo muitos bens, continuam vivendo no risco e na estafa com a única finalidade de acumular ainda mais dinheiro. E tampouco poderíamos entender o comportamento de certos tiranos tão sedentos de poder e de tesouros que se deixam levar a crimes cada vez mais horrendos. São como pessoas que, mesmo comendo sem parar, continuam famintas. Eu, ao contrário, embora aparentemente pobre, possuo tantas coisas que até tenho dificuldade em contá-las: durmo, posso comer e beber onde achar mais aprazível e sinto-me como se o mundo inteiro fosse meu. Para tornar a comida mais apetecível, recorro ao meu próprio apetite: fico algum tempo sem comer e depois de um dia de jejum qualquer alimento que leve à boca torna-se da melhor qualidade. Quando o meu corpo precisa de amor, deito-me com uma mulher feia, de forma que ela, justamente porque ninguém a deseja, possa acolher-me com o máximo da felicidade. Resumindo, meus amigos, o que realmente importa é não precisar de coisa alguma.”

A partir do que ele próprio diz, dá para entender que lá no fundo alguma fraqueza em relação às mulheres ele bem que devia ter. Certa vez, com efeito, deixou escapulir esta frase: “Ah, quem me dera poder ter em meus braços Afrodite! Eu a fulminaria!”⁶⁴ Outros ditados famosos dele são: “Preferiria morrer antes de sentir prazer!”⁶⁵ e “Nenhum homem amante do dinheiro pode ser bom!”⁶⁶

Admirava Sócrates pela sua “impassibilidade”, embora o mestre não perdesse uma ocasião sequer para escarnecê-lo. Certo dia, por exemplo, ao

vê-lo sujo e com a capa toda rasgada, disse-lhe: “Através desses buracos, ó Antístenes, posso ver toda a tua ambição.”⁶⁷

Com o passar dos anos tornou-se cada vez mais sensível à dor física, muito mais do que se poderia esperar de alguém como ele. Quando já estava com oitenta e um anos, atormentado por uma grave doença, ficava se queixando o tempo todo. Certo dia recebeu a visita de Diógenes, o seu discípulo predileto. O que os dois se disseram foi mais ou menos o seguinte:⁶⁸

– Está precisando de um amigo? – perguntou Diógenes, entrando.

– Oh, Diógenes, seja bem-vindo! – exclamou Antístenes com expressão sofrida. – Quem poderá livrar-me deste meu contínuo sofrer?

– Eis aqui a resposta para a tua pergunta – respondeu tranquilamente Diógenes, apontando para uma espada.

– Ora essa – reagiu Antístenes levantando-se de chofre. – Falei do “sofrer” e não da “vida”!

Diógenes de Sinope nasceu em 404 a.C.⁶⁹ Seu pai, Icésio, tinha uma casa de câmbio bem no centro da cidade, mas um belo dia, depois de tanto mexer com moedas, achou melhor ele mesmo fabricar muitas delas para seu uso pessoal. O filósofo Eubúlides⁷⁰ afirma que quem falsificou o dinheiro foi o próprio Diógenes, mas de qualquer maneira pai e filho foram ambos condenados, o primeiro à prisão perpétua e o segundo ao exílio. Durante o processo, Diógenes defendeu-se jogando a culpa em Apolo. Parece de fato que o oráculo de Delfos havia-lhe dito: “Volta para casa e dá novas instituições à tua cidade” e que ele, sem saber ao certo o que fazer, acabara propondo as novas moedas. A pena que lhe foi infligida, de qualquer forma, não deve tê-lo deixado muito preocupado, uma vez que parece ter comentado a sentença dizendo: “Se os meus concidadãos condenaram-me a viver longe, quer dizer que eu os condenarei a viverem aqui!”

Ao chegar a Atenas, encontrou Antístenes e não levou mais de meia hora para filiar-se à escola cínica. Num primeiro momento o velho filósofo ficou muito orgulhoso com a força das suas palavras mas então, quando percebeu que o novo aluno estava disposto a ir com ele até ao fim do mundo, ameaçou-o com o bordão para que fosse embora; Diógenes no entanto, nem um pouco amedrontado, esticou mais ainda a cabeça e disse: “Podes bater à vontade, ó Antístenes, mas saiba que nunca irás encontrar um pedaço de pau tão duro que consiga expulsar-me!”

Diógenes de Sinope foi uma verdadeira mina de anedotas. Sabemos que vivia num tonel e andava por toda parte com uma lanterna acesa na mão, mesmo de dia, afirmando em voz alta: “Procuro o homem.” Muito conhecido é o seu encontro com Alexandre o Grande. O rei percorria a cavalo uma rua de Corinto quando o viu sentado na escadaria do Craneu,⁷¹ aproveitando o sol.

- Eu sou Alexandre o Grande, e tu, quem és?
- Sou Diógenes, o Cão.
- Pede o que quiseres.
- Saia da frente, estás fazendo sombra.

As suas necessidades primárias haviam sido reduzidas ao mínimo indispensável: uma capa como traje e como cama, tanto no verão quanto no inverno, uma tigela para comer e uma vasilha para beber. Certo dia, no entanto, depois de ver um garoto espalhar as lentilhas diretamente no pão, jogou fora a tigela, e ao ver o mesmo rapaz tomar água juntando as palmas das mãos, jogou fora também a vasilha. Quanto a sexo, praticava a masturbação achando-a mais rápida e direta. A quem o repreendia por fazê-lo em praça pública respondia: “Quem me dera poder acalmar também a fome com uma simples massagem no estômago!”

Querendo acostumar-se com a variação da temperatura, no verão deitava na areia quente e no inverno procurava a neve. Pode parecer estranho, mas, pensando bem, é o que nós também fazemos nos dias de hoje. Como todos os cínicos, mantinha em relação ao prazer uma atitude bastante desconfiada. Certa noite, ao encontrar um amigo que ia a um banquete, gritou para ele: “Vais voltar pior.” Não tinha lá muita consideração pelos semelhantes: contam que uma vez foi visto interrogando uma estátua. A quem lhe perguntava por que fazia aquilo respondeu: “Estou treinando para perguntar em vão.”

O seu relacionamento com Platão nunca foi bom. Considerava a conversa platônica “uma verdadeira perda de tempo” e Platão respondia com a mesma moeda definindo-o um “Sócrates enlouquecido”.⁷² Numa disputa filosófica entre os dois, o assunto em pauta foi a teoria das Ideias.

“Estou vendo nesta sala uma mesa e uma taça”, disse Diógenes olhando em volta, “mas não vejo nem ‘mesidade’ nem ‘tacidade’.”

“Nada mais justo”, respondeu Platão, “uma vez que a sua mente só tem a

capacidade de ver a mesa e a taça, e não as ideias.”

Diógenes não suportava que Platão, um filósofo, pudesse morar numa casa confortável e cheia de coisas bonitas. Certo dia, durante um repentino aguaceiro, entrou como uma fúria no quarto de dormir do outro e pisoteou com os pés enlameados os cobertores rendados e os tapetes, depois saiu de novo para a rua, sujou os pés com o maior cuidado, e voltou para dentro a fim de pular novamente em cima dos cobertores e dos tapetes.⁷³ Platão ficou olhando sem nada dizer.

“Estou pisoteando o orgulho de Platão!”, gritou Diógenes.

“Com o mesmo orgulho”, respondeu Platão.

De qualquer maneira ninguém pode acusar Diógenes de falta de humor. Certo dia, assistindo ao treinamento de um arqueiro particularmente incapaz, foi sentar-se bem ao lado do alvo: “É o único lugar”, disse, “onde me sinto em segurança”. Outra vez, quando visitava uma linda mansão cheia de tapetes e de alfaias, cuspiu na cara do dono; logo a seguir limpou-lhe o rosto com a capa e pediu desculpas dizendo não ter encontrado na casa inteira um lugar bastante feio para nele cuspir.

No decorrer da sua longa vida teve de enfrentar todo tipo de peripécias: certo dia, quando, já velho, navegava no mar aberto não muito longe de Egina, foi capturado por um pirata e levado a Creta para ser vendido no mercado de escravos. Quando o arauto perguntou o que sabia fazer, ele respondeu: “Comandar os homens.” E quando viu um sujeito todo cheio de joias, um tal de Seníades, que olhava para ele com interesse, acrescentou: “Venda-me a esse pobre coitado, pois pelo jeito que está todo enfeitado, parece estar precisando urgentemente de um amo.” Seníades comprou-o e Diógenes ficou na casa dele até morrer, como mestre dos filhos. Matou-se aos noventa anos, segurando a respiração.

Contam que em suas últimas vontades pedia que o seu corpo não fosse sepultado, mas sim jogado numa vala como comida para os animais. Longe disto, no entanto, os seus amigos acabaram brigando para ver quem teria a honra de enterrá-lo e, no fim, decidiram erguer, à custa do Estado, um monumento funerário formado por uma coluna de mármore encimada por um cão.

Crates,⁷⁴ Ipárquia e Métrocles, respectivamente marido, mulher e cunhado, eram uma família inteira de cínicos. A época é muito posterior à de Antístenes, tanto assim que é difícil acreditar que Crates, o mais idoso

deles, tenha realmente sido discípulo de Diógenes. A *acmé* de Crates, isto é, o período mais produtivo, com efeito, aconteceu por volta de 323 a.C., quando Diógenes o Cão já estava com mais de oitenta anos.

Embora fosse filho de Asconda, um dos homens mais ricos de Tebas, Crates passou quase a vida inteira na pobreza: parece que depois do encontro com Diógenes despojou-se de todos os seus bens e doou aos tebanos duzentos talentos, gritando: “Crates está libertando Crates.”

Depois de chegar em Atenas foi apelidado de “abridor de portas” (*thurepanoiktes*)⁷⁵ devido ao seu péssimo hábito de entrar a qualquer hora na casa das pessoas sem bater, só para oferecer adágios e máximas de vida. Parece que, do ponto de vista físico, não era bonito, e talvez fosse até meio corcunda. Quando se exercitava no ginásio todos riam dele. Certa vez brigou feio com um campeão olímpico, um tal de Nicódromo, e saiu de lá com um olho roxo. No dia seguinte podia ser visto andando pelas ruas de Atenas com uma escrita na testa, “Isto é obra de Nicódromo”, e uma seta apontando para o olho machucado. Todas as noites aparecia nas esquinas injuriando as prostitutas à espera de clientes: dizem que as respostas das “madames” serviam-lhe como treino para as contendas que tinha na ágora com os outros filósofos.⁷⁶

Como todos os cínicos, teve uma vida muito longa: obviamente comer pouco e viver ao ar livre devia ser bom não só para a alma como também para o corpo.

Métracles nasceu em Maroneia, na Trácia.⁷⁷ Em criança era muito tímido e os pais acharam por bem entregá-lo a um mestre capaz de moldar o seu caráter. O escolhido foi o cínico Crates que, enquanto isto, tinha criado a fama de duro. Antes de mais nada, Crates aconselhou-lhe que cuidasse dos músculos e levou-o ao ginásio para fortalecê-lo. Só que, durante um exercício com os halteres, Métracles acabou soltando um pum e a coisa pareceu-lhe tão humilhante que decidiu deixar-se morrer de inanição. O pobre Crates fez de tudo para demovê-lo e depois, quando já perdera as esperanças, perguntou:

- Preferes a morte à vida?
- Prefiro.
- Devo então concluir que sabes muito bem o que é a morte e o que é a vida?
- Não, mas ainda assim prefiro morrer.

– E não tens curiosidade de saber no que poderias tornar-te se decidisses viver? De conhecer tudo aquilo que podes estar perdendo ao desistir da vida?

– E o que poderia eu estar perdendo?

– Segue-me e irás saber.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, Crates comeu uns dois quilos de tremoços e em seguida levou Métrocles para visitar os arcontes.

– Pois bem, estes são os arcontes da cidade: algum dia tu poderás ser um deles.

Ao dizer isto fez uma mesura e soltou um peido ainda mais estrondoso do que aquele que envergonhara o aluno no ginásio. Em seguida, levou-o até os estrategos, os prítanes e os éforos, soltando cada vez um fragoroso pum. Resumindo, tanto peidou que no fim o rapaz acabou se acostumando e desistiu da ideia do suicídio. Nos anos seguintes, Métrocles tornou-se um grande filósofo e também morreu muito velho... estrangulando-se com as próprias mãos.

Hipárquia,⁷⁸ a irmã de Métrocles, a única filósofa na nossa história, devia ser realmente muito bonita, pois, do contrário, não se entenderia o incrédulo espanto com que Diógenes Laércio fala da união dela com o velho Crates. Ao que parece, todos os jovens mais atléticos e ricos de Maroneia queriam tê-la como esposa e ela, para não ser obrigada a afastar-se do mestre, chegou a ameaçar o suicídio. Os pais da jovem, coitados, foram então falar com o filósofo, suplicando-lhe que fizesse alguma coisa para dissuadi-la. Crates, que afinal de contas devia ser um bom sujeito, confiou na própria feiura e apresentou-se diante da jovem completamente nu, dizendo: “Aqui está o teu esposo, Hipárquia, coberto de todas as suas riquezas.” Ela, no entanto, como verdadeira cínica, casou-se com ele mesmo assim. Acasalaram em público e tiveram um filho a quem chamaram de Pásicles.⁷⁹

Mais do que uma escola filosófica, o cinismo foi um estilo de vida. Uma vez livres das suas necessidades, os cínicos não demonstravam o menor interesse pela política, pela física nem por qualquer outra especulação filosófica que não fosse a ética. Definiam a si mesmos “cidadãos do mundo, sem casa, sem cidade nem pátria”. Sempre houve cínicos, em qualquer época e em qualquer lugar. Vamos lembrar um em nome de todos: um

certo Demonace, nascido em Chipre em 90 d.C., um homem que não incomodava ninguém, simples, sempre bem-humorado, amante da paz e amigo de todos. O povo dava-lhe comida sem que ele precisasse pedir. Quando aparecia em alguma assembleia, os arcontes ficavam de pé e todos mantinham o mais absoluto silêncio. Quando já estava muito velho pôs fim a sua própria vida abstendo-se de comer. Os atenienses tributaram-lhe honras fúnebres à custa do Estado e coroaram de flores o seu túmulo. Evidentemente estavam cientes dos próprios vícios e, comparando-se com ele, sentiam-se de alguma forma culpados.

Os cirenaicos

Dos cínicos aos cirenaicos o salto é enorme: embora surgidos da mesma cepa filosófica, Antístenes e Aristipo são pensadores antagônicos. Se o primeiro podia ser comparado a um cão, o segundo tinha tudo, desde o caráter até a postura, para ser considerado um gato.⁸⁰ Para percebermos isso claramente, basta refletir sobre esta anedota “*dupla-face*” com a qual nos brinda, para variar, o nosso Diógenes Laércio:⁸¹

Certo dia, Diógenes de Sinope estava lavando umas folhas de nabiça numa fonte quando viu chegar o cirenaico. “Se tu soubesses comer verduras”, foi logo dizendo Diógenes, “não precisarias bajular os tiranos.” “E se tu soubesses tratar com os tiranos”, respondeu Aristipo, “não terias de comer verduras o tempo todo.” Há também quem conte a mesma história invertendo a ordem das falas. Dessa vez o primeiro a falar seria Aristipo: “Se tu aprendesses a tratar com os ricos, não terias de comer apenas verdura.” E Diógenes então replicava: “E se tu aprendesses a comer verdura, não terias de dobrar-te diante dos poderosos.”⁸² Deixando de lado as folhas de nabiça, podemos de qualquer maneira distinguir na historinha duas escolhas de vida que merecem a nossa atenção.

Apesar de nascido na África (por volta de 435 a.C.), Aristipo continuava mesmo assim sendo grego: a cidade em que nasceu, Cirene, havia sido fundada uns dois séculos antes pelos colonizadores gregos vindos da ilha de Tera. Segundo Píndaro, a sua família era a mais rica e a mais nobre de toda a Líbia: e isto talvez possa justificar o fato de o futuro hedonista estar acostumado a viver no luxo desde criança. Com mais ou menos dezenove anos de idade, foi assistir aos jogos olímpicos na Grécia, e então conheceu

um certo Iscômaco que lhe disse haver em Atenas um homem chamado Sócrates que fascinava a juventude com as suas palavras. Parece que ao ouvir isso Aristipo ficou tão emocionado que “definiu no corpo tornando-se pálido e doentio até decidir, esperançoso e sedento, seguir para Atenas a fim de beber da água daquela fonte e chegar ao conhecimento do Homem”.⁸³

Alguns historiadores afirmam que, antes de encontrar Sócrates, Aristipo já havia frequentado os sofistas e, particularmente, Protágoras, e dizem até que ele mesmo era um experiente sofista; outros, no entanto, explicam que só ficou com esta fama por ter tido o hábito de dar aulas em troca de dinheiro. A meu ver, Aristipo era apenas aquilo que em Nápoles chamamos de *'nu signore'*:⁸⁴ gostava de viver bem e para dar-se a este luxo exigia ser bem pago em troca das suas aulas. Ao pai de um aluno que estranhara a anuidade de quinhentas dracmas dizendo: “Que absurdo! Com quinhentas dracmas eu posso comprar um escravo, ora essa!”, ele respondeu: “E então compre o escravo, assim, mais tarde, poderá ter dois: o que comprou e o seu filho”.⁸⁵ Praticava tarifas diferentes conforme a capacidade dos alunos: dava um desconto aos mais inteligentes e exigia uma sobretaxa dos mais obtusos.⁸⁶ Certo dia fez de tudo para que também Sócrates aceitasse o pagamento de vinte minas, mas o velho filósofo, “diplomaticamente”, recusou dizendo que o gênio não permitiria.⁸⁷

A sua atitude em relação aos outros era sem dúvida alguma bastante esnobe: certa vez, durante uma tempestade no mar, ficou tão apavorado que outro viajante começou a fazer troça dele: “Que coisa mais estranha! Um filósofo não deveria ter tanto medo da morte, se eu mesmo, que não sou um sábio, não estou nem um pouco assustado.” E ele, mais venenoso do que nunca: “E tu queres comparar a tua vida com a minha? Eu receio pela vida de Aristipo, tu apenas pela vida de um ser inútil!”⁸⁸

Para entendermos direito Aristipo é preciso, antes de mais nada, compreender o seu relacionamento com o dinheiro. Não era nem um pouco ávido: só queria ter o suficiente para satisfazer os seus desejos (que não eram poucos). Costumava dizer: “É melhor que o dinheiro se perca por Aristipo, antes de Aristipo perder-se pelo dinheiro.”⁸⁹ Se fosse necessário, ele poderia aceitar sem maiores problemas uma vida de pobre. Certo dia, ao sair das termas públicas, vestiu por engano a capa suja e gasta de Diógenes. É inútil dizer que quando o cínico percebeu que só lhe sobrara para vestir a clâmide purpúrea do cirenaico, preferiu sair nu. Isto tudo, no

entanto, deixa bem claro que, quanto à independência, Aristipo estava um passo à frente de seus colegas, e Horácio confirma isso quando diz: “Prefiro Aristipo que sabe vestir com o mesmo desembaraço ambas as capas.”⁹⁰

A propósito, há uma anedota que também tem a ver com Platão. Os dois filósofos estavam, ambos, no palácio de Dionísio (não sabemos ao certo se o Jovem ou o Velho) quando o tirano pediu que se disfarçassem com roupas femininas. Platão recusou dizendo que nunca iria vestir-se de mulher, enquanto Aristipo, por sua vez, não se fez de rogado e comentou com muita *nonchalance*: “Por que não? Até nas festas de Baco aquela que é pura não se corrompe.”⁹¹ E chegamos então ao âmago do problema: “O que vem a ser a liberdade interior?” Aristipo declarava possuir bastante equilíbrio interno para atravessar sem temor os mares da riqueza, do poder e do eros. Quando o acusavam de frequentar a hetera Laide, defendia-se dizendo: “Possuo-a, mas não sou possuído por ela” (*écho all’oùc écomai*).⁹² Ou então: “Não é vergonhoso entrar na casa dela, vergonhoso é não saber sair.”⁹³ Só para constar nos autos, Laide não o fazia pagar, pois o considerava um fato promocional,⁹⁴ enquanto do pobre Demóstenes exigia a enorme quantia de dez mil dracmas.⁹⁵

Platão não o suportava, Xenofonte detestava-o, Ésquines vivia brigando com ele, Diógenes considerava-o um inimigo da virtude e, nos séculos seguintes, com o triunfo do cristianismo, os padres da Igreja e os historiadores mais carolas fizeram dele gato e sapato: mas qual era o motivo de tanta raiva? Alguns sustentavam que criticavam Aristipo porque ele cobrava pelas suas aulas de filosofia, outros porque levava uma vida devassa; quanto a mim, acho que no fundo ninguém lhe perdoava o fato de mostrar-se alegre.

O primeiro contraste ideológico entre os discípulos de Sócrates nasce entre o hedonismo de Aristipo, que é antes de mais nada consciência da realidade sensível, e o idealismo de Platão. É claro que entre dois filósofos tão diferentes não podia deixar de haver azedume. E Platão, todo estado e comunidade, só podia sentir uma profunda antipatia por um individualista como Aristipo; não é por acaso que no diálogo *Fédon*,⁹⁶ quando faz a chamada dos que estavam presentes na morte de Sócrates, faz questão de salientar a sua ausência. Eis aqui o texto platônico:

- E havia forasteiros? – pergunta Equécrates.
- Sim, havia Símia, Cebete e Fedonda de Tebas, e de Mégara haviam

chegado Euclides e Térpsion – responde Fédon.

– E Aristipo e Cleombroto? – quer saber Equécrates.

– Não, eles não apareceram. Ouvi dizer que estavam em Egina.

Acontece que Egina, uma pequena ilha não muito longe do Pireu, era conhecida como lugar de prazer e libertinagem. Entre outras coisas, também era o lugar onde morava Laide, a “favorita” de Aristipo.⁹⁷

Platão não se sente na obrigação de explicar em detalhe tudo isto, para ele, já basta deixar a insinuação no ar, pois está certo de que os atenienses saberiam muito bem ler nas entrelinhas. Na prática é como se tivesse escrito: Sócrates estava lá, morrendo, enquanto aqueles dois se divertiam em Egina. Pelo que nos conta Cícero,⁹⁸ parece que o coitado de Cleombroto acabou se matando jogando-se ao mar de um penhasco depois de ler esta maldade.

Depois da morte de Sócrates, Aristipo viajou muito: a presença do filósofo é assinalada em Siracusa, Corinto, Egina, Mégara, Cilunte e, obviamente, em Cirene, a sua cidade natal. Parece que, já velho, acabou sendo feito prisioneiro pelo sátrapa Artaférne, na Ásia Menor.⁹⁹ Morreu na Itália, em Lípari, com cerca de setenta anos. Escreveu muitos diálogos e alguns relatos de viagens, entre os quais três volumes sobre a Líbia. Desta última obra, sobraram apenas alguns fragmentos.

O pensamento de Aristipo concentra-se na capacidade de saber viver “o instante fugidio” e sobre o conceito, todo napolitano, do verso: “*Si ’o munno è na rota, pigliammo ’o minuto che sta pe’ passà.*”¹⁰⁰ Dependendo da idade, a maioria dos homens suporta a existência, apegando-se às lembranças do passado, ou entregando-se às esperanças do futuro. Só alguns poucos seres superiores, no entender de Aristipo, conseguem viver mergulhados no presente. Muitas vezes, ouvimos pessoas idosas que suspiram com ar sonhador lembrando “como eu era feliz aos vinte anos” (quando sabemos muito bem que não eram nem um pouco felizes) e com a mesma frequência vemos jovens que, no apogeu de sua forma física e intelectual, continuam apostando num improvável futuro. Quase ninguém é bastante seguro de si para chegar a uma constatação elementar como esta: “NESTE MOMENTO NÃO ESTOU DOENTE, AS PESSOAS QUE AMO ESTÃO TODAS PASSANDO BEM, ESTOU FELIZ!” Estar com sede e conseguir tomar um copo de água pensando: “Que coisa mais gostosa, esta água” é um comportamento cirenaico.

“O prazer é uma brisa, a dor, um vendaval, a vida de todos os dias é um meio-termo comparável à calmaria.” Esta prosa eólica de Aristipo deixa entender quão importante é dirigir o nosso barco para onde sopra o prazer.

Para nos aproximarmos ainda mais do pensamento cirenaico vamos pegar Heráclito, Aristipo e Pirandello para ver se, depois de misturá-los num liquidificador, podemos chegar a uma teoria: o tempo é formado por instantes, cada um deles diferente dos demais, e o próprio homem não é sempre o mesmo ao longo da vida. Viver, portanto, quer dizer capturar o instante certo com a disposição de espírito certa, continuando a ser um estrangeiro em qualquer lugar.

Esta “filosofia do presente” nunca foi muito apreciada pelos intelectuais: tachada de comodismo do momento (o que em Nápoles resume-se no “*penzamme ‘a salute*”, isto é, “não es quente a cabeça”), tornou-se sinônimo de desengajamento moral e político que, enquanto tal, seria totalmente inútil para qualquer transformação da sociedade. Apesar disso, há quem considere Aristipo o mais socrático dos socráticos, justamente devido à sua total independência diante dos problemas da vida. Se para os cínicos a liberdade significava contentar-se com pouco e não se sujeitar à escravidão dos prazeres, para os cirenaicos há “ainda mais liberdade” no fato de saber navegar entre os prazeres da vida sem atolar neles.

Aristipo antecede de mais ou menos cinco séculos o colega Epicuro e a diferença entre os dois está no fato de o primeiro ser justamente muito mais “epicurista” do que o segundo. Enquanto Epicuro, com efeito, faz distinção entre os prazeres e avalia suas consequências, os cirenaicos praticavam o prazer pelo prazer, sem ficar pensando muito a respeito (*me diaférein hedonén hedonés*).¹⁰¹

Os mais conhecidos discípulos de Aristipo foram: a filha Aretè, criada no prazer e ao mesmo tempo educada no desprezo do supérfluo, Teodoro dito o Ateu, e Egésia. Como quase sempre acontece, os alunos foram de alguma forma mais longe do que o próprio mestre.

Teodoro sugeria sorver avidamente o prazer onde quer que ele se encontrasse e sem se importar com falsos moralismos. Teórico do egoísmo, nem mesmo aceitava a amizade: “É um sentimento de ajuda recíproca que só pode ser útil aos bobos. Os sábios, por serem autossuficientes, não sentem a menor necessidade dele.”¹⁰²

Egésia era o mais radical de todos: “Uma vez que não é possível chegar a uma condição estável de prazer e que a vida, com suas emoções, é

basicamente fonte de sofrimento, tanto faz morrer.” Detinha os transeuntes na rua a fim de induzi-los ao suicídio: “Ouve, meu irmão: tu sabes com certeza que irás morrer, mas não sabes, no entanto, o tipo de morte que te aguarda: quem sabe o Fado esteja guardando para ti uma morte violenta e dolorosa, ou então uma doença lenta e cruel. Escuta o conselho de um sábio: mata-te! É só um momento e estará tudo acabado!” Parece que conseguia liquidar pelo menos dois atenienses por mês. O seu apelido era *peisithánatos*, “persuasor de morte”.¹⁰³

Os megáricos

Euclides de Mégara (que nada tem a ver com o outro Euclides, o matemático) foi o mais idoso dos discípulos de Sócrates. Pouco sabemos quanto à data do seu nascimento, mas podemos dizer com alguma aproximação que viveu entre 435 e 365 a.C.¹⁰⁴ Dedicou-se ainda jovem à filosofia, e particularmente ao estudo de Parmênides. É claro que a chegada a Atenas do filósofo de Eleia em 450 deve ter deixado uma boa lembrança entre os pensadores gregos. Depois de conhecer Sócrates, passou o resto da vida tentando conciliar os ensinamentos do mestre com as teorias de Parmênides. Os seus seguidores foram chamados de *megáricos* ou então de *dialéticos*, devido ao hábito de levar adiante suas palestras através de sucessivas perguntas e respostas.

De Parmênides tirara a noção de que todas as coisas do mundo têm um valor intrínseco chamado *ser*, e um conjunto de aparências chamado *não ser*. Quando nos esforçamos para alcançar uma meta, temos de prestar atenção para que o objeto dos nossos desejos seja justamente o *ser* e não o *parecer*. Só para dar um exemplo bem simples: se eu desejar tornar-me o chefe de Estado, porque sinto a necessidade de melhorar o nível de vida dos meus concidadãos, estarei me aproximando do *ser* do ofício de chefe de Estado; mas se, ao contrário, o que me atrai no novo cargo é apenas o prestígio, as honras e o poder, então quer dizer que fui atraído pelo *parecer* da função, e já não tenho a menor possibilidade de alcançar o Bem.

Em geral, os estudiosos de filosofia não gostam de dar exemplos elementares de *ser*, como eu acabo de fazer, pois provavelmente receiam banalizar os significados (mais ou menos como fazer o retrato de Alá, para os muçulmanos). Quanto a mim, no entanto, gosto de dar umas dicas aos leitores para ajudá-los a entender.

Uma vez que Sócrates dissera que o importante na vida é chegar ao

conhecimento, e portanto ao Bem, para Euclides foi fácil harmonizar o pensamento do mestre e o de Parmênides concluindo que o Bem era o *ser*, quer dizer o Uno, eterno e indivisível, enquanto o resto não conta pois *não é*.

Conclusão

Ao contrário dos seus antecessores, os socráticos focalizaram a sua atenção principalmente na ética e descuidaram do estudo da natureza. A guinada de Sócrates consistia em chamar a atenção dos estudiosos sobre o Homem e seus problemas morais, dando à filosofia uma dimensão prática que a torna mais simpática. Vamos ver, então, se nós também podemos tirar alguma lição útil de vida.

Sócrates afirmava que quem sabe o que é o Bem não pode ser idiota a ponto de não querê-lo, pois estaria agindo contra o seu próprio interesse. A finalidade da vida, portanto, é o conhecimento do Bem.

Os cínicos achavam que o Bem era a liberdade individual e, para não ser demasiado condicionados pelo mundo exterior, reduziam ao mínimo indispensável as suas necessidades primárias.

Os cirenaicos identificavam o Bem com o prazer e o Mal com a dor. Segurar bem firme o prazer, dizia Aristipo, é a finalidade da vida, desde que, no entanto, isso não nos torne escravos.

Os megáricos tinham do Bem uma ideia mais abstrata: o Bem é o *ser*, o Mal é o *devenir*. Uma postura, no fundo, religiosa, uma vez que Euclides defendia que “o Bem supremo é um só, embora em muitos casos possa ser chamado com vários nomes: prudência, Deus, mente, sabedoria e assim por diante”.¹⁰⁵

⁵⁶ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VI, I, 2.

⁵⁷ Aulo Gélíio, *Noites áticas*, VII, 10, 1-4.

⁵⁸ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 5.

⁵⁹ Ibid., II, V, 34.

⁶⁰ Ibid., II, V, 105.

⁶¹ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VI, I, 19.

⁶² Ibid., VI, I, 13.

⁶³ Citação livremente tirada do *Simpósio* de Xenofonte, IV, 34 e seguintes.

⁶⁴ Clemente de Alexandria, *Estrômata*, II, 406, 6 (cit. em G. Reale, *Storia della filosofia antica*, vol. I: *Dalle origini a Socrate*, Vita e pensiero, Milão 1983/4, p. 397).

⁶⁵ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VI, I, 3.

- 66 Estobeu, *Antologia*, III, 10, 41.
- 67 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VI, I, 8.
- 68 Ibid., VI, I, 18.
- 69 Todas as anedotas relativas a Diógenes de Sinope, excetuando-se aquelas especificamente atribuídas a outras pessoas, foram tiradas da *Vidas dos filósofos* de Diógenes Laércio, VI, II.
- 70 Eubúlides de Mileto, discípulo de Euclides, filósofo de Mégara.
- 71 Ginásio de Corinto.
- 72 Heliano, *Varia historia*, XIV, 33.
- 73 Brunetto Latini, op. cit., cap. VIII, 13.
- 74 Na história da civilização grega, entre poetas, filósofos e literatos, há nada menos de onze personagens chamados Crates.
- 75 *Su(i)da*, ed. Westermann, p. 429 (cit. em Burckhardt, op.cit., p. 104).
- 76 Todas as anedotas sobre Crates foram tiradas de Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VI, V.
- 77 Ibid., VI, VI.
- 78 Ibid., VI, VII, 96.
- 79 Eratóstenes de Cirene, fr. 21 Jacoby (veja Diógenes Laércio, VI, V, 88).
- 80 A comparação cão-gato, no que diz respeito aos cínicos e aos cirenaicos, já foi feita por Joël, *Geschichte der antiken Philosophie*, I, 1921, p. 942 (cit. em G. Giannantoni, *I cirenaici*, Sansoni, Florença 1958, p. 47).
- 81 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VIII, 68.
- 82 Valério Máximo, *Fatos e ditados memoráveis*, IV, 3-4; *Gnomologium Vatic.*, 733 n 192 (cit. em Giannantoni, op. cit., p. 234).
- 83 Plutarco, *De curiositate*, 2, p. 516 C (cit. em Giannantoni, op. cit., p. 197).
- 84 “Um senhor”, aquilo que atualmente chamaríamos de *gente fina*. (N. do T.)
- 85 Plutarco, *De liber. Educ.*, 7, p. 4 F (cit. em Giannantoni, op. cit., p. 217).
- 86 *Excerpta e Ms. Flor. Joan. Damasc.*, II, 13, 145 (cit. em Giannantoni, op. cit., p. 217).
- 87 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VIII, 65.
- 88 Ibid., II, VIII, 4; Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 1.
- 89 Ibid., II, VIII, 77.
- 90 Horácio, *Epístolas*, I, XVII, 25.
- 91 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VIII, 78.
- 92 Ateneu, *Deipnosophisti*, XII, 544; Cícero, *Epistulae ad familiares*, IX, 262; Teodoreto, *Graecorum affectionum curatio*, XII, 50; Clemente de Alexandria, *Estrômata*, II, XX, 118; também Horácio, na primeira epístola: “Et mihi res, non me rebus subjungere conor” (I, I, 19).
- 93 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VIII, 69.
- 94 G.B.L. Colosio, *Aristipo di Cirene filosofo socratico*, Turim, 1925.
- 95 Aulo Gélio, *Noites áticas*, I, 8.
- 96 Platão, *Fédon*, 59 c.
- 97 “A Egina ia muitas vezes Aristipo, em busca de entretenimento lascivo.” (Ateneu, *Deipnosophisti*, XII, 544 d.)
- 98 “Epigramma in Ambraciotam Cleombrotum est, quem ait, cum ei nihil accidisset adversi, e muro se in mare abiecisse lecto Platonis libro.” (Cícero, *Tusculanae*, I, 34, 84.)
- 99 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VIII, 7.
- 100 “Se o mundo é uma roda, vamos agarrar o minuto que está a ponto de passar” é um verso da música *Simme 'e Napule paisà* de Fiorelli Valente.
- 101 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II, VIII, 87.
- 102 Ibid., II, VIII, 98.
- 103 Ibid., II, VIII, 94.
- 104 Ibid., II, X, 106.

105 Ibid., II, X, 106.

III SCISCIO

Na década de 1950, eu também conheci um cínico: chamava-se Scisciò Morante e normalmente morava na costa amalfitana. Maltrapilho com jeito de cavalheiro, boa-pinta, galanteador com as mulheres, comedido, sem residência fixa, um tanto esnobe, ativo como um fidalgo espanhol e sem um tostão no bolso. Aliás, para sermos ainda mais precisos, sem bolsos, uma vez que, para não ter de colocar neles coisa alguma, mandara costurá-los por Pepito, o melhor alfaiate de Positano.

Scisciò só tornava-se visível na estação quente, de abril a outubro, para então desaparecer por completo quando chegava o frio: provavelmente entrava em letargia. Uns assinalavam a sua presença em Cortina, no Sestriere ou qualquer outro centro de esportes de inverno, hóspede de alguma dama que conhecera durante o verão, mas a notícia resultava quase sempre desprovida de fundamento, uma vez que todos pareciam competir para mostrar-se a par “das mais recentes aventuras de Scisciò”.

A família dele pertencia àquela velha burguesia napolitana que considerava “o trabalho” um assunto que tinha a ver exclusivamente com as classes populares (e não podemos deixar de admitir que herdamos esta maneira de pensar, hoje em dia superada, diretamente dos gregos). Uma vez que não podia trabalhar devido às tradições familiares, Scisciò sobrevivia graças a *cappuccini*, brioches e convites para jantar; apesar disso, ninguém jamais o viu pedir dinheiro emprestado. Certa vez pediu mil liras a uma simpática atriz de teatro para comprar um maço de *Nazionali*, mas voltou logo, com um largo sorriso estampado no rosto, segurando os cigarros e uma rosa.

– Tudo bem com você, Scisciò? – eu perguntava ao encontrá-lo.

– Às mil maravilhas – respondia –, arrumei até uma geladeira.

As “praças” onde gostava de viver eram Capri e Positano. Só raramente escolhia Ischia, onde, no entanto, poderia gozar de toda a hospitalidade possível uma vez que havia na ilha uns parentes seus

muito ricos (donos de um hotel, entre outras coisas). Quanto a isto, aliás, Scisciò era na verdade bastante estranho. Às vezes enfrentava viagens estafantes para arranjar um abrigo, mas quase sempre demonstrava um orgulho exagerado, como quando visitava os parentes donos do hotel e enchia a barriga de figos-da-índia ao longo do caminho só para não ter de aceitar o convite para almoçar.

Certo dia dei-lhe de presente um suéter amarelo, um tanto espalhafatoso.

– Obrigado – disse ele –, mas o amarelo não me cai bem, faz-me parecer mais gordo. E além do mais, por aqui, a cor da moda à noite é o azul.

Mesmo que o tivesse aceito, não iria usá-lo por muito tempo: desprovido que era do conceito de propriedade, iria certamente esquecê-lo na rua, em cima de alguma mureta, ou então usá-lo-ia como contrapartida, em algum bar, em troca de uma dose de uísque.

Quanto à comida, tinha um entendimento com os restaurantes.

– Por uma estranha coincidência, aqui em Positano, vocês são exatamente 61. Na base do revezamento, cabe-lhes apenas uma refeição a cada dois meses. E não se preocupem quanto ao café da manhã, pois há sempre um monte de amigos que não se cansam de oferecer-me alguma coisa.

No restaurante só pedia o mínimo indispensável: “um prato de espaguete com *vôngole*” e um copo de vinho. Ciente do fato de estar comendo de graça, preferia não se aproveitar.

Certa vez pousou quase de forma estável no “Rancio Fellone”, o lindo estabelecimento de Sandro Petti em Porto d’Ischia. Só que, ao receber a proposta de um pequeno salário em troca das relações públicas que até involuntariamente acabava mantendo, sumiu e nunca mais apareceu por lá.

Dizia querer escrever um livro de memórias intitulado *A cigarra operosa*, mas nunca passou do título.

Scisciò mudou de personalidade logo depois que participou como ator do filme *Leões ao sol*, de Vittorio Caprioli. Ele mesmo acusou o coitado do Vittorio de tê-lo prejudicado.

– Quero-lhe bem, mas também o odeio: você me pagou, e agora sinto-me destruído!

Leões ao sol foi para nós napolitanos o que *Os boas-vidas* de Fellini

foi para o resto dos italianos: falava dos nossos verões inúteis e dispersivos, da aventura com a jovem sueca, do inconfessável desejo do grande amor, do almoço surripiado da milanese de passagem. Acontecia de tudo na Positano dos anos 1960 e os leões da história, preguiçosamente espichados nas pedras, chamavam-se na época Giuggiù, Frichì, Scisciò, Sasà, Mimì e Cunfitiello. Obviamente Scisciò foi o único que não teve de mudar de nome. Inspirador e roteirista do filme (junto com Caprioli) foi Dudù La Capria, o autor de *Ferito a morte*, um dos livros mais bonitos e verdadeiros sobre a Nápoles da gente bem.

Como já disse, o dinheiro ganho com o filme (quinhentas mil liras, que na época não eram pouca coisa) deixou-o profundamente perturbado. Num primeiro momento procurou até desfazer-se dele convidando todo mundo para jantar, inclusive ilustres desconhecidos que nunca vira antes, mas aí, voltando a ser pobre, perdeu o tom olímpico e gentil que lhe era peculiar e começou a responder com dureza até às perguntas mais inocentes.

– Como vai, Scisciò?

– O que é que você acha? Muito bem, como sempre, ora essa!

Mas não era verdade, ele não estava nem um pouco bem. A bebida, quase sempre de estômago vazio, acabou destruindo-o. Morreu de cirrose hepática aos 55 anos, na véspera de Natal. Estava sozinho, no leito de um hospital, e o médico de plantão, talvez jovem e severo demais, proibiu-lhe tomar o copinho de uísque que talvez fosse mantê-lo vivo por mais alguns dias.

IV PLATÃO

A vida

Aristocles, conhecido como Platão,¹⁰⁶ filho de Arístones e Peritione, nasceu em Atenas sob o signo de Touro, por volta de 428 a.C. A lenda conta que, tendo nascido no mesmo dia de Apolo,¹⁰⁷ os pais levaram-no ainda de fraldas para o monte Imeto para agradecer ao deus e que, enquanto estavam lá todos atarefados com o rito religioso, um enxame de abelhas pousou sobre a sua boca enchendo-a de mel.¹⁰⁸ Esta anedota é quase certamente uma mentira, aliás, sem dúvida, deve ser, mas demonstra seguramente a admiração que o mundo antigo sempre teve pelo seu gênio.

Platão era um aristocrata: por parte de pai descendia de Codro, o último rei de Atenas, e portanto do próprio deus Poseidon; por parte de mãe, o bisavô do bisavô Drópides havia sido Sólon, grande homem público e legislador da cidade de Atenas, e finalmente, sempre por parte de mãe, podia contar com a ajuda do tio Carmides e do tio Crítias, dois dos Trinta Tiranos. Com parentes tão influentes (a casa dele era uma espécie de família Kennedy do século V a.C.) era inevitável que ele também acabasse se envolvendo com a política.

Na sétima carta aos siracusanos¹⁰⁹ o próprio Platão confirma esse interesse pela política: “Quando ainda era moço passei pelas mesmas experiências dos demais rapazes da minha idade: tencionava dedicar-me à política logo que pudesse cuidar das minhas próprias necessidades”.¹¹⁰ Só que teve de enfrentar tantas e tão grandes decepções durante os primeiros anos da democracia que chegou a perder por completo a confiança nos políticos. E afinal, como discordar dele? Péricles já havia morrido havia bastante tempo, e com ele também desaparecera o momento mágico do “iluminismo” ateniense. Os sucessores, demagogos como Cléon e Hipérbolo, eram apenas uns sujeitos medíocres, e Alcibíades, com todo o respeito pela sua inteligência, não passava de um político muito pouco confiável do ponto de vista moral. Deve ter sido esta a impressão que

Platão teve da democracia. Então aconteceu a guerra do Peloponeso, a derrota de Egospótamos, uma certa mitificação da eficiência espartana e a consequente restauração por parte dos Trinta Tiranos; durante esse breve período que durou pouco mais de um ano, os tios Crítias e Carmides disseram-lhe claramente que estava na hora de ele fazer alguma coisa, mas quando Platão percebeu que os aristocratas também não faziam nada além de vingar-se dos abusos sofridos durante o governo anterior, abandonou de vez a política e dedicou-se de corpo e alma à filosofia. Finalmente, com a volta ao poder da democracia, viu condenar à morte justamente Sócrates, o único homem que considerava merecedor de admiração. Depois de uma experiência como esta, não podemos certamente ficar surpresos ao constatar que pelo resto da vida continuou sendo um sincero e honesto antidemocrata.

O encontro com Sócrates foi para Platão um verdadeiro momento fulminante. Contam que, aos vinte anos, só se interessava pela poesia e que certo dia, quando estava a caminho do teatro para participar de uma competição poética, ouviu Sócrates falar diante de um grupo de jovens. Compreendeu de imediato que aquele velho iria ser o seu novo guia espiritual: jogou os poemas na fogueira e começou a acompanhá-lo.¹¹¹

Depois da morte do mestre, receando algum tipo de perseguição, abrigou-se com alguns outros discípulos em Mégara, onde ficou três anos junto do colega Euclides. Até que, em certa altura, mais desejoso do que nunca de novos conhecimentos, começou o que podemos chamar de curso básico para filósofos: visita aos matemáticos de Cirene, aos profetas no Egito e aos pitagóricos na Itália. Para completar a romaria, teria ainda de visitar os Magos na Ásia Menor, mas a região estava sendo dilacerada por guerras (como hoje em dia, aliás) e ele preferiu desistir.

Tudo indica que foi à Sicília mais por motivos turísticos do que por qualquer outra coisa: queria ver o Etna e o lugar preciso onde Empédocles se matara. Acabou, no entanto, conhecendo o segundo homem realmente importante na sua vida, o jovem Dion.

Dion era cunhado de Dionísio, o chefe da cidade de Siracusa;¹¹² o tirano era um homem cruel e autoritário, no entanto, o rapaz era um idealista: ouvira falar de Platão e das suas ideias políticas e desejava a presença do filósofo em Siracusa para que convertesse o cunhado a uma forma de tirania iluminada.

Infelizmente, as coisas não aconteceram exatamente do jeito que o jovem

imaginara: Platão ficou logo enojado com os costumes da corte e Dionísio, por sua vez, olhou com desconfiança para aquele ateniense que falava como se fosse um oráculo. Só para se ter uma ideia do ambiente que reinava no palácio siciliano do século IV, certa vez foi servido um jantar que durou noventa dias seguidos.¹¹³ Muitos anos depois, ao contar as suas experiências sicilianas, Platão confessaria que não gostou nem um pouco “daquela vida considerada afortunada, cheia de itálicos banquetes, nem daquele encher o estômago duas vezes ao dia e dormir todas as noites com alguma companhia”.¹¹⁴

A situação piorou quando Platão e Dionísio começaram a falar de filosofia. O assunto escolhido foi a Virtude. Platão deu início ao debate afirmando que um homem virtuoso é mais feliz do que um tirano, e então Dionísio, já desconfiando que não estava sendo tratado com a devida reverência, perguntou à queima-roupa:

- Mas o que vieste fazer, afinal, na Sicília?
- Vim em busca de um homem virtuoso.
- E não achas que já o encontraste?
- Claro que não.
- As tuas palavras denunciam decrepitude senil! – exclamou Dionísio mais furioso do que nunca.
- E as tuas, tiranias – replicou o filósofo.

Meia hora depois disso, Platão foi amarrado e embarcado à força no navio do espartano Polide para ser levado ao Egito e vendido no mercado dos escravos.¹¹⁵

– Afinal é um filósofo – explicou Dionísio num tom conciliador –, ele nem vai reparar!¹¹⁶

Felizmente para Platão, estava passando por Egina um dos seus fãs líbios, um certo Aniceride de Cirene, que não só conseguiu resgatá-lo em troca de vinte minas, como também deu-lhe de presente o dinheiro necessário para comprar um terreno onde construir uma escola.

A fundação da Academia foi um dos acontecimentos culturais mais importantes do mundo antigo. Tratava-se de uma escola localizada a mais ou menos dois quilômetros de Atenas, ao longo da estrada dos túmulos dos homens ilustres, totalmente mergulhada num grande parque. Eis aqui uma descrição dela tirada do *Fedro*: “Mais gentil do que qualquer outra coisa era a grama, crescida tão fofa no suave declive que os que nela se deitassem

podiam apoiar suavemente a cabeça no solo.”¹¹⁷ Tudo isto ao lado de um pequeno bosque dedicado ao herói Academo, de quem, na verdade, ninguém jamais conheceu as façanhas capazes de justificar tamanha honra. Quanta sorte! Nunca, jamais o senhor Academo poderia imaginar que o seu nome iria ser usado pelos séculos afora para denominar os lugares sagrados da cultura.

Ali, em torno de Platão, reuniu-se um numeroso grupo de discípulos (Xenócrates, Espeusipo, Aristóteles, Heráclide do Ponto, Calipo, Erasto, Timolau e muitos outros) e de alunas (Lastênia e Axioteia, esta última vestindo trajes masculinos).¹¹⁸ A vida deles passava serena entre passeios e amáveis conversas, num agradável cenário de frescas alamedas e riachos, e nada iria mudar se Dion de Siracusa não tivesse insistido tanto para Platão voltar à Sicília.

Dionísio o Velho, que sua alma repouse em paz, tinha morrido e, em seu lugar, reinava agora o filho mais velho, Dionísio o Jovem. Plutarco conta que o pai, receando tê-lo como concorrente, mantivera-o trancado em casa desde a adolescência, e que durante este tempo todo o pobre não tivera coisa melhor a fazer do que dedicar-se a pequenos trabalhos manuais, montando banquinhos, mesas e outros móveis de madeira.¹¹⁹ Depois que o novo monarca assumiu o poder, e levando em conta a docilidade do seu caráter, Dion considerou que finalmente chegara a ocasião de colocar em prática a república platônica.

Na verdade, Platão, depois da catastrófica experiência da primeira viagem, não tinha a menor vontade de embarcar mais uma vez para a Sicília, não só devido ao transtorno da longa viagem, mas também porque, como ele mesmo diz, “não confiava nos jovens”. Mas no fim, deixando para trás as últimas dúvidas, principalmente para “não parecer aos seus próprios olhos um daqueles homens que só falam mas acabam não fazendo nada”,¹²⁰ acabou aceitando o convite.

Desta vez foi recebido com todas as honras, mas não demorou para a situação degenerar mais uma vez devido a uns cortesãos que, desgostosos com a sua presença, acusaram a ele e a Dion de traição e conspiração contra o Estado. O jovem tirano, perdido entre as dúvidas e não sabendo o que fazer, primeiro mandou embora o tio e em seguida impediu que Platão partisse com ele.

– Não quero – explicou o jovem – que depois de chegarem a Atenas fiquem falando mal de mim.

– Espero que na Academia a conversa não tenha ficado tão pobre a ponto de sermos forçados a tratar de um assunto como este – respondeu sardônico o filósofo.

Na prática, e apesar de receber um tratamento de primeira, Platão era muito mais um prisioneiro do que um hóspede. O contraste entre tio e sobrinho consistia principalmente no fato de Dionísio ter ciúme da afeição que Platão demonstrava por Dion. Nem é preciso dizer que ninguém mais pensava minimamente em mudar a constituição. Até que Dionísio o Jovem tinha realmente algum pendor pela filosofia, mas isto não passava de mera conversa e teoria: no que dizia respeito à vida de todos os dias, portava-se do mesmo jeito que o pai. Seja como for, mais uma vez Platão conseguiu fugir de Siracusa e, quando voltou à Academia, encontrou entre os demais discípulos o querido Dion, que esperava por ele.

A história das visitas à Sicília não ficou só nisso: há mais uma terceira viagem que merece ser contada. A partir de um determinado momento, Dionísio começou a infernizar a vida de Platão com cartas e súplicas para que voltasse mais uma vez a Siracusa, pediu a ajuda dos pitagóricos de Taranto, ficou dizendo a todos que não podia viver longe do seu mestre, enviou-lhe uma trirreme muito rápida e finalmente declarou, sem papas na língua, que se não aceitasse o convite, ele nunca mais iria devolver a Dion os bens da família.

Platão já estava ficando velho (já completara 67 anos) e, naquele tempo, uma viagem Atenas-Siracusa via mar não devia ser fácil. A amizade com Dion, entretanto, falou mais alto e ele conformou-se a “percorrer mais uma vez a mortal Caribdes”.¹²¹ Como era de se esperar, Dionísio não manteve nenhuma das promessas feitas e Platão, pela terceira vez, teve muito trabalho para se safar. Conseguiu isso graças à ajuda do amigo Arquitas, um pitagórico tarantino que foi buscá-lo de noite com uma trirreme. Só para constar: alguns anos mais tarde, Dion, com oitocentos homens, moveu um ataque armado contra Siracusa e destronou Dionísio. Em seguida, no entanto, foi apunhalado pelas costas por um certo Calipo, um discípulo de Platão que o havia apoiado desde o começo. A história ensina que 8,33 por cento dos discípulos deixam a desejar.

Platão morreu com a idade de 81 anos durante um banquete de núpcias¹²² e foi sepultado no pequeno bosque do herói Academo.¹²³ Parece que no decorrer da sua longa vida ninguém jamais o viu sorrir.¹²⁴

O estado ideal

Vamos supor que um leitor normal, sem saber coisa alguma de filosofia, pegue a *República* de Platão e leia os primeiros cinco livros: o que poderá pensar do autor depois de terminar a leitura? Que é um tremendo pretensioso, comparável a Hitler, Stálin e Pol Pot. Como explicar, então, o sucesso que sempre teve pelo mundo? Muita calma e giz na ponta do taco, como dizem os jogadores de sinuca: vamos primeiro ler o diálogo e depois conversamos.

A *República* começa com uma reunião de amigos na casa de Céfalo. Estão presentes Polemarco, Eutidemo, Gláucon, Trasímaco, Lísias, Adimanto e mais alguns cavalheiros. Assunto em pauta: “O que é a justiça.”

Céfalo é o primeiro a falar: para ele, a justiça é “pagar as dívidas”, para Polímarco, é “ajudar os amigos e prejudicar os inimigos” e para Trasímaco, é “o interesse do mais forte”. E até aqui, graças a Deus, só há uma certa confusão de ideias equivocadas. Depois, no entanto, com a intervenção de Sócrates, a conversa torna-se de interpretação mais ambígua. Acontece, de fato, que alguns conceitos básicos como justiça e democracia tinham para os gregos um sentido totalmente diferente daquele que acabaram assumindo nos nossos dias, o que faz com que algumas afirmações de Platão, para o leitor de hoje, possam parecer bastante reacionárias. Só para dar uma ideia de como andam as coisas, nós, que somos herdeiros da Revolução Francesa, achamos que a justiça é antes de mais nada *égalité*, isto é, igualdade de direitos dos cidadãos, enquanto para Platão e companhia coincidia com a ordem e, assim sendo, só podia ser conseguida quando “cada um cumpre com o seu dever sem interferir no dos demais”.¹²⁵ De qualquer maneira, eis a seguir alguns trechos da *República*, no estilo de *Seleções do Reader's Digest*:

– Para entender o que é a justiça – diz Sócrates –, vamos tentar acompanhar o nascimento de um Estado.

– Vamos lá – concordam os demais.

– A meu ver – continua o filósofo –, um Estado nasce porque cada um de nós não basta a si mesmo. O homem tem muitas necessidades, tão numerosas que vários homens são forçados a viver juntos para se ajudarem uns aos outros. Daremos a essa necessidade de vida em comum, a essa convivência, o nome de Estado.

– Sem dúvida alguma – concordam os presentes que a partir daí só vão

desempenhar o papel de comparsas.

– Agora, a primeira necessidade é a comida, a segunda, a morada, a terceira, o vestuário e assim por diante. O nosso Estado, então, vai precisar de um agricultor, de um pedreiro, de um tecelão e depois também, digamos, de um sapateiro. Cada um vai especializar-se no seu trabalho, produzindo para si e para os demais, uma vez que, para alcançar a máxima eficiência, é preciso que cada um desempenhe o próprio ofício e não o ofício dos outros. Para trabalhar, além disso, cada categoria também irá precisar de utensílios: arados, conchas de pedreiro e tesouras, e, portanto, de serralheiros, marceneiros e muitos outros artesãos. Como estão vendo, quanto mais pensamos no assunto, mais o nosso Estado fica populoso.

– Na verdade, ó Sócrates, já tem gente até demais.

– Mesmo assim, no entanto, a produção interna poderia não bastar – continua Sócrates – e nesse caso seria mister recorrer a trocas com os Estados vizinhos, e para fazer isso vamos precisar de comerciantes espertos e habilidosos. E finalmente de marinheiros, de timoneiros e comandantes para o transporte por mar. Então, uma vez que nessa altura nós também vamos receber a visita de mercadores estrangeiros, vamos precisar de pessoas que saibam funcionar como intermediários entre eles e os nossos agricultores. (369 a-371 e.)

Em resumo, pouco a pouco Platão faz com que Sócrates invente uma comunidade atarefada e produtiva. É claro que, como de costume, dá muitas voltas antes de chegar ao que interessa, até porque o que não faltava era o tempo, na Grécia daqueles dias.

Quem toma a palavra agora é Gláucon.

– Infelizmente, ó Sócrates, ao fazer a lista das necessidades do homem, tu só mencionaste a comida, o vestuário e a morada, limitando-se a desejar o mínimo indispensável. Talvez, se tivesses imaginado um Estado de porcos, não os terias alimentado de forma diferente!

– E o que me aconselha?

– Levar em conta os costumes das pessoas de bem: boas camas onde descansar, doces de figos...

– Já entendi, Gláucon, tu gostarias de um Estado repleto de luxo, onde há perfumes, incensos e heteras. E dize-me mais uma coisa: gostarias que também houvesse comediantes, músicos, rapsodos, poetas, criados, atores, cantores e vendedores de joias e alfaias, principalmente para agradar às

nossas mulheres?

– Claro que sim.

– Pois então, neste caso – prossegue Sócrates – vamos precisar de um território maior para alimentar todos esses habitantes, e seremos forçados a tirá-lo dos nossos vizinhos. E eles também, se forem tão ávidos quanto nós, irão querer apossar-se de parte do nosso.

– O que vai acontecer, então?

– Acabará havendo uma guerra entre nós e os nossos vizinhos, e iremos precisar de soldados bem treinados que saibam defender a pátria e atacar os inimigos.

– Os cidadãos não poderiam fazer isto sozinhos?

– Não, se aceitarmos como válido o princípio que estabelecemos desde o começo: que cada um cuide do seu ofício e não do dos demais. (372 d-374 a.)

E dessa forma Platão, depois de definir a agricultura, o artesanato e o setor terciário, inventa agora também o militar de carreira.

– Esses soldados, que chamaremos de defensores do Estado, terão de ser brandos com os companheiros e inflexíveis com os inimigos.

– E como pensas encontrar, ó Sócrates, homens com um caráter brando e destemido ao mesmo tempo?

– Moldando-os com música e ginástica.

– Tencionas incluir na música também as composições literárias?

– Tudo aquilo que depende das Musas é música – responde Sócrates – a não ser os contos mentirosos.

– De que contos estás falando?

– Dos de Homero, de Hesíodo e de uns outros poetas.

– O que achas de criticável neles, ó Sócrates?

– O fato de apresentarem os deuses e os heróis com todas as nossas fraquezas, de nos mostrarem divindades perjuras e arrebatadas pela ira, heróis que choram e deuses que riem...

– Deuses que riem?!

– Isso mesmo, que riem – confirma Sócrates –, pois a facilidade exagerada para o riso não é conveniente, e não podemos aprovar quem, como Homero, escreve versos deste tipo: ‘Estrondosas risadas agitaram o peito dos beatos numes / ao verem Hefáistos de avental cuidando da casa.’ Pois eu acho que estas coisas, ainda que verdadeiras, não deveriam ser contadas

às crianças ou às pessoas imaturas, e que seria melhor não falar a respeito, ou então levá-las ao conhecimento de um pequeno número de pessoas, depois de sacrificar aos deuses uma vítima rara e preciosa. (374 a-377 a.)

O segundo livro da *República* acaba com este convite à censura. No terceiro determinam-se os tipos de música e de ginástica necessários para a educação dos soldados. Nada de melodias jônicas ou lídias (no gênero das nossas músicas napolitanas, só para se entender) que poderiam produzir “lutadores desmiolados”, mas sim marchas militares dóricas ou frígias, capazes de inspirar coragem e amor pela pátria. Muito cuidado, no entanto, pois mesmo uma educação baseada nas artes marciais poderia resultar perigosa: não acabaria formando homens racionais, com efeito, mas sim feras incapazes de persuadir os outros homens com a força da palavra.

Isso dito, entra-se no âmago do discurso: alguns dos soldados serão mais aptos a dar ordens e outros a acatá-las. Uma vez escolhidos os primeiros, teremos então três classes de indivíduos: os que mandam (os filósofos), os que combatem (os soldados) e os que trabalham (os agricultores e todos os demais). A República de Platão é portanto um Estado com uma Primeira, uma Segunda e uma Terceira divisão de cidadãos, onde quem nasce numa categoria vai acabar quase certamente morrendo nela, a não ser que seja promovido por merecimento especial ou rebaixado por igualmente especial demérito.

– E se estivermos visando o bem – precisa Sócrates – até é permitido recorrer à mentira. Diremos então aos nossos cidadãos: sejam todos irmãos, mas a divindade, ao moldá-los, misturou ouro naqueles que eram fadados ao comando, prata nos ajudantes e bronze nos trabalhadores.

– E se algum dia um cidadão da classe superior perceber que tem um filho feito de bronze, o que terá de fazer?

– Inserir-lo sem misericórdia entre os trabalhadores, assim como, reciprocamente, se entre estes nascer um filho com claros indícios de ouro e de prata, caberá aos monitores tirá-lo dos pais e levá-lo para a classe mais elevada.

– E ficaria rico?

– Nem pensar! – responde Sócrates. – Nenhum dos monitores, seja ele filósofo ou soldado, poderá dispor de recursos pessoais. Somente o povo deverá continuar tendo a posse de propriedades agrárias. No que diz respeito à comida, por sua vez, os guardiães receberão tudo aquilo que for

necessário ao seu bem-estar. Viverão em comunidade, e comerão juntos, como se estivessem num quartel.

– E não achas que esse tipo de vida os tornará infelizes? – pergunta Adimanto. – Embora tenham nas mãos as rédeas do Estado, não tirariam proveito algum disso, não poderiam ser generosos com as heteras nem morar em casas bonitas e espaçosas.

– Acontece, meu caro Adimanto, que a nossa finalidade não é tornar mais feliz uma classe ou um indivíduo, mas sim o Estado como um todo. Não esqueça que a grande riqueza e a extrema pobreza tornam o homem infeliz, na medida em que a primeira gera luxo, preguiça e movimentos revolucionários, enquanto a outra leva à mesquinha, ao trabalho sofrível e a movimentos revolucionários.

– Mas em todos os Estados que conheço existem riqueza e pobreza.

– Sem dúvida – replica Sócrates –, e isto porque em lugar de serem Estados unitários, são formados por duas classes, a dos ricos e a dos pobres, inimigas entre si, como no jogo das *póleis*.¹²⁶ (414 b-422 a.)

Platão passa então da justiça social à justiça de cada homem, que tem três almas, assim como o Estado tem três classes de cidadãos.

– Em cada indivíduo – diz Sócrates – existem três almas diferentes entre si: a primeira que serve para raciocinar, e que chamarei de racional, a segunda (passional) que o torna destemido, e a terceira que o faz desejar o amor, a comida e a água, à qual darei o nome de apetitiva. Agora, para mostrar-lhes como estas almas se portam, contarei uma anedota: certo dia Leôncio, filho de Agláion, estava voltando do Pireu quando viu uns cadáveres que acabavam de ter sido amontoados ali pelo carrasco. Se por um lado o jovem morria de vontade de olhar, por outro também estava com medo de fazê-lo; até que, vencido pela curiosidade, deu uma olhada neles e disse: “Aqui estão eles, olhos desalmados, fartem-se à vontade com o espetáculo!” Neste caso a alma destemida aliara-se com a apetitiva em prejuízo da racional. Pois bem, para que haja justiça, é preciso que a coragem (a classe dos soldados) sempre fique sujeita à racionalidade (a classe dos filósofos) e nunca aos apetites (o povo). (439 d-440 a.)

Sócrates vira-se então e começa a afastar-se, mas Adimanto segura-o pela túnica e o detém.

– Ao que parece, tu nos privaste de uma parte do discurso. Deu por

encerrada a conversa dizendo que os guardiães compartilham tudo, até as mulheres; mas de que forma poderia ser posta em prática uma comunidade como esta?

– Não é fácil enfrentar assuntos como esse – responde Sócrates, não muito à vontade. – A solução que proponho, meus queridos amigos, é bastante incomum e as minhas palavras poderiam ser consideradas uma utopia.

– Não hesites, ó Sócrates, uma vez que os teus ouvintes não são incrédulos nem lhe são hostis.

– Acompanhai então o meu raciocínio: vamos supor que as mulheres sejam iguais aos homens...

– Como assim, iguais?

– No sentido de elas poderem desempenhar as mesmas funções dos guardiães, de forma que a única diferença existente consista no fato de as primeiras serem mais fracas e os segundos, mais vigorosos...

– Mas isto é impossível...

– ... e vamos dar-lhes a mesma educação que demos aos guardiães, isto é, a música e a ginástica.

– Ridículo!

– O que há de tão ridículo nisto? – pergunta Sócrates levantando a voz. – Que as mulheres exercitem os seus corpos nus em companhia dos homens? E como poderiam elas ser úteis ao Estado, então, se não forem antes treinadas e educadas devidamente?

– De acordo, mas esta tua ideia é como um tremor de terra, algo que abala os nossos hábitos mais arraigados.

– Se este primeiro abalo já te parece violento, espera só para ouvir o segundo.

– Estou ouvindo, ó Sócrates.

– Estas mulheres, como já disse, serão entregues aos homens: todas a todos e nenhuma somente a um. Os filhos também serão criados em comum, de forma que não haja pais capazes de reconhecer os seus próprios rebentos.

– E qual será o critério escolhido para os homens e as mulheres se acasalarem?

– Os melhores com as melhores, os piores com as piores, e para que não haja protestos por parte destes últimos, faremos de conta estar recorrendo a

um engenhoso sorteio, de forma que para cada acasalamento indesejado a única culpada seja a sorte. Eu repito, até as mentiras podem ser bem-vindas se forem ditas com nobre finalidade.

– E os filhos?

– Os melhores serão criados num jardim de infância pelas mães de seio mais túrgido, cogitando um sistema para que nenhuma delas reconheça a sua própria criatura. Os piores, por sua vez, serão hospedados num local secreto e longe de olhares indiscretos.¹²⁷

– E qual seria a vantagem disto?

– Não conseguindo identificar a própria prole, os guardiões não poderão antepor a família ao Estado e nenhum jovem ousará ferir um idoso receando tratar-se do seu pai. No que diz respeito à guerra, os jovens mais vigorosos serão levados aos campos de batalha para que possam assistir aos combates. Montarão velozes corcéis para que possam salvar-se em caso de derrota. Aprenderão a admirar os soldados corajosos e a desprezar os covardes. Quem, entre eles, lutar demonstrando valor, será coroado pelos seus próprios companheiros e, durante toda a duração da expedição, poderá fazer amor com quem desejar, tanto homem quanto mulher, e ninguém poderá recusar-se. (449 c-468 c.)

Chegamos mais ou menos à metade do diálogo: vamos parar um momento e, antes de acusar Platão de apologia do nazismo, imaginemo-nos no lugar dele.

Naquele tempo, a Grécia era uma região montanhosa com uma porção de pequenas cidades isoladas umas das outras e quase sempre em guerra entre si, tanto assim que ser invadido por estrangeiros significava amiúde a morte para homens adultos e a escravidão para as mulheres e as crianças. Sobreviver, na Grécia, queria dizer altas muralhas em volta da cidade, uma Acrópole bem localizada e um exército valoroso.

Platão mal completara vinte anos quando assistiu à derrota de Atenas diante de Esparta. O general Lisandro, após destruir o exército ateniense, mandou derrubar as Longas Muralhas e, depois de livrar-se dos democratas, botou no lugar deles uma oligarquia que logo aproveitou a ocasião para instaurar um regime de terror. É natural que numa situação como aquela o filósofo tenha sentido uma grande necessidade de ordem ou, nas palavras dele, de “justiça”. Pois bem, o modelo político no qual inspirar-se só podia ser o do vencedor. O mítico Licurgo, o inventor do

comunismo espartano, deve ter-lhe parecido uma espécie de Mao Tsé-tung a ser admirado e imitado sem hesitação.

É por isso que, ao projetar um Estado, Platão imagina-o pequeno, cercado de inimigos e todo recolhido em torno da *pólis*. Os cidadãos ideais, para ele, são amantes da coletividade e não da privacidade. Quando, portanto, estabelece as dimensões da República não supera os limites das imediatas cercanias de Atenas. No seu longo tratado nem mesmo chega a levantar a hipótese de um vasto império. Afinal não podemos esquecer que Alexandre o Grande ainda não viera mostrar como um ajuntamento de tribos turbulentas poderia tornar-se um único povo.

E também há outro problema: onde localizar o Estado ideal? Platão demonstra uma certa desconfiança em relação ao mar. No diálogo *Leis*¹²⁸ afirma textualmente: “O mar é uma realidade aprazível de se viver no dia a dia, mas com o passar do tempo torna-se uma proximidade amarga e salgada, pois enche a cidade de transações e pequenos comércios, envenenando os cidadãos com os germes da inconstância e da falsidade.” Em outras palavras, enquanto o agricultor é uma boa pessoa que só produz aquilo de que precisa ou, no máximo, o necessário para algumas trocas, o comerciante só pensa em acumular dinheiro. Os produtos da terra, por serem quase sempre perecíveis, não são facilmente estocáveis; o dinheiro, por sua vez, pode ser acumulado à vontade e é causa de insatisfação e infelicidade. E uma vez que naquela época o comércio só era praticado pelo mar, não tendo a Ática qualquer tipo de rede de estradas, uma cidade costeira também era um centro comercial, e portanto um lugar não muito recomendável.¹²⁹ No seu projeto ideal Platão chega até a determinar a distância segura do mar: 14 quilômetros e setecentos metros;¹³⁰ não me perguntem por quê.

Devido justamente à *República*, na história do pensamento ocidental, Platão teve muitos críticos: primeiro entre todos o filósofo austríaco Karl Popper que, associando-o a Hegel e Marx, acaba definindo-o como um inimigo da liberdade ou, como ele mesmo diz, da “sociedade aberta”. Popper acusa em particular o ateniense por considerá-lo o inspirador de todos os totalitarismos, e cita por extenso aqueles trechos em que Platão esbraveja contra a democracia.¹³¹ O defeito principal de Popper consiste em julgar Platão em termos de hoje, e não em termos do século IV a.C. Na verdade, Platão não era a favor nem da ditadura nem da democracia:

limitava-se a considerar melhor uma ou outra segundo quem estivesse na ponte de comando. Quando ele faz uma lista dos regimes políticos, menciona seis deles e põe em primeiro lugar o governo de um homem só (a *monarquia*, o filósofo-rei, na prática, ele mesmo, embora não diga), em seguida, o de poucos (a *aristocracia*) e finalmente o de muitos (a *democracia*): isso quando os governantes são bons. Quando, porém, eles são imprestáveis, então tudo fica na ordem inversa e o melhor governo acaba sendo o de muitos (a *demagogia*), seguido pelo de poucos (a *oligarquia*), ficando como último o de um homem só (a *tiranía*).¹³²

Pelos mesmos motivos pelos quais é odiado por alguns, Platão é amado por outros. Às vezes, no entanto, trata-se de amor interessado, como, por exemplo, quando se procura usar o seu prestígio para avalizar uma própria tese reacionária. Em outras palavras, o fato de poder dizer “fique sabendo que Platão também disse isto!” ainda tem o seu peso na balança. Certa vez, durante os dias turbulentos de 1968, tive a oportunidade de ver emoldurada no escritório de alto executivo esta frase de Platão: “Quando um povo, devorado pela sede de liberdade, acaba entregue nas mãos de copeiros que lhe servem fartas doses dela, até embriagá-lo, acontece que, se os governantes resistem aos pedidos dos cada vez mais exigentes súditos, são declarados tiranos. E também acontece que os que se demonstram disciplinados em relação aos superiores são considerados homens servis e desprovidos de caráter; que o pai amedrontado acaba tratando o filho como igual, perdendo assim o merecido respeito, que o professor já não se atreve a admoestar os alunos, e estes já o escarnecem, que os jovens pretendem os mesmos direitos dos velhos e estes, para não parecer severos demais, concordam com os jovens. Neste clima de liberdade, e no próprio nome dela, já não há mais respeito por ninguém, e no meio de tanta permissividade nasce e se desenvolve uma planta daninha: a tirania.”¹³³ Quando terminei de ler o executivo sorriu para mim dizendo: “Viu, engenheiro? Platão também pensava como a gente! Parece que foi escrito hoje.”

Post scriptum: o Sócrates da *República* nada tem a ver com o Sócrates que já conhecemos. No meu entender, aliás, a *República* é uma obra muito pouco socrática. Por falar nisto, contam que certo dia Platão começou a ler na presença de Sócrates um dos seus diálogos e que no fim o mestre exclamou: “Mas olha só quantas bobagens me faz dizer este rapaz!”¹³⁴

O Mito da caverna

“O não ser não é”, e até que todos poderíamos concordar a respeito disto, o problema, no entanto, é que dá para vê-lo.

Platão, querendo conciliar o ser de Parmênides e o devenir de Heráclito, para explicar a diferença que existe entre a realidade e a aparência, isto é, entre “o uno, o puro, o imutável” e o “múltiplice, o impuro e o mutável”, conta o Mito da caverna.

Vamos imaginar uma grande caverna e, dentro dela, uns homens acorrentados desde que eram meninos, de forma que lhes seja impossível olhar para a saída, e, aliás, forçados a manter o tempo todo os olhos fixos na parede do fundo. Por trás destes infelizes, logo fora da caverna e num nível levemente mais elevado, há uma estrada margeada por uma mureta, atrás da qual passam outros homens que carregam nos ombros estátuas e objetos de todo tipo e material, “mais ou menos como marioneteiros que mostram seus bonecos aos espectadores”.¹³⁵ Os carregadores conversam animadamente entre si e a ressonância da caverna deforma as suas vozes. Atrás disso tudo, o Sol ou, se quiserem, um grande fogo que ilumina a cena.

Pergunta: o que será que os homens acorrentados vão pensar das sombras que veem passar pela parede e da confusa algazarra que ouvem? Resposta: vão pensar, de boa-fé, que aquelas sombras e aqueles barulhos são a única realidade existente.¹³⁶

Vamos supor, então, que um deles consiga libertar-se e se vire para olhar as estátuas. Num primeiro momento, ofuscado pela luz, iria vê-las de forma confusa e acharia as sombras que via muito mais nítidas antes. Em seguida, no entanto, depois de sair da caverna e já acostumado com a luz do sol, perceberia que tudo aquilo que vira até então nada mais era do que a sombra dos objetos sensíveis. Vamos tentar imaginar o que ele contaria aos companheiros ao voltar para a caverna.

“Rapazes, vocês não vão acreditar mas aqui fora há umas coisas inacreditáveis! Uma luz que nem dá para contar, tão forte que não se pode descrever! E depois umas estátuas maravilhosas, perfeitas, excepcionais, nada a ver com as horríveis sombras que vemos da manhã à noite!”

Ninguém iria acreditar: na melhor das hipóteses iriam fazer troça dele e, se o pobre coitado insistisse, como no caso de Sócrates, poderiam até condená-lo à morte.¹³⁷

Explicação simplificada do Mito da caverna. O ser é o Sol, isto é, o *conhecimento*, no meio, entre o Sol e as sombras, existe a *opinião*, aquilo

que pensamos dos objetos sensíveis. O *conhecimento* difere da *opinião* na medida em que o primeiro vê as coisas como efetivamente elas são, enquanto a segunda só consegue imaginá-las de forma borrada e confusa, isto é, intermediária entre o ser e o não ser.

“Mas para que serve isso tudo?”, poderia perguntar o chamado homem do povo. Serve para entender que na vida há falsos objetivos como o dinheiro, o poder e o sucesso, que são apenas as sombras de uma realidade muito mais verdadeira, colocada fora do alcance dos nossos olhos. Esta realidade, por enquanto, nós só podemos intuí-la, uma vez que existe uma fonte de luz (Deus) que a projeta. Dito isto, quando o filósofo vem iluminar-nos, vamos acreditar nele: pois ele é um dos poucos que conseguiram livrar-se das correntes e ficar cara a cara com a verdade.

Sair da caverna, para Platão, quer dizer chegar ao conhecimento das Ideias imutáveis. Uma coisa é apreciar uma pessoa bonita, outra completamente diferente é saber o que vem a ser na verdade a beleza. Nem mesmo para os filósofos é fácil alcançar esta meta; se quiserem conseguir, terão de percorrer um longo caminho.

O Mundo das Ideias

O Mito da caverna introduz a Teoria das Ideias, que é ao mesmo tempo uma teoria lógica e metafísica. Se, ao ver uma galinha, vem-me espontâneo pensar “olha só, uma galinha”, o meu raciocínio foi mais ou menos deste tipo: “O animal que estou vendo tem algo em comum com todas as galinhas, e portanto deve ser uma galinha.” Se, no entanto, afirmo que todas as galinhas do mundo tendem a assemelhar-se com uma Galinha Ideal que se localiza num Mundo Extrassensorial (não no sentido parapsicológico, mas sim como mundo além dos nossos sentidos), então estou expressando um conceito metafísico. Enquanto isto a galinha, aquela real, continua a ciscar como se não fosse com ela, ignorando por completo que não passa de uma cópia da Ideia de Galinha que, esta, não corre o risco de acabar numa panela para ser comida.

Entre a teoria lógica e a metafísica há um pequeno salto que distingue Platão dos filósofos que o antecederam. Enquanto com a lógica só conseguimos chegar ao conceito de Universal, com a Teoria das Ideias damos, pela primeira vez na história da filosofia, as boas-vindas a Algo que está fora do Universo. Todos os pré-socráticos tinham tido a preocupação, mais ou menos evidente, de procurar a *arché*, o princípio das coisas, e todos

havam conjecturado uma causa física: água, ar, fogo e assim por diante. Até mesmo Anaxágoras, o inventor do *Noûs*, da Mente Superior, imaginou esta Mente como sendo uma substância material, talvez um pouco mais refinada e impalpável do que as demais, mas mesmo assim alguma coisa física.¹³⁸ Platão, por sua vez, começa aquilo que os marujos gregos chamavam de “segunda navegação”, isto é, a que recorria aos remos, uma vez que a primeira, movida pelo vento das causas naturais, já não conseguia responder a certas perguntas.

Se antes, com a Ideia de galinha, consegui safar-me com relativa facilidade, agora que estamos falando de uma entidade abstrata as coisas ficam um tanto mais complicadas. Quando digo “Marina é bonita” estou dando apenas um exemplo de beleza: antes de mais nada porque Marina¹³⁹ nem sempre foi bonita (lembro-me, aliás, que aos doze anos era até feinha) nem vai manter a sua formosura quando envelhecer, enquanto a Ideia de beleza, do Belo em si, é uma entidade imutável que neste momento está “dentro” de Marina assim como está no panorama do Rio de Janeiro, numa poesia de Montale ou num drible de Maradona. Marina é alguma coisa que podemos apalpar (em termos, é claro), enquanto não dá para fazer o mesmo com a beleza.

Hoje, para nós, a ideia é um pensamento, um processo mental, alguma coisa que afinal se forma no nosso cérebro; para Platão, no entanto, é uma entidade externa, entre muitas outras, que só pode ser “vista”¹⁴⁰ com a mente.

Com sua unicidade, imutabilidade e eternidade, as ideias eram para Platão uma garantia de segurança na qual agarrar-se, e um pouco de segurança era justamente aquilo de que os seus contemporâneos estavam precisando. O final do século V havia sido para os atenienses um período de extrema instabilidade política e moral: os demagogos e os sofistas haviam dominado a cena fazendo um estrago e tanto, e ninguém mais sabia o que era “bom” e “justo”: tudo parecia opinável. Platão, por sua vez, com a sua Teoria das Ideias chega na hora certa para conferir alguma ordem a esta confusão ético-política, determinando três níveis de conhecimento:

1. a *ciência*, que representa a perfeita compreensão dos conceitos imutáveis, aqueles que não podem ser levados na brincadeira, isto é, as Ideias (o ser);

2. a *opinião*, que permite julgamentos diferentes acerca do mundo

sensível (o devenir);

3. a *ignorância*, que é própria daqueles que vivem o dia a dia sem se perguntar a razão das coisas (o não ser).

Desta forma, Platão realiza um compromisso filosófico entre o *ser* de Parmênides e o *devenir* de Heráclito. O ser é formado pelas Ideias: é imutável e eterno porque as Ideias também são imutáveis e eternas, embora não seja exatamente o Um de Parmênides, pois há muitas Ideias. O devenir, por sua vez (que fica na metade do caminho entre o ser e o não ser), é o mundo sensível, o de todos os dias, que muda o tempo todo e acerca do qual podemos ter opiniões conflitantes, sem por isso trair os mais sagrados princípios.

Entre as Ideias também existe uma hierarquia: a Ideia mais importante de todas é o *Bem em si*, depois há aquelas dos *valores morais* (o belo, o justo, o amor pátrio...), em seguida, as dos *conceitos matemáticos* (a reta, o triângulo, o quatro, o grande, o igual...) e, finalmente, as das *coisas presentes na natureza* (o cão, a mesa, a árvore, a mulher, a uva, as panelas...). Num diálogo platônico Parmênides tenta encostar Sócrates na parede perguntando se também existem as Ideias das coisas negativas, como, por exemplo, as da imundície, do lodo e dos piolhos, e Sócrates, não sabendo o que dizer, nega a existência delas. Nesta altura, então, Parmênides pode ajuizadamente retrucar: “Estás dizendo isto, meu caro Sócrates, porque és jovem e a filosofia ainda não tomou conta de ti por completo. Algum dia aprenderás a não desprezar coisa alguma.”¹⁴¹

Mesmo esquecendo a inconveniência das Ideias repulsivas, existe de fato o problema da relação entre os modelos perfeitos (as Ideias) e suas cópias defeituosas (os objetos sensíveis). Se eu tentar desenhar um círculo sem a ajuda de um compasso, na certa conseguirei um resultado bastante sofrível, mas no fim ninguém irá queixar-se, principalmente se eu tiver tido o cuidado de avisar: “vamos fazer de conta que esta é uma circunferência”. Mas se é fácil perdoar um desenhista medíocre, o mesmo não se dá com a natureza quando ela solta pelo mundo cópias imperfeitas de homens, mulheres e animais.

É aí que Platão introduz o *Demiurgo*. Trata-se de uma espécie de Deus-artesão, em posição intermediária entre as Ideias e o mundo sensível, que molda a matéria inspirando-se nelas: algumas vezes o resultado é bom, outras nem tanto. O *Demiurgo*, resumindo, é um criador que nada tem a

ver com Deus assim como Ele é concebido pelas religiões monoteístas, pois fica um degrau abaixo das Ideias: enquanto elas não precisam absolutamente dele para existir, o Demiurgo precisa delas para construir o mundo.¹⁴² O conceito de Deus, por sua vez, poderia, na melhor das hipóteses, coincidir com a Ideia do *Bem em si*, que ficando no topo da hierarquia das Ideias, também é a causa de todas as demais.

O Amor platônico

A maioria das pessoas supõe que o amor platônico seja um relacionamento sentimental entre duas pessoas que não vão para a cama juntas. Na verdade, as coisas não são exatamente assim. Platão estava convencido de que o amor tinha como finalidade suprema a procriação do “belo” e, para nos explicar isto direito, escreveu uma das maiores obras-primas da literatura de todos os tempos: o *Simpósio*.

Trocando em miúdos, Simpósio quer dizer jantar. Querendo festejar um prêmio que acabara de ganhar numa competição entre poetas trágicos, Agatão convidou a sua casa um grupo de amigos entre os quais Pausânias, Fedro, Alcibíades, Aristófanes e o médico Erissímaco. Sócrates também devia fazer parte dos convidados, mas, quando está para entrar na mansão da festa, para no caminho e fica perdido em sabe lá quais pensamentos. Só irá aparecer mais tarde, quando os demais já estão comendo a fruta.

O assunto em pauta é o Amor. Erissímaco estabelece que, a partir da direita, cada um tome sucessivamente a palavra começando com um elogio ao Deus. O primeiro a falar é Fedro e, para dizer a verdade, a sua intervenção não é lá grande coisa: o rapaz limita-se a dizer que o Amor é o mais poderoso de todos os deuses e afirma que quem ama é sempre muito mais feliz do que quem é amado, por ser o único realmente possuído pelo Deus. Mais singular e interessante é a intervenção de Pausânias.

– Tenho a impressão, meu caro Fedro, de que o assunto não tenha sido enunciado de forma correta: tu falas do Amor como se houvesse um só, quando na verdade há dois deles: o ‘celeste’ de Afrodite Urânia e o ‘vulgar’ de Afrodite Pandemia. Em geral, os homens praticam o segundo, correm atrás das mulheres, desejam seus corpos mais do que suas almas e, atarefados que ficam a perseguir uma meta tão mesquinha, acabam quase sempre optando pelas pessoas mais estúpidas. O verdadeiro amante, por sua vez, o celeste, prefere os homens, admirando a sua natureza mais forte e a inteligência mais brilhante. Infelizmente a norma nem sempre é muito

clara, entre nós: na Élis, na Beócia e junto dos espartanos, amar os homens é considerada coisa honesta, enquanto na Jônia e em todos os países bárbaros, justamente por serem governados por tiranos, a pederastia é considerada uma prática vergonhosa. Não podemos dizer ao certo como estão as coisas em Atenas: nas palavras, todos são bastante permissivos, na prática, os pais pedem aos pedagogos para vigiarem os rapazinhos mais cobiçados, proíbem que os garotos se entrettenham com os amantes e induzem os coetâneos a espioná-los e a relatar o que fazem. Agora, eu acho que o Amor em si e por si não é nem bonito nem feio, e que tudo depende de como se processa: é moral se bem-feito, imoral e vergonhoso quando malfeito. (180 c-185 c.)

Depois de Pausânias seria a vez do comediógrafo Aristófanes mas ele, por estar com soluço, pede que Erissímaco o substitua ou então lhe dê um remédio para curá-lo.

– Farei ambas as coisas – responde o médico –, falarei no teu lugar e, enquanto isto, tu vais segurar a respiração por algum tempo, de forma a acabar com o soluço. Quanto ao Amor, eu também tenho uma opinião que tem a ver com o meu ofício, a medicina. Pausânias disse que há dois tipos de Amor, mas eu acho que há muito mais: vejo Amor nos homens, nas mulheres, nos animais, nas plantas e em todas as espécies vivas. Em qualquer lugar onde existe uma contraposição de qualidade, cheio-vazio, quente-frio, amargo-doce, seco-úmido, eu vejo o Amor como um agente que intervém para atenuar os contrastes e instaurar a harmonia. A medicina é, portanto, um instrumento do Amor e precisamos ficar gratos a Asclépio que dela é o fundador. Quando o Amor vulgar induz o homem a entregar-se aos prazeres da boa mesa, o Amor celeste, na forma da medicina, determina os limites da exata medida. (185 d-188 d.)

Um rumoroso espirro de Aristófanes interrompe as palavras de Erissímaco. Todos viram-se para ele e o comediógrafo aproveita para dar início à sua intervenção.

– É realmente maravilhoso, ó Erissímaco, que a harmonia de um corpo, e portanto o Amor, possa ser conseguida através de um mero espirro. Como pode ver, o soluço passou logo depois que espirrei.

– O teu defeito, ó Aristófanes, é querer achar graça em qualquer coisa – responde o médico. – Se continuares a bancar o humorista, serei forçado a

monitorar as tuas palavras a fim de entender, cada vez, se estás falando sério ou então brincando.

– Não te preocupes, ó Erissímaco – replica Aristófanes –, o que estou a ponto de dizer não é engraçado, mas sim meramente ridículo. Para entenderes direito o poder do Amor, é preciso que conheças as provas às quais teve de sujeitar-se a natureza do homem. No começo, a humanidade compreendia três sexos: os homens, as mulheres e uns seres estranhos chamados andróginos, que eram machos e fêmeas ao mesmo tempo. Todos estes indivíduos, no entanto, eram duplos quando comparados conosco: tinham quatro pernas, quatro braços, quatro olhos e assim por diante; e cada um deles tinha dois órgãos genitais, ambos masculinos nos homens e ambos femininos nas mulheres, e com um masculino e outro feminino nos andróginos. Andavam de quatro, mas podiam mover-se em todas as direções, como as aranhas. Tinham um caráter horroroso: eram providos de uma força sobre-humana e de uma sobre-humana arrogância, tanto assim que chegaram ao ponto de desafiar os Deuses como se fossem seus iguais. Júpiter, em particular, estava indignado com toda aquela presunção dos humanos: por um lado não queria livrar-se deles, para não ter de renunciar aos seus sacrifícios, por outro tinha de arrumar um jeito de colocá-los no devido lugar. Depois de muito pensar, um belo dia decidiu cortá-los ao meio, de forma que cada parte ficasse com duas pernas e um só órgão genital; e ameaçou que, se persistissem em sua impiedade, iria dividi-los de novo para que só pudessem mexer-se pulando numa perna só. Depois da operação cirúrgica, embora Apolo tivesse providenciado uma rápida cicatrização das feridas, os humanos tornaram-se muito infelizes: cada um deles sentia a falta da outra metade: os semi-homens procuravam os semi-homens, as semimulheres iam em busca das semimulheres, e a metade masculina dos andróginos ficava desesperada à cata da sua metade feminina. Em resumo, para reencontrar a felicidade perdida, cada um se agitava na dolorosa busca da alma gêmea. E é justamente a este ansioso desejo que damos o nome de Amor. (189 a-193 c.)

Depois de Aristófanes quem toma a palavra é Agatão. A dele é uma daquelas intervenções sem pé nem cabeça, principalmente no que diz respeito aos conteúdos. Conforme a moda da época, Agatão só se importa em enfeitar o seu discurso com rebuscadas palavras, hipérboles e frases de efeito, provavelmente as mesmas que já lhe tinham permitido ganhar

certames literários. Apesar disso, no fim é premiado com um longo aplauso como reconhecimento das suas qualidades oratórias. Agatão levanta-se em sinal de agradecimento. O único que sacode a cabeça é Sócrates.

– Já sabia que a habilidade verbal de Agatão iria deixar-me constrangido! – exclama o filósofo. – Ao ouvi-lo, parecia-me estar escutando os virtuosismos de Górgias e por pouco não achei melhor ir-me embora movido pela vergonha. Na minha ingenuidade pensei que cada um de nós só tivesse de dizer a verdade, e não fazer a apologia do Amor sem dar a menor importância à falsidade ou à verdade das teses expostas. Não espereis de mim, portanto, mais um panegírico, além do mais porque não seria capaz de fazê-lo. Só posso tentar dizer aquilo que me parece ser a verdade a respeito do assunto.

– Que Agatão tenha falado de forma sublime não é uma surpresa – retruca Erissímaco –, mas que tu estejas por isso constrangido, ó Sócrates, francamente não consigo acreditar. Fala, portanto, e conta-nos a tua verdade.

– Quem me ensinou acerca das coisas do Amor – continua Sócrates – foi uma mulher de Manteneia chamada Diotima. Ela contou-me que o Amor não era um deus, mas sim um gênio, alguma coisa intermediária entre um deus e um mortal, e que não era bonito nem feio, nem sábio nem ignorante.

– Isto, para mim, soa como blasfêmia! – exclama Agatão. – Como alguém pode dizer que o Amor não é um deus!

– Quem disse isto foi Diotima – desculpa-se Sócrates. Em seguida continua a falar: – Parece que no dia em que nasceu Afrodite os deuses organizaram um grande banquete no Olimpo e que entre os convidados também havia Poro, o deus dos expedientes e da arte de dar um jeito. Muitas coisas aconteceram naquela festa: chegou Penia, a Pobreza, mas não a deixaram entrar devido às suas roupas e ela, coitadinha, ficou na entrada da sala do banquete na esperança de arrumar alguma coisa. Poro acabou exagerando na bebida: em certa altura, completamente embriagado, saiu para refrescar as ideias mas, depois de uns poucos passos, tropeçou e caiu no chão. Ao vê-lo ali, esparramado bem diante dela, Penia achou por bem aproveitar a ocasião. “Sou a deusa mais pobre do Olimpo, e aqui está Poro, o mais esperto entre todos os deuses: quem sabe se, acasalando com ele, eu não consiga melhorar a minha sorte!” E da união da Pobreza com o Expediente nasceu o Amor.

Um longo murmúrio acompanha as últimas palavras do filósofo. Os ouvintes tornam-se ainda mais atentos na tentativa de saber mais acerca deste Amor tão especial.

– O Amor não é bonito, nem delicado como muitos acham, mas sim o contrário, “assim como a mãe, é duro, descalço, vagabundo, acostumado a dormir nu na dura terra, no limiar das casas e pelas ruas, acostumado a passar as noites ao relento, sempre acossado pela miséria. Mas, por herança paterna, também está acostumado a envolver os bonitos e os nobres, é corajoso, atrevido, determinado, excelente caçador, sempre pronto a imaginar truques de todo tipo, sedento de segredos, rico em artimanhas, continuamente entregue à especulação, terrível gozador, bruxo e sofista”.¹⁴³

– Como é possível, ó Sócrates, que o amor não seja bonito? – pergunta Fedro, pasmo.

– Tu mesmo disseste, Fedro. Amor é quem ama, não quem é amado. Somente quem é amado precisa da beleza, não quem está apaixonado, e uma vez que o Belo pode ser identificado com o Bem, quem quer o Belo também quer o Bem, e só poderá ser feliz depois de encontrá-lo. A finalidade do Amor é a procriação do Belo. (198 b-206 a.)

– Estás querendo dizer – pergunta Fedro – que desejando o Belo também é possível gerá-lo?

– O Belo e o Bem! – responde Sócrates acalorando-se. – Todos os homens estão grávidos no corpo e na alma e desejam tornar-se imortais. Como conseguir? Muito fácil: parindo o Belo e o Bem. Cada um de nós faz de tudo para alcançar a imortalidade: há os que a buscam através da glória, os que vivem na ilusão de chegar a ela acasalando com as mais lindas mulheres e aqueles que, fecundos na alma, deixam a sua marca nas obras do engenho. E é justamente este o caminho a seguir: começar a partir da beleza do corpo para em seguida elevar-se, um degrau depois do outro, até alcançar o absoluto. (206 c-211 c.)

Trocando em miúdos: o amor, para Platão, é uma espécie de elevador que encontra no primeiro piso o amor físico, no segundo, o espiritual, no terceiro, a arte e aí, sucessivamente, a justiça, a ciência e o verdadeiro conhecimento, até chegar à cobertura onde está o Bem.

As interpretações do *Simpósio* são as mais variadas, algumas delas tão fantasiosas que nem dá para entender como os estudiosos conseguiram tirar tantas mensagens filosóficas do conto de Diotima. Pelo que me lembro, no

entanto, parece-me que nenhum deles, exceto talvez Enzo Paci, levou em devida consideração os pais do Amor: Poro e Penia. Por que justamente o Expediente e a Pobreza? Talvez porque o homem, na pobreza, tem mais necessidade dos seus similares? Ou talvez porque, no caso dele, a arte de dar um jeito e o instinto de sobrevivência aconselham que estabeleça com os outros um relacionamento de amor? Afinal de contas os grandes profetas sempre estabeleceram um nexos entre Amor e Pobreza. O rico no Evangelho, aquele do camelo e do buraco da agulha, não passa de um entre muitos exemplos possíveis. A riqueza leva ao egoísmo e é fácil até demais reparar como nas cidades mais ricas e “desenvolvidas” o relacionamento entre as pessoas tornou-se frio e artificial.

A imortalidade da alma

Platão nos oferece três provas da imortalidade da alma. Tentarei agora descrevê-las da melhor e mais simples forma possível, então cada um poderá chegar à conclusão que achar mais conveniente.

Primeira prova. No mundo há realidades visíveis e realidades invisíveis. É lógico pensar que as primeiras são mais parecidas com o corpo (que é visível) e as segundas, com a alma (que é invisível), e uma vez que o visível se estraga e morre enquanto o invisível é imutável e eterno, a alma também terá de ser imutável e eterna.¹⁴⁴

Segunda prova. Os contrários não podem coexistir na mesma coisa. Se um corpo está quente é porque foi penetrado pela Ideia de Calor, e se ele esfria é porque a Ideia de Frio tomou o lugar da Ideia de Calor. Um ser vive porque possui uma Alma, se morre, quer dizer que a Ideia de Morte esborrachou a Ideia de Vida, isto é, a Alma.¹⁴⁵

Terceira prova. Certo dia os erísticos afirmaram que era impossível levar a bom termo a busca do conhecimento. Havia dois casos, diziam: ou a pessoa não conhece o conhecimento, e então não há possibilidade de ela reconhecê-lo ao encontrá-lo; ou já o conhece, e então não faz sentido ela continuar a procurá-lo. Platão respondeu que o homem, quando encontra o conhecimento, reconhece-o porque ele já estava dentro da alma. Em outras palavras, o conhecimento seria uma *anamnese*, isto é, uma forma de lembrança, uma volta à tona de coisas que aprendemos nas vidas passadas.¹⁴⁶

Mas como afinal Platão imagina a alma? No *Fedro*, ele a compara a um

auriga que conduz um carro com dois fogosos cavalos, um dos quais é nobre e de boa linhagem, enquanto o outro é um velho pangaré cheio de manhas.¹⁴⁷ O cocheiro, se dependesse dele, levaria os dois cavalos às mais sublimes alturas: deixá-los-ia pastar na Planície da Verdade juntamente com os cavalos dos Deuses. Mas nem sempre consegue isso: às vezes o pangaré puxa para baixo e o cavalo de raça não consegue manter a rota. Nesta altura, a Alma, para evitar quedas perigosas, agarra-se ao primeiro corpo que encontra e insufla-lhe a vida. O corpo, portanto, é visto por Platão como uma morada temporânea da alma. A cada morte a alma muda de casa e, dependendo de qual dos cavalos tenha superado o outro, sobe ou desce na hierarquia da vida. Só para satisfazer a eventual curiosidade do leitor, eis a seguir a lista das vidas citadas por Platão em ordem de importância:

- 1 – *amante da sabedoria e do belo*
- 2 – *rei respeitador da Lei*
- 3 – *estadista ou conhecedor de negócios e finanças*
- 4 – *atleta ou médico*
- 5 – *adivinho*
- 6 – *poeta ou artista*
- 7 – *artesão ou camponês*
- 8 – *sofista ou demagogo*
- 9 – *tirano.*

No *Timeu*, o feminista Platão (aquele que na *República*¹⁴⁸ defendia a igualdade entre homens e mulheres) declara que: “... se a alma fracassa como homem, passa para uma natureza feminina e, se nem mesmo nesta vida consegue evitar a maldade, muda-se para um animal feroz.”¹⁴⁹

Platão nos oferece mais um exemplo de como uma alma possa escolher para si um tipo de vida no último livro da *República*, quando fala no célebre mito de Er.¹⁵⁰

Er é um soldado que recebe um ferimento durante uma batalha. Julgando-o morto, os Deuses levam-no para o além e fazem com que assista, malgrado ele mesmo, a uma espécie de juízo final. Em certa altura desfaz-se o equívoco, mas mesmo assim os juízes permitem que ele fique, desde que depois conte o que viu aos mortais.

E aqui está o seu relato:

“Junto com as almas dos meus companheiros cheguei a um lugar

maravilhoso onde pude ver quatro voragens: duas viradas para o centro da terra e duas que furavam o céu. No meio, sentados em tronos altaneiros, alguns juízes julgavam as almas e, dependendo de elas pertencerem a homens justos ou injustos, jogavam-nas ao infero ou permitiam que se elevassem ao céu. Tanto as penas quanto os prêmios eram decuplicados conforme as malvadezas e as boas ações cometidas durante a vida. Enquanto isto, das outras duas voragens vinham saindo continuamente inúmeras almas de indivíduos, mortos em tempos remotos, que já haviam pago pelas suas maldades ou recebido o prêmio pela sua retidão. Algumas delas davam realmente pena, de tão esfarrapadas e sujas que eram, enquanto outras pareciam alegres e risonhas. Ao se encontrarem, umas e outras cumprimentavam-se calorosamente, comentando o que para elas havia sido motivo de sofrimento ou regozijo. Em seguida, todos juntos, começamos uma longa viagem e nos mudamos para outro lugar onde, no meio de uma clareira, estavam sentadas as três Moiras: Láquesis, Cloto e Átropos. Toda uma variedade de pedras contendo os sinais de vidas futuras foi jogada em direção das almas. Havia de todos os tipos: vidas de artistas, de animais, de cientistas, de atletas, de mulheres, de escravos e assim por diante. Cada indivíduo, logo que era escolhido pela sorte, olhava a sua volta e pegava entre as pedras mais próximas aquela que lhe parecia mais desejável. Vi uma alma agarrar com volúpia o papel de um tirano, sem importar-se com as amarguras que aquele destino comportava, vi outra segurar com fúria a vida de um rico que nunca tivera amigos. Vi Ajax o Grande escolher a existência de um leão,¹⁵¹ Tamires, a de um rouxinol,¹⁵² Agamenon, a de uma águia.¹⁵³ Vi Atalanta apanhar sem hesitação as vitórias de um campeão olímpico,¹⁵⁴ e finalmente Ulisses, último sorteado, ficar com uma pedra que havia sido ignorada por todos: era a vida de um homem qualquer, sem grandes emoções, e foi justamente ele quem viveu mais feliz e satisfeito.”

O mito conclui-se com todas as almas, menos Er, sendo levadas a beber uns goles da água do Lete, antes de voltarem à terra, para esquecerem desta forma as experiências das vidas passadas.

Os platônicos menores

A não ser por Aristóteles, os sucessores de Platão não mereceram um lugar de muito destaque na história. Depois da morte do mestre, o primeiro a

substituí-lo na direção da Academia foi o sobrinho Espeusipo.

Filho de Eurimedonte e da irmã Potones, Espeusipo nada tinha em comum com o tio: com seu caráter irascível (certa vez jogou o seu cachorrinho num poço porque estava incomodando durante as aulas), tinha muito mais pendor para os prazeres da vida do que para os do ensino. Acabou parálítico, sendo levado de um lado para o outro da Academia num carrinho empurrado pelos discípulos. Deixou comentários num total de 42.475 linhas (?), das quais muito poucas chegaram até nós.¹⁵⁵

O sucessor de Espeusipo foi Xenócrates, um bom sujeito nascido em Calcedônia, uma pequena cidade na costa asiática do Bósforo, bem diante de Bizâncio. Xenócrates conheceu Platão quando ainda era menino e ficou ao lado dele pelo resto da vida; acompanhou-o até na Sicília. Talvez tenha sido eleito diretor da Academia justamente por isto, mais do que pelo seu engenho e a sua abertura mental. O próprio Platão reconhecia os seus limites. Certa vez, falando dele e de Aristóteles, observou: “Um precisa de espora, o outro, de freio.”¹⁵⁶ Em compensação não lhe faltava pose: tinha a aparência severa de um velho sábio. Quando ia à cidade todos abriam caminho, e até os mais bagunceiros preferiam calar-se. Inspirava tamanha confiança que foi o único ateniense a testemunhar sem ter de prestar juramento. Com as mulheres era... digamos assim... um tanto morno. Certa noite, a linda Frine, com a desculpa de que estava sendo perseguida, abrigou-se na casa dele e dormiu na mesma cama. Ele nem percebeu e continuou impassível e, no dia seguinte, a hetera saiu contando para todos que tinha dormido com uma estátua.¹⁵⁷

Morreu com 82 anos ao cair, de noite, numa cisterna de água pluvial.

¹⁰⁶ O apelido Platão foi-lhe dado devido à largura (*plátos*) dos seus ombros. Tímon de Flionte, nos *Silos*, chama-o de “ombrudérismo” (*platistakós*), fr. 7 Wach, fr. Diels. Diógenes Laércio, III, 7.

¹⁰⁷ O sétimo mês de Targélion (maio-junho).

¹⁰⁸ Giuseppe Zuccante, *Platone*, Paravia, Milão 1924, p. 6.

¹⁰⁹ A *VII Epístola* é na prática uma pequena autobiografia relativa às viagens para a Sicília. Até uns poucos anos atrás, ninguém tinha dúvidas quanto à sua autenticidade, mas aí de repente chegou o computador insinuando que poderia tratar-se de uma falsificação da época atribuível a Espeusipo. Nós, apesar de sermos inteiramente a favor da informática, ainda preferimos pensar que seja de autoria de Platão.

¹¹⁰ Platão, *VII Epístola*, 324 b.

¹¹¹ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 5.

¹¹² Dionísio o Velho casou-se com duas mulheres no mesmo dia: Dorida e Aristómaca. Dion era irmão desta última. Na primeira noite o tirano foi para a cama com ambas as mulheres, mas a partir

do segundo dia ficou alternando-as: nos dias pares deitava-se com Aristómaca, nos ímpares, com Dorida. Veja Plutarco, *Vida de Dion*, em *Vidas paralelas*.

113 Plutarco, *Vida de Dion*, 7.

114 Platão, *VII Epístola*, 326 b.

115 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 18.

116 Plutarco, *Vida de Dion*, 5.

117 Platão, *Fedro*, 230 c.

118 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 46.

119 Plutarco, *Vida de Dion*, 9.

120 Platão, *VII Espístola*, 328 b-c.

121 A frase foi tirada da *Vida de Dion* de Plutarco. O que não fica muito claro, no entanto, é como Platão, indo de Atenas a Siracusa, teria de passar pela mortal Caribdes (o estreito de Messina) que fica muito mais para o norte!

122 Hermipo de Esmirna, fr. 33 Müller; veja Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 2.

123 Ibid., III, 41.

124 Heráclide Lembo, fr. 16 Müller; veja Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 26.

125 Platão, *República*, IV, 433 a.

126 Platão refere-se aqui a um jogo popular (uma espécie de Monopólio do século IV), em que cada jogador devia conquistar num tabuleiro de sessenta quadros o maior número de lotes possível.

127 Já é muito que Platão não tenha aconselhado matá-los. Na Grécia Antiga, os meninos, nos primeiros dias de vida, corriam graves riscos: às vezes, podia bastar uma crise de choro para que o recém-nascido fosse acusado de pouca virilidade. Os espartanos eliminavam logo os mais fracos e os atenienses tinham o hábito de “expor” os menos favorecidos, no sentido de deixá-los na praça pública à disposição de quem quisesse criá-los como escravos.

128 Platão, *Leis*, IV, 705 a.

129 G.B. Klein, *Platone e il suo concetto politico del mare*, Lumachi, Florença, 1910, p. 11 e seguintes.

130 Platão, *Leis*, IV, 704 b.

131 Só para dar um exemplo, aqui está uma das definições de democracia atribuídas a Platão no livro de Popper *La società aperta e i suoi nemici* (trad. ital. Armando, Roma 1973): “A democracia nasce quando os pobres, depois de conseguir a vitória, matam alguns adversários, exilam outros e se juntam aos que sobram na partilha do poder e dos cargos públicos.”

132 Platão, *Política*, 291 d.

133 Platão, *República*, VIII, 562 c.

134 O diálogo era *Lísida*; veja Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, III, 35.

135 Platão, *República*, 514 a. A comparação, muito sugestiva, demonstra que os teatrinhos de fantoches ainda comuns em Nápoles já estavam na moda na antiga Grécia.

136 Ibid., 514 a-515 b.

137 Ibid., 515 c-517 a.

138 Veja L. De Crescenzo, *História da filosofia grega*, vol. I, *Os pré-socráticos*. Rocco, Rio de Janeiro, 2005.

139 Marina é uma jovem que mora no prédio em frente ao meu.

140 Ideia vem do grego *idéa* ou de *eídos*, e em ambos os casos a raiz comum é *idêin*, que quer dizer “ver”.

141 Platão, *Parmênides*, 130 e.

142 Platão, *Timeu*, 28 a.

143 Já tive ocasião (*Oi Dialogoi*, Mondadori, Milão, 1985, p. 111) de salientar como esta descrição de Sócrates cai como uma luva para o *scugnizzo*, o típico garoto napolitano, segundo a oleografia corrente.

- 144 Platão, *Fédon*, 79 a-e.
- 145 Ibid., 105 b-d.
- 146 Platão, *Mênon*, 80 d-81 d.
- 147 Platão, *Fedro*, 246 a-248 e.
- 148 A bem da verdade, Platão não fica se perguntando se os homens e as mulheres são ou não iguais, mas só se é conveniente para nós que o sejam, para que elas possam trabalhar para o Estado. Veja *República*, 451 d.
- 149 Platão, *Timeu*, 42 b-d.
- 150 Platão, *República*, X, 614 d-620 d.
- 151 Ainda vivo, Ajax candidatara-se a herdar as armas de Aquiles, mas, bem em cima da hora, foi preterido em favor de Ulisses; ao que parece, esta escolha deixara-o profundamente amargurado e agora fazia de tudo para compensar. (Veja Homero, *Odisseia*, XI, 543-65.)
- 152 Tamires era um cantor palaciano: desafiou as Musas e, como castigo, foi privado da vista, da voz e da memória. (Veja R. Graves, *I miti greci*, trad. it. Longanesi, Milão 1963, 21 *m*, p. 96.)
- 153 Agamenon, evidentemente, preferia viver o mais longe possível dos homens, tendo sido morto na vida anterior pela mulher Clitemnestra e pelo sobrinho Egisto. (Veja R. Graves, op. cit., 112 *k*, p. 518.)
- 154 Embora sendo o ser humano mais rápido do mundo, a jovem Atalanta foi vencida por Melânion porque se deteve para apanhar três maçãs de ouro. (Veja R. Graves, op. cit., 80 *k*, p. 330.)
- 155 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IV, I, 5.
- 156 Ibid., IV, II, 6.
- 157 Ibid., IV, II, 7.

V

ALFONSO CAROTENUTO

– Doutor, o maior defeito dos italianos é a superficialidade! Faça o favor de reparar no comportamento de um cliente qualquer e diga-me se estou ou não com razão: normalmente quem quer comprar um par de sapatos para diante da vitrina, dá uma olhada na mercadoria exposta, fica algum tempo imóvel, com o olhar ausente, quase desinteressado; aí, de repente, quando você menos espera, entra na loja e diz: “Quero aqueles, tamanho 42.” Experimenta, paga e vai embora. E o senhor acha que isto é comprar sapatos? Eu estou aqui para quê? Se é para fazer cena muda, tanto faz então botar uma máquina automática!

O desabafo é de Alfonso Carotenuto, conceituado comerciante de sapatos, comendador por honra ao mérito do trabalho e titular da premiada e tradicional firma “Carotenuto e filhos”, fundada em 1896, que já foi fornecedora da Casa Real. Estamos na loja da rua Toledo. Dom Alfonso está praticamente encaixado numa pequena poltrona de vime cujos braços estão próximos demais para contê-lo. Apesar do calor do pleno verão, continua usando paletó e gravata como convém a um cavalheiro com uma tradição a defender: apenas afrouxou de leve o colarinho da camisa. O local está deserto: são nove horas da manhã. Um vendedor de óculos, em seu jaleco preto, olha para ele conformado: está na cara que já ouviu mil vezes a “apologia do sapato”.

– Muitas vezes gostaria de parar as pessoas na rua e perguntar: “Desculpe, mas para que tanta pressa?”

– Talvez seja porque são jovens – arrisco, só para responder de alguma forma às suas palavras.

– Será que são jovens mesmo? – volta a perguntar com ar de dúvida dom Alfonso.

– Queira perdoar, mas não entendi.

– Diga a verdade, doutor: já viu dançar os jovens de hoje? Sei disto

porque tenho dois filhos: o mais velho está com vinte e dois anos e a garota com dezoito. Às vezes convidam os amigos lá em casa, “para dar uns pulinhos”, como eles dizem. Pois bem, pode acreditar: já os vi dançar muitas vezes, mas nunca “pular”. Agora, eu fico pensando, como é que alguém pode chamar aquilo de dança? Todos de cara fechada, como se estivessem na pior encrenca! E não é só: com ar sofrido, uma tristeza que nem dá para contar, cada um se mexendo por conta própria, sem nem olhar no rosto do parceiro à sua frente. Dizem que é o jeito de se dançar o tal *hard rock*. Faz favor! A nossa geração sim, era outra coisa! A valsa, o chá-chá-chá, o charleston, os *cotillons*! Está se lembrando dos *cotillons*? Fantásticos, com aqueles gritos de *changez la femme!*. Agora nem sabem o que era. Na nossa época os *cotillons* eram marcados por alegres risadas, nada deste negócio de caras abobalhadas! Mas eu tenho uma teoria, uma teoria que explica toda esta tristeza da mocidade moderna: nós nascemos em casa, no quarto de dormir do papai e da mamãe, entre paredes amigas, e eles, numa clínica. Doutor: *são todas pessoas de hospital!* Na melhor das hipóteses, quando nasceram, viram o rosto de um médico ou atrás uma bolsa de plasma para uma eventual transfusão.

– Mas os sapatos... – digo só para voltar ao assunto.

– Os sapatos! – suspira o cavalheiro. – Atualmente ninguém sabe o que essa palavra significa. Antigamente, no entanto, eram um cartão de visita, uma meta social! Quando um cliente chegava no ateliê do meu pai, na rua Alabardieri, ele e o Oscarino, o primeiro assistente, recebiam-no como se fosse o próprio Príncipe de Saboia: ofereciam-lhe um cafezinho e entretinham-no com amáveis conversas. Enquanto isto o pé tinha todo o tempo do mundo para relaxar e voltar ao normal. Então começavam a tirar as medidas. O primeiro a ficar nu era o pé direito. Papai examinava-o atentamente de todos os ângulos e apoiava-o numa pequena tábua de nogueira para ver se a planta assentava em todo o seu comprimento ou formava um vão no meio. Se o pé fosse perfeito, o cliente recebia as felicitações do meu pai e de Oscarino; às vezes chegavam a chamar até os rapazes da oficina. E enquanto isso ia-se aprontando o gesso para o molde...

– Entendi – corto rápido, para detê-lo –, faziam o molde do pé para que o cliente não tivesse de voltar mais para as medidas.

– Nada disso, o senhor não entendeu – retruca dom Alfonso, um

tanto enfastiado por ter sido interrompido –, este negócio do molde era só uma primeira abordagem, um dos muitos estágios necessários para se alcançar o objetivo final: “o sapato perfeito”.

– Não era minha intenção depreciar o trabalho do seu pai – apressome a dizer –, só estava tentando resumir o que o senhor dizia para entender no que diferia o sapato sob medida daquele tempo do que ainda é feito por qualquer artesão.

– Que coisa mais estranha, doutor: o senhor já não é tão moço, e mesmo assim porta-se como um desses jovens que têm pressa para tudo – insinua o comendador com ar um tanto desconfiado.

– Não, não, sou todo ouvidos.

– Para o senhor entender como é que as coisas funcionam – continuidade Alfonso afrouxando o colarinho da camisa e enfiando nele, entre a fazenda e a nuca, um lenço de *piqué* – o verdadeiro motivo da existência da firma Carotenuto não era vender sapatos, ou pelo menos não era apenas isto, mas sim alcançar a perfeição absoluta à qual pode chegar um sapato feito pelo homem.

– “A sapaticidade?”

– Isso mesmo, “a sapaticidade”: tirou a palavra da minha boca! Mas vamos prosseguir com ordem: se naquela época o senhor tivesse sido cliente do meu pai, teria o De Crescenzo direito e o De Crescenzo esquerdo guardados nas prateleiras da firma “Carotenuto e filhos”.

– Quer dizer que tinham os moldes de todos os clientes?

– Os pés de toda a nobreza e dos melhores profissionais liberais de Nápoles.

– E já não fazem mais sapatos sob medida?

– É muito raro: já não há mais apreciadores. Só para dar uma ideia, saiba que antigamente o cliente, quando vinha na loja pela primeira vez, sempre trazia um par de sapatos usados, para que meu pai pudesse examinar.

– Um par de sapatos usados?

– Isso mesmo, para ver como é que eles se haviam gasto.

– Como assim? Os sapatos não se desgastam todos do mesmo jeito?

– Pelo amor de Deus, doutor, não seja blasfemo: cada um de nós tem uma maneira própria de gastar os sapatos. As suas passadas são longas demais? O desgaste vai aparecer primeiro na parte posterior do salto. Seus passinhos são curtos demais? Não vai demorar nada para a sua

sola se transformar numa hóstia bem fina. As suas pernas são tortas, do jeito que nós costumamos chamar de “estilo cavalaria”? A primeira coisa a ceder serão as bordas externas. Meu pai, quando um cliente saía do ateliê, ficava observando-o até ele desaparecer da rua Alabardieri, só para estudar a sua maneira de andar. Uma vez calculado o desgaste, entregava um par de sapatos de prova, de couro ou de pele de cabra, que o cliente devia usar por pelo menos um mês, e só num segundo tempo, se tudo resultasse satisfatório, preparava o sapato final, o definitivo. Mas acredite: quando alguém passeava na rua com os nossos sapatos a coisa não passava despercebida. Até da calçada do outro lado o pessoal reparava. Todos diziam: “Aqueles devem ser uns Carotenutos!”

– Resumindo, seu pai botava neles a alma e o coração.

– Muito bem dito: nem lhe conto as brigas que às vezes tinha com os clientes!

– Brigas? E por quê?

– Com o conde Del Balzo, por exemplo. Fique sabendo que o conde Emanuele não suportava sapatos novos; e o que fazia então? Chamava um dos criados, um tal de Antônio que calçava o mesmo número, e mandava-o “amaciar” os sapatos novos durante uns dez dias. Pode imaginar meu pai: todos os seus cálculos jogados fora!

– Comendador, mas afinal o senhor tem certeza de que é tão importante assim ter um par de sapatos bonitos?

– Doutor, não estou entendendo se está querendo me gozar ou...

– Não me atrevera.

– ... se está realmente interessado na arte do calçado. Quero confiar, no seu caso, na segunda hipótese. Agora, para que o senhor possa me entender, preciso antes contar uma coisa. A vida inteira resume-se nesta fórmula: metade amor e metade trabalho. E quando falo em trabalho não me refiro a um padecimento, a um suplício que a pessoa tem de aguentar todo santo dia para tornar-se independente do ponto de vista econômico, mas sim a uma oportunidade que Deus nos concede para dar algum sentido à nossa existência. Até o vendedor de cigarros, o operário, o funcionário do banco, desde que amem o seu ofício vivem felizes e satisfeitos. Do contrário estão perdidos: e não adianta quantas reduções possam conseguir no seu horário de trabalho! Mesmo seis horas, quando feitas a contragosto, parecem

uma eternidade. Mas tome nota daquilo que estou dizendo: uma coisa é “bancar” o vendedor de cigarros, e outra totalmente diferente é “ser” um vendedor de cigarros. Desde que eu era menino meu pai ensinou-me a entender os sapatos. Sentava comigo na entrada da loja e forçava-me a observar os pés de todos aqueles que passavam, “*Peccerì*”,¹⁵⁸ dizia, “esses são bons, aqueles não. O rosto desse sapato é curto demais, naquele a botina está muito apertada e acaba deixando o pé dolorido, aqueles outros, então, são umas porcarias. Veja agora: estes sim que são sapatos bonitos... Esses outros são só aparência, para não falar daqueles amarelos que são pontas de estoque.” E foi assim que, bem devagar, acabei entendendo como é que um sapato deve ser feito. Agora, quando um cliente entra na loja, eu já posso vê-lo com um par de Carotenutos nos pés, e fico feliz quando consigo encontrar algo sob medida para ele. Mas vamos voltar à pergunta que o senhor me fez: é tão importante assim ter sapatos bonitos? Sim, posso assegurar que é muito importante. À noite, quando o senhor vai para a cama, se antes de adormecer dá uma olhada nos sapatos que acaba de tirar e vê que se trata de sapatos perfeitos, clássicos, elegantes, de linhas inalteráveis e limpas, isto irá proporcionar-lhe um inigualável sentido de confiança e segurança. Fiéis companheiros do dia que passou, eles lhe fizeram companhia. Mas hoje em dia ninguém mais liga para isto. O cliente entra e diz: “Quero aqueles, tamanho 42”, experimenta, paga e vai embora.

¹⁵⁸ *Peccerì*: meu pequeno, minha criança, em dialeto napolitano. (N. do T.)

VI ARISTÓTELES

Premissa

Aristóteles era um professor e, como muitos professores, era um tanto pedante: além disso, filosoficamente falando, era uma pessoa ordenada e precisa, o que poderia torná-la decididamente aborrecida. Não tinha nem a simpatia de Sócrates nem a habilidade literária de Platão. Eu tentei de tudo para torná-lo agradável e ele, talvez por isso mesmo, deve estar agora se virando no túmulo; vocês, no entanto, procurem não se render diante das primeiras dificuldades: façam pelo menos um pequeno esforço para entendê-lo. Se ainda assim acharem que é árduo demais, só tenho um conselho para lhes dar: pulem o capítulo e esqueçam o assunto. Eu vou perdoar. Saibam, entretanto, que se desconhecerem a sua filosofia, na vida de vocês faltará alguma coisa: no mínimo, a paciência para ouvir.

A vida

Aristóteles nasceu em 384 em Estagira,¹⁵⁹ uma pequena aldeia da Macedônia oriental, um pouco para o norte do monte Atos. Apesar disso, não podemos considerá-lo macedônio, uma vez que a sua cidade era uma colônia grega fundada muitos anos antes por ilhéus que vinham de Andros. Só para dar uma ideia, o dialeto que deve ter aprendido desde criança era provavelmente o jônico, quer dizer, o mesmo falado por quase todos os povos do Egeu.

O pai Nicômaco era o médico pessoal de Amintas II, rei da Macedônia. De forma que Aristóteles teve a ocasião de frequentar Pela, a capital do reino, e estreitar vínculos de amizade com Felipe, futuro rei e futuro pai de Alexandre o Grande. Embora considerados “bárbaros” pelos atenienses, os macedônios eram mesmo assim membros de uma corte real e este fato, juntamente com a profissão do pai, deve ter de alguma forma influenciado as suas escolhas culturais. Ao ficar órfão ainda menino, foi entregue aos cuidados de um primo, um certo Prosseno, que o levou à Ásia, para

Atarneu, um vilarejo na costa da Lídia. Com apenas 17 anos de idade já podemos encontrá-lo em Atenas, estudando na Academia, a mais prestigiosa de todas as escolas gregas. Em 367, com Platão ainda na Sicília, o escolarca era Eudóxio de Cnido, um grande matemático e astrônomo, mais perito em física do que em filosofia. A coisa, no entanto, não deve ter desagradado Aristóteles que, desde pequeno, sempre demonstrara interesse pelas ciências naturais, tanto assim que colecionava borboletas, larvas, pedras e plantas exóticas.

Aristóteles permaneceu na Academia durante vinte anos, primeiro como aluno e depois como professor. Pelo que nos contam os historiadores, foi o mais devotado e o mais crítico de todos os discípulos de Platão.

Com a morte do mestre, havia toda uma série de candidatos a ocupar o seu lugar: além de Aristóteles, contavam com a promoção a escolarca Xenócrates, Filipe de Opunte, Erasto, Corisco e Heráclides do Ponto. Como já sabemos, no entanto, o escolhido foi o sobrinho Espeusipo, e isto acabou decepcionando os mais qualificados. Aristóteles e Xenócrates emigraram para Atarneu, o vilarejo onde o estagirita ficara sob a tutela de Prosseno. Nesse lugar, enquanto isto, tornara-se tirano um eunuco, um certo Ermias, que aceitou com simpatia a chegada dos dois filósofos. Aristóteles ligou-se logo à sua família ao casar-se com a irmã Pítia, pela qual tudo indica que estivesse perdidamente apaixonado. Eu sei que é bastante difícil imaginar Aristóteles apaixonado (até parece uma contradição em termos), mas como diz Calímaco, “até mesmo o carvão, quando está aceso, brilha como uma estrela”. À parte o amor, de qualquer maneira, Aristóteles continuou a dedicar-se ao ensino: fundou uma escola em Axos e, três anos mais tarde, com Teofrasto, outra em Mitilene.

Depois de Ermias ser vencido e capturado pelos persas, Aristóteles foi chamado de volta à Macedônia por Felipe para educar o filho de 14 anos, Alexandre, que ainda não era o Grande. “Afim de contas é o filho do médico do meu pai”, deve ter pensado o rei, “e a experiência adquirida em Atenas poderia revelar-se útil para nós. Alguma instrução não vai estragar o menino, principalmente para compensar o seu desejo de brigar com todo o mundo.” Como pagamento, Aristóteles pediu a reconstrução de Estagira que, entre uma e outra peripécia, havia sido arrasada pelas tropas macedônias.

Quando, na história, encontram-se dois *vips* como Aristóteles e Alexandre pensa-se logo que se vai encontrar alguma frase memorável;

infelizmente, no nosso caso, não temos absolutamente nada a lembrar. Quase certamente Alexandre não passava de um garoto como muitos outros, irrequieto e sem a menor vontade de estudar, e Aristóteles, de um mestre que se queixava por não lhe poder dar umas merecidas bordoadas. Depois de oito anos de convivência chegamos a nos perguntar se as conquistas de Alexandre influíram de alguma forma no pensamento aristotélico ou se, ao contrário, a teoria do “justo meio” ajudou a refrear o ardor do grande capitão. Olhando para os resultados, parece que não. Os únicos fatos concretos de que dispomos: um tratado sobre o Cosmos escrito por Aristóteles *ad usum Alexandri*, e uma mistura de zoológico e jardim botânico organizado pelo filósofo com a ajuda do discípulo, que lhe enviava animais e plantas exóticas de todos os cantos do mundo.

Em 340, Alexandre trocou o papel de estudante pelo de rei e Aristóteles aproveitou a ocasião para voltar a Atenas como antigo mestre do homem mais poderoso do mundo. Enquanto isso, a Academia estava agora sob a chefia de Xenócrates que, embora amigo de Aristóteles, não gozava certamente da sua consideração, razão pela qual o filósofo decidiu abrir uma escola por conta própria. Escolheu então um edifício público chamado Liceu devido à proximidade de um pequeno templo dedicado a Apolo Lício, e muito em breve superou o prestígio da Academia. Mais tarde a sua escola também foi chamada de “peripatética” devido ao hábito que tinha de ensinar enquanto passeava.¹⁶⁰

O Liceu era bastante diferente da Academia, digamos que se parecia mais com as nossas universidades, com várias matérias, horários de aulas e cursos de especialização. A Academia, por sua vez, tinha um ar um tanto litúrgico, com ritos sagrados dedicados às Musas e com a finalidade política, bastante clara aliás, de formar os futuros governantes de Atenas. Verdadeiros luminares ensinaram no Liceu, tais como o já mencionado Teofrasto de Ereso, Eudemo de Rodas e Estráton. Os textos escolares eram redigidos pessoalmente por Aristóteles: hoje em dia essas aulas são conhecidas como escritos *esotéricos*, para distingui-los dos *exotéricos* dedicados ao povo em geral e de mais fácil compreensão. Por nossa imensa falta de sorte, quase todos os textos fáceis foram perdidos e sobraram apenas os difíceis.

Enquanto tudo isso acontecia, Aristóteles ficara viúvo e juntara-se à governanta da casa, a jovem Erpílides, que lhe deu o primeiro filho homem, Nicômaco.

Em 323, Alexandre morreu e Atenas insurgiu-se logo contra as tropas

macedônias e todos aqueles que as haviam apoiado. Aristóteles, que não era Sócrates, diante da acusação de impiedade, preferiu fugir refugiando-se nas propriedades da mãe em Cálcis. Nem teve tempo de se acostumar com o novo lar, pois adoeceu e morreu logo a seguir de alguma doença gástrica, com a idade de 63 anos.

Nos dois mil anos que se seguiram, tudo o que ele disse foi considerado um dogma inquestionável, coisa que certamente não ajudou o progresso da humanidade. Mas também seria injusto considerar Aristóteles responsável pelo culto que as gerações futuras lhe dedicaram.

Aristóteles e a sistematização do saber

Em 1984, enquanto estava rodando o filme *Così parlò Bellavista*, tive a oportunidade de visitar o depósito de armas e adereços cinematográficos de Rancati. Olhando do lado de fora, parecia um prédio inglês do fim do século XIX, perfeito para um crime de Edgar Wallace. Dois andares com muros de tijolos e telhados sombrios: uma construção mais apropriada para as ruas de Londres do que para as margens do Tibre. Lá dentro, no entanto, havia o mais gigantesco bazar que se pudesse imaginar. Concentrados em mais ou menos mil metros quadrados, eu pude praticamente reviver cinquenta anos de cinema italiano: a armadura de *Ettore Fieramosca*, o sarcófago de *Tutankhamon*, a biga de *Ben Hur*, o chicote de Fellini *8 1/2*, o contrabaixo com as tetas à mostra de *Totò all'inferno*, a motocicleta do *Federale* e também, amontoados na maior balbúrdia, telefones brancos, bazucas, umas cem cafeteiras napolitanas, cartucheiras garibaldinas, estátuas gregas, triciclos, armas medievais, triclinios romanos e móveis napoleônicos. Alguns homens empurravam de um lado para o outro um carrinho, buscando ou guardando objetos, outros subiam pelos andaimes à cata de escudos babilônios ou lâmpadas *art nouveau*. De repente, enquanto admirava pasmo aquele incrível amontoadado de coisas desconexas, compreendi Aristóteles, ou melhor dizendo, compreendi a sua necessidade de botar um pouco de ordem em tudo o que tinha visto na vida e em todas as teorias dos filósofos que o antecederam.

Diante de uma tarefa tão imponente, imagino que Aristóteles tenha começado a destrinchar o problema com perguntas bastante fáceis: “A coisa que estou vendo pertence ao mundo animal, vegetal ou mineral?” Mas, no entanto, de tanto questionar-se, deve ter percebido que cada pergunta presumia a solução de uma espécie de teste filosófico. Para entender direito

a diferença entre uma alface e um cavalo, com efeito, é preciso antes de mais nada ter ideias muito claras sobre o que quer dizer “ser uma alface” e “ser um cavalo”.

Na história da filosofia grega, Aristóteles é certamente a montanha mais íngreme de se escalar, ou pelo menos a mais difícil de se abarcar com um só golpe de vista. Às vezes parece que ele disse tudo e o contrário de tudo, e que não há ciência ou disciplina sobre a qual não tenha opinado. Mas não há motivo para desanimar: de forma que, embora de maneira bastante aproximativa, tentarei resumi-lo em poucas linhas, no estilo dos jornais quando descrevem a sinopse de um filme.

“Aristóteles subdividiu as coisas do mundo entre objetos *não vivos*, *vegetais* e *animais*. Depois disto também levou em consideração o homem e percebeu que tudo o que este singular animal produz podia ser classificado como *material*, *moral* e *teorético*, dependendo se o objeto do seu pensamento pertencia ao mundo da *física*, da *ética* ou da *metafísica*. O instrumento principal do seu método de classificação foi a *lógica*, baseada no *silogismo*.”

Não é tudo, mas já dá para começar.

A classificação de “mineral, vegetal ou animal” parece fácil, quase simplória, mas não é nem um pouco. Há casos extremos em que não sabemos francamente o que fazer: cristais capazes de reprodução e crescimento como se fossem plantas, corais que não sabemos ao certo se devem ser considerados minerais, vegetais ou animais, árvores que nos encham de medo. Certa vez, em Bordighera, conheci uma *pessoalmente*, e ao dizer *pessoalmente* não estou exagerando nem um pouco. Tratava-se de um fícus da espécie *benjamina*: uma árvore pluricentenária, imensa, gigantesca e ameaçadora. As suas raízes, crescendo, tinham arrebatado o muro em volta do jardim, torcendo e arrancando do chão os ferros de uma velha porteira; mais raízes despontavam dos lados, fincando-se no solo como grandes cobras sonolentas; mais raízes penduravam-se dos galhos na desesperada tentativa de alcançar o chão. Com uma altura de mais ou menos trinta metros, a árvore espalhava-se para todos os lados e dava a impressão de querer esmigalhar o mundo. Eu nem podia pensar na hipótese de dormir perto dela sozinho, nem que fosse apenas por dez minutos.

Quem acha que sabe distinguir os vegetais dos animais, tente dizer o que é uma esponja ou uma planta carnívora. Já é bastante árduo dar uma definição de animal. Chamá-lo de ser vivo, capaz de locomover-se por

conta própria, não basta: há animais totalmente incapazes de mover-se, que para fazê-lo precisam de outros animais. Mais difícil ainda é marcar a linha que separa o homem do animal: se formos considerar somente a inteligência, descobrimos que não somos lá muito melhores do que os cães, os golfinhos e os macacos.

Para resolver estes problemas miúdos, Aristóteles escreveu nada menos que oito livros de física, e depois disto, escreveu mais catorze para explicar a *metafísica*, isto é, os assuntos que iam além do mundo sensível. O termo *metafísica*, na verdade, não foi inventado por Aristóteles, mas sim pelos seus editores que o patentearam como “tudo aquilo que vem depois da física”; talvez o autor tenha sido Andrônico de Rodes, que publicou as obras do mestre no primeiro século antes de Cristo.

A metafísica

Se já é difícil definir o que é uma alface ou um cavalo, imaginem só o quanto é mais difícil se tivermos de explicar um conceito abstrato como o bem, o pensar, o pecado ou a piedade. Pois bem, entre os 127 mil verbetes do vocabulário italiano, há um, o verbo *ser*, que é o mais complicado de todos: desde Parmênides até Heidegger, não houve um único filósofo que não tentasse explicá-lo satisfatoriamente.

Para início de conversa, *ser* nem sempre é verbo: em alguns casos é um substantivo. Por exemplo: *o homem é um ser vivo*. Nesta frase a terrível palavrinha aparece duas vezes: uma vez como substantivo (*ser*) e uma vez como verbo (*é*). E como se não bastasse, a expressão *ser vivo* é aquilo que nos meus tempos de colégio também era chamado de predicado verbal. Nem vou lhes contar, então, o que acontece quando Aristóteles afirma que a metafísica é a ciência que procura o *ser enquanto ser*! Fiquem calmos, vamos aguentar firmes e seguir em frente.

Para Parmênides o ser é Uno, Imóvel e Eterno (já tenho repetido esta definição várias vezes, embora saiba que não é lá muito compreensível). Para Platão, por sua vez, o ser é múltiplice e é constituído pelas Ideias, isto é, por entidades transcendentais, universais, nas quais o Demiurgo inspirou-se para criar o mundo. Para Aristóteles, finalmente, o ser continua sendo alguma coisa transcendente que tem a ver com o mundo ultrassensorial, isto é, além dos sentidos, mas que também é, ao mesmo tempo, individual, e portanto imanente. Vejamos como:

Eu posso dizer as seguintes verdades:

“Renzo Arbore nasceu em Foggia.”

“Renzo Arbore é um homem ligado ao mundo do espetáculo.”

“Renzo Arbore é um cantor.”

“Renzo Arbore é um apresentador televisivo.”

“Renzo Arbore é amigo meu.”

“Renzo Arbore é presidente dos disc-jóqueis.”

“Renzo Arbore é ‘aquele’ da cerveja.”

“Renzo Arbore é um diretor de cinema.”

“Renzo Arbore é um jornalista.”

Cada uma destas proposições é verdadeira, mas nenhuma delas, sozinha, é capaz de dar-me a essência de Renzo Arbore. Se eu sáísse por aí perguntando qual é aquela que mais se aproxima da ideia de Renzo Arbore, provavelmente os entrevistados responderiam: “É um homem ligado ao mundo do espetáculo.” Mas não para mim, pois eu escolheria “Renzo Arbore é amigo meu”, por achá-la a mais importante de todas, uma vez que continuaria sendo amigo dele mesmo que ele não fosse um homem ligado ao mundo do espetáculo. Qual é, então, a verdadeira essência de Renzo Arbore? Só pode ser uma:

“Renzo Arbore é Renzo Arbore.”

E o que isso quer dizer? Que qualquer coisa feita no passado por Arbore, e qualquer coisa que ele venha a fazer no futuro (o cantor, o amigo, o guia turístico no Coliseu) sempre foi e será feita “do jeito de Arbore”, e esta sua maneira de ser também é a sua essência. E assim um conceito universal (fazer a coisa do *jeito* Renzo Arbore) acaba transformando-se num conceito individual (ser Renzo Arbore).

Aristóteles, no seu frenesi classificatório que, para dizer a verdade, mais parece administrativo do que filosófico, disse que o ser pode assumir os seguintes significados:

- Ser conforme as *dez categorias* (que mencionarei daqui a pouco).
- Ser como *ato* ou *potência*.
- Ser como *verdadeiro* ou *falso*.
- Ser como *substância* ou *acidente fortuito*.

Vamos começar pelas categorias convidando o senador Spadolini a participar da nossa conversa e servir de exemplo como já fizemos com

Arbore: lá está ele, no Senado, onde acaba de brigar com os socialistas.

1. *Substância*: “Spadolini é Spadolini.”
2. *Quantidade*: “Spadolini pesa mais de cem quilos.”
3. *Qualidade*: “Spadolini é um historiador.”
4. *Relação*: “Spadolini é mais alto do que Fanfani e mais baixo do que Craxi.”
5. *Lugar*: “Spadolini está no Senado.”
6. *Tempo*: “Spadolini vive no século XXI.”
7. *Posição*: “Spadolini está sentado.”
8. *Condição*: “Spadolini está de terno preto.”
9. *Ação*: “Spadolini está se coçando.”
10. *Paixão*: “Spadolini está sendo coçado.”

Diz-se que o ser está em *potência* quando tem justamente o *potencial* para tornar-se alguma coisa que ele ainda não é. Um garotinho de seis anos é, em *potência*, um jogador de futebol, um deputado, ou um malfeitor. Quando ele se tornar uma destas coisas (admitindo que se torne mesmo uma delas), diremos que ele é em *ato*. Uma árvore é, em *ato*, uma árvore e, ao mesmo tempo, em *potência* é uma mesa. Quando sai da fábrica, uma arma é sem dúvida alguma um objeto metálico em *ato*, mas em *potência* é um meio para cometer um crime; para transformar este seu ser de *potência* para *ato* basta atirar no primeiro infeliz que receberá o tiro.

O ser pode ser definido *verdadeiro* ou *falso*. Esta distinção, no entanto, é mais objeto da lógica do que da metafísica e, portanto, voltaremos ao assunto mais tarde.

O ser é considerado *acidental* quando o atributo com o qual o etiquetamos é casual e ocasional. Qualquer frase do tipo: Antônio está cansado, Marília está bronzada, Felipe está bêbado, indica uma particular situação do ser, verdadeira naquele instante, mas que poderia não ser verdadeira mais tarde. Ficam me dizendo o tempo todo que eu não deveria confundir o ser *acidental* com as dez categorias que mencionamos há pouco. Pode ser, mas eu, a não ser no caso da primeira categoria, continuo a confundi-lo assim mesmo.

Analizamos o ser de todos os pontos de vista possíveis; no que diz respeito ao devenir, no entanto, Aristóteles aconselha que façamos a nós mesmos quatro perguntas toda vez que assistimos a uma mudança:

1. O que mudou?
2. Quem provocou a mudança?
3. Com que resultado?
4. Com qual finalidade?

Para responder a estas perguntas, Aristóteles indica quatro causas:

1. A causa *material*.
2. A causa *eficiente*.
3. A causa *formal*.
4. A causa *final*.

Exemplo número 1: o marceneiro constrói uma cadeira:

1. A causa material é a madeira.
2. A causa eficiente é o marceneiro.
3. A causa formal é a cadeira do jeito com que foi efetivamente feita.
4. A causa final é a cadeira do jeito que o marceneiro a planejava.

Exemplo número 2: um escultor faz uma estátua de Marilyn Monroe.

1. A causa material é o mármore.
2. A causa eficiente é o escultor.
3. A causa formal é a estátua.
4. A causa final é a finada Marilyn Monroe assim como o escultor se lembrava dela.

Exemplo número 3, totalmente atípico: o governo cai e forma-se outro.

1. A causa material são os parlamentares elegíveis.
2. A causa eficiente são o primeiro-ministro, os partidos da coalizão e os franco-atiradores que provocaram a crise.
3. A causa formal é o novo gabinete.
4. A causa final é o compromisso entre os vários gabinetes possíveis que cada partido teria formado se dependesse só dele.

Como podemos facilmente perceber, o povo nada tem a ver com tudo isto, embora, do ponto de vista constitucional, coubesse a ele o papel de causa eficiente.

Conceito aristotélico da alma

Quando Aristóteles diz “alma” temos de tomar cuidado: não se trata da alma espiritual e imortal, aquela com a qual estamos acostumados, mas sim de um componente do indivíduo subdividido em três partes (*vegetativa*, *sensitiva* e *racional*) e que nasce e morre junto com o corpo.¹⁶¹ Entre corpo e alma existe uma relação matéria-forma como se a alma fosse a verdadeira forma do corpo.¹⁶² Querer saber se a alma e o corpo são a mesma coisa seria algo desprovido de sentido: seria o mesmo que perguntar se a cera e a forma da vela são a mesma coisa.¹⁶³ Aristóteles não acredita na metempsicose, como faziam antes dele Pitágoras e Platão,¹⁶⁴ nem na imortalidade da alma, coisa que sempre incomodou bastante os filósofos cristãos que o haviam escolhido como guia espiritual do mundo grego.

O mundo aristotélico coloca no nível mais baixo a matéria bruta sem alma, isto é, os corpos sem forma, e no topo da pirâmide Deus, que é só forma sem matéria. Na lenta progressão para cima o universo evolui, passando da matéria a Deus, e a forma adquire características cada vez mais requintadas. Daí as três diferentes espécies de alma: a vegetativa, a sensitiva e a racional. As plantas só possuem a primeira, os animais, a primeira e a segunda, e o homem, todas as três.

As faculdades fundamentais da alma *vegetativa* são a reprodução, a nutrição e o crescimento. Até mesmo as abobrinhas, que em Nápoles chamamos de *cocozzielli*, apesar da sua aparência inocente, possuem uma alma, e podem agradecer esta dádiva a Aristóteles.

A alma *sensitiva* possui as sensações, os apetites e o movimento. Os sentidos, como bem sabemos, são cinco mas, para Aristóteles, as vontades também são sentidos: a vontade de comer, de beber, de fazer amor e assim por diante.

A alma *racional*, em *potência*, possui a capacidade de conhecer as formas puras (inteligência potencial), enquanto em *ato* faz nem mais nem menos o que faz (inteligência atual): *potencialmente* falando, poderia conhecer Deus, mas então, em *ato*, limita-se a entender *Dallas*, e olha lá! A alma racional porta-se como a luz. As cores existem mesmo no escuro, embora não sejam visíveis: são portanto cores em *potência* que se tornam em *ato* graças à luz. A responsável por esta transformação é portanto a luz, isto é, a alma racional que as iluminou.

Todos os três tipos de alma morrem com o corpo, mas participam da vida eterna graças à reprodução. “A função mais normal de um ser vivo”, diz Aristóteles, “é a de produzir outro ser semelhante; o animal gera um

animal, a planta, outra planta. E uma vez que nenhum indivíduo, sendo corruptível, pode sobreviver idêntico e uno, na medida do possível, continua vivendo e participa da eternidade não em si mesmo, mas sim em outro ser parecido: não como indivíduo, portanto, mas sim como espécie.”¹⁶⁵

A ética

No centro da famosa pintura *A escola de Atenas*, tendo à sua volta uns cinquenta filósofos sentados numa grande escadaria, Rafael retratou os dois maiores do pensamento grego, Platão e Aristóteles, ambos de pé e olhando um para o outro com ar severo: peguem uma lupa e observem com atenção: enquanto o primeiro tem embaixo do braço o *Timeu* e aponta com a mão direita para o céu, o segundo traz consigo a *Ética* e aponta para o chão. Provavelmente Rafael sabia muito pouco de filosofia; devia ter ouvido dizer pelos sábios da época que um daqueles dois era idealista e o outro realista, e achou por bem retratá-los emblematicamente daquele jeito.

Na verdade este erro de Rafael já foi cometido por muitos e não me parece justo, no que diz respeito a Aristóteles, reduzir o seu pensamento a uma espécie de enciclopédia prática sobre como viver. O estagirita, com efeito, não descuidou nem um pouco do chamado *transcendente*, e aliás ordenou todas as disciplinas filosóficas, conforme a importância de cada uma, nos degraus de uma pirâmide em cujo topo colocou a metafísica e Deus, primeiro motor de todas as coisas. Como diz justamente Giovanni Reale,¹⁶⁶ a única verdade nisso tudo é que “Platão, além de filósofo, *também* era um místico, enquanto Aristóteles *também* era um cientista”. E além do mais, não me parece que ele esteja realmente apontando para o chão: se vocês olharem para a pintura com atenção, poderão notar que ele responde ao convite de Platão com a palma da mão aberta, quase a dizer: “Calma, Platão: não exagere como sempre faz: vamos ver, primeiro, como estão realmente as coisas!”

Ethos, em grego, significa “comportamento, hábito, costume”, e a ética é, portanto, a moral, quer dizer, a maneira segundo a qual temos de regular o nosso comportamento, como devemos agir, o que pode ou não pode ser feito, o que é bom e o que é mau.

O que buscamos na vida? A felicidade. Uma afirmação que, em si, não quer dizer nada, pelo menos enquanto não soubermos definir o que é a felicidade e o que precisamos fazer para consegui-la. Para a maioria das

pessoas a felicidade consiste em viver bem. Mas uma vida feita somente de prazeres físicos, avisa Aristóteles, é uma vida animal. Alguém mais evoluído pode então pensar que a felicidade consiste nas “honras”, quer dizer, na riqueza, no poder e nos símbolos do poder (uma linda casa, um carro vistoso, uma amante bonita etc.). Mas estes prazeres, objeta Aristóteles, só podem ser considerados gratificantes até um certo ponto, pois continuam externos ao indivíduo sem realmente enriquecê-lo.¹⁶⁷

Para Platão a felicidade era a Ideia do Bem, do “Bem em si” como ele costumava dizer, quer dizer alguma coisa separada que, justamente por ser algo à parte, torna-se inalcançável. Agora, se ainda podemos aceitar uma definição dessas na metafísica, na ética ela é francamente inútil: a moral, se não é prática, que moral é? Não podemos portanto negar que neste assunto Aristóteles era sem dúvida mais “prático” do que Platão. Para ele o Bem consiste em realizarmos a atividade que nos é peculiar. O que quer dizer? Que se para o olho o máximo bem é ver, e se para o ouvido é ouvir, para o homem o maior Bem possível consiste em desempenhar aquelas funções que são próprias do homem. E o que pode afinal distinguir o homem dos demais seres vivos? A alma racional, e não certamente a vegetativa ou a sensitiva que temos em comum com todos os outros animais! De onde podemos concluir que o Bem Supremo consiste em fazer funcionar a razão.

Eis aqui o trecho em que Aristóteles explica com poucas palavras esta sua teoria moral:¹⁶⁸

“Assim como para o flautista, o escultor e qualquer outro artesão, o bem parece estar na perfeição da sua obra, o mesmo deveria dar-se também com o homem. Mas qual é a especialidade do homem? É claro que não é viver, que também é próprio das plantas, nem a sensação que também partilhamos com o cavalo, o boi e qualquer outro animal. Sobra, portanto, a racionalidade. E uma vez que um tocador de cítara que toca bem é preferível a um que toca mal,¹⁶⁹ deverá considerar-se virtuoso o homem que raciocina com virtude. E não uma só vez, mas sim por toda a vida. Assim como uma só andorinha não faz o verão, um só dia virtuoso não pode tornar beata e feliz toda uma existência.”

Vamos tentar agora tornar ainda mais individual o conceito de felicidade. Antes, ao falar de Arbore, eu disse que existe uma essência definida “Renzo Arbore” que pertence a ele e a mais ninguém. Pois bem, falando da ética poderia dizer mais ou menos a mesma coisa: o Bem supremo para Arbore

consistirá em realizar-se como Renzo Arbore. Generalizando o princípio, poderia dizer que para alcançar o Bem cada um de nós deve: antes de mais nada conhecer a si mesmo, e então realizar-se conforme a sua natureza. Exemplo: vamos supor que somos gerentes de banco ou arrombadores de cofres armados de maçarico, é provável que a nossa felicidade consista em gerenciar direito uma filial ou em penetrar no cofre do mesmo banco. Mas se porventura, apesar do ofício que exercemos, a nossa verdadeira natureza for outra (sei lá: ser um bom pai, por exemplo), então seria aconselhável esquecer o banco por um tempinho (para o bem ou para o mal) e ir buscar o filho na saída da escola.

Exemplos mais complexos de felicidade são aqueles que têm a ver com homens que poderiam sentir-se realizados em várias situações ao mesmo tempo: aspirantes escritores, maestros, pais, torcedores de futebol e apaixonados por alguma estrela do cinema. Neste caso, as possibilidades de serem felizes aumentam a olhos vistos; o importante, no entanto, é nunca se deixar condicionar pelo mundo externo e desejar somente aquelas coisas que temos certeza de “realmente” desejar.

Aristóteles faz uma distinção entre virtudes *éticas* e virtudes *dianoéticas*.¹⁷⁰ As primeiras têm a ver com a alma sensitiva e são úteis para mitigar as paixões, enquanto as segundas são uma prerrogativa da alma racional. A virtude ética é o justo meio entre dois vícios opostos, isto é, entre a participação excessivamente grande ou pequena de uma mesma emoção.

Aqui está um trecho tirado da *Ética Eudêmia*:¹⁷¹

<i>Virtude ética</i>	<i>por excesso</i>	<i>por falta</i>
Brandura	Ira	Indiferença
Coragem	Imprudência	Covardia
Recato	Desfaçatez	Timidez
Temperança	Intemperança	Insensibilidade
Justiça	Lucro	Perda
Generosidade	Esbanjamento	Avareza

Amabilidade	Hostilidade	Bajulação
Seriedade	Complacência	Arrogância
Magnanimidade	Vaidade	Modéstia
Magnificência	Pompa	Mesquinha

Hoje em dia poderíamos inventar outras virtudes éticas, desconhecidas pela sociedade ateniense do século IV: acompanhar um jogo de futebol com espírito *realmente esportivo*, evitando comportamentos de torcedores fanáticos ou incompetentes (pode parecer estranho, mas quase ninguém sabe assistir a um jogo do seu time com um mínimo de lealdade esportiva, no sentido de aplaudir o adversário). Ser a favor ou contra a energia nuclear, e ao mesmo tempo saber levar em conta as razões da parte adversária. Escolher uma cantina onde se come bem e barato, evitando seja o restaurante caríssimo, seja o McDonald's.

As virtudes *dianoéticas* são aquelas que se referem à alma racional: são chamadas de sensatez (*phrónesis*) ou sabedoria (*sophía*) conforme tenham a ver com as coisas contingentes e variáveis, ou com as coisas necessárias e imutáveis. A sensatez é prática, a sabedoria é teórica.

Deixando de lado estas definições, que provavelmente deixam tudo da mesma forma que era antes, Aristóteles volta a ser simpático quando afirma que um pouquinho de sorte e algumas facilidades exteriores até que ajudam. Todos concordam que o dinheiro não traz a felicidade, mas isto não quer dizer que a miséria ajude a viver melhor.

Eis aqui a opinião de Aristóteles:

“Tudo indica que a felicidade precisa de bens exteriores uma vez que é impossível, ou pelo menos difícil, ter gestos bonitos quando não se dispõe de meios econômicos. Muitas coisas, com efeito, são feitas graças aos amigos, à riqueza e ao poder político. Não pode ser feliz quem nasceu feio demais, de origem obscura, ou está só e sem filhos; e muito menos feliz é aquele que tem filhos degenerados, ou então de bom caráter mas que morrem diante dos seus olhos. Resumindo, para alcançar a felicidade, na vida também precisamos de alguma sorte.”¹⁷²

A lógica

Todas as jovens suecas têm coxas longas.

Ulla é uma jovem sueca.

Ulla tem coxas longas.

Este é o famoso silogismo aristotélico ou, melhor dizendo, não exatamente aristotélico, mas muito parecido com ele. Na verdade Aristóteles disse:

Todos os homens são mortais.

Sócrates é um homem.

Sócrates é mortal.

O verbo *syllogízesthai* em grego quer dizer “apanhar, resumir” e de fato o silogismo resume numa só frase, *Sócrates é mortal*, o que foi dito na premissa maior *Todos os homens são mortais* e na premissa menor *Sócrates é um homem*. No caso em questão, a palavra *homem* representa o termo médio, isto é, o elemento comum que faz funcionar o silogismo.

Ainda garotos, no colégio Iacopo Sannazzaro, nos divertíamos inventando silogismos falsos que tiravam do sério o coitado do professor de filosofia, o bom mestre D’Amore. O silogismo que mais nos divertia era este:

Sócrates apita.

A locomotiva apita.

Sócrates é uma locomotiva.

O coitado do professor ficava totalmente desanimado. Parece que ainda estou vendo: atrás da mesa, suando em bicas enquanto se defendia do calor e das moscas com uma ventoinha de papel:

“Só moscas e *ciucciarié!*”¹⁷³ e ao dizer *ciucciarié* virava os olhos para o céu invocando-o como testemunha. “Para variar, não entenderam patavina. Garotos, para fazer um silogismo precisam de uma premissa maior e de uma menor: e no de vocês falta a premissa maior. Para que funcionasse, deveriam ter dito:

Tudo aquilo que apita é uma locomotiva.

Sócrates apita.

Sócrates é uma locomotiva.”

“Quer dizer, então”, insistia eu, “que existe a possibilidade de Sócrates ser uma locomotiva?”

“Claro que não”, respondia ele sem pestanejar, “a única possibilidade é a de você ficar em recuperação em filosofia.”

Há uma grande variedade de silogismos possíveis. Aristóteles descreve-os conforme as premissas serem de tipo positivo, negativo, categórico, possível, total ou parcial. O silogismo das jovens suecas, por exemplo, é do tipo “primeira figura” e é chamado de *Bárbara*, que obviamente não é o nome de uma garota sueca, mas sim a denominação dada pelos escolásticos. Um outro tipo é conhecido como *Darii*:

Todos os desonestos aceitam suborno.

Alguns políticos são desonestos.

Alguns políticos aceitam suborno.

Neste exemplo, a premissa maior é total e a menor, parcial: a conclusão só pode ser parcial.

Também há o *Fério*:

Nenhum torcedor é objetivo.

Alguns jornalistas esportivos são torcedores.

Alguns jornalistas esportivos não são objetivos.

E o *Celarent*:

Aqui em Nápoles ninguém é bobo.

Todos os napolitanos vivem aqui.

Nenhum napolitano é bobo.

O que obviamente não é verdade pelo simples fato de não haver, neste caso, verdadeiras premissas. Acredito de fato que, por um mero princípio de justiça, os bobos estejam distribuídos equitativamente por todos os cantos do universo.

Não creio que o conhecimento do silogismo seja realmente indispensável. Por via de regra trata-se de raciocínios elementares dos quais até os analfabetos são capazes, sem nem mesmo saber que fizeram um silogismo. Aristóteles, por sua vez, dá ao assunto a maior importância, a ponto de

escrever a respeito toda uma série de trabalhos: os *Analíticos primeiros*, que tratam das diferentes figuras; os *Analíticos segundos*, que descrevem o silogismo científico; os *Tópicos*, que falam do silogismo dialético; e finalmente as *Refutações sofísticas*. Desaconselhamos a leitura.

A poética

Aristóteles não podia deixar de dar a sua opinião também sobre a arte poética e, como sempre, tentou classificar os gêneros literários de forma a fichar para sempre todos os autores. Não podia prever o gênero “Variedades”, atualmente reconhecido seja nas listas Ansa, seja nas de outros institutos de pesquisa. É uma pena: só gostaria de vê-lo tentar acomodar na mesma categoria Roberto d’Agostino, Giorgio Forattini, Jane Fonda e o *Guia Michelin*.

Aristóteles acaba incluindo na *poética* praticamente todas as “ciências produtivas” do homem, e diz: “O homem faz algumas coisas que a natureza não sabe fazer, outras vezes a imita.”¹⁷⁴ As coisas que a natureza não sabe fazer são os objetos que servem para o nosso uso (as cadeiras, os carros, as utilidades domésticas), as outras, por sua vez, são as “artes bonitas” (os quadros, as esculturas, as tragédias) que nascem como imitação da natureza.

No que diz respeito aos vários tipos de arte teatral (tragédia, comédia, épica etc.) temos de salientar aquilo que infelizmente Aristóteles pensava dos cômicos. Ele escreve: “A tragédia é uma obra imitadora de uma ação séria, executada com linguagem apurada e nobres personagens”.¹⁷⁵ E mais adiante: “A comédia é imitação de sujeitos desprezíveis, amiúde feios, e o seu elemento fundamental é o ridículo”.¹⁷⁶ E, depois disso, nunca mais volta a falar no assunto.

Este menosprezo pelos humoristas nasce com Aristóteles e a partir daí nunca mais parou de aviltar todos aqueles que de alguma forma se envolvem em algo divertido.

A acusação torna-se ainda mais injusta se pensarmos que muito do que conhecemos dos gregos se deve a Aristófanes e Menandro, e não certamente a Ésquilo, Sófocles e Eurípides. É como se os nossos descendentes quisessem conhecer no ano 3000 os hábitos dos italianos do século XX: aprenderiam sem dúvida muito mais com os filmes de Alberto Sordi do que com os de Antonioni.

Por falar em discriminação em relação aos cômicos, acabo de saber que o

monumento para Totò no parque municipal de Nápoles já não será erguido, pois não recebeu a necessária aprovação da Comissão de Urbanismo. Apesar do apoio popular e do esboço aprovado em fase de projeto, a Comissão rejeitou a execução do monumento alegando a seguinte motivação: “A obra constitui um motivo de perturbação numa paisagem historicamente consolidada. Considera-se particularmente antiestética a comparação com as demais estátuas”.¹⁷⁷

O mais engraçado é que o grande ator cômico napolitano já previra este veto em 1964, quando escreveu uma bonita poesia intitulada *'a livella*,¹⁷⁸ onde o espírito de um marquês briga com o de um gari. Os dois falecidos foram sepultados pelas respectivas famílias um ao lado do outro e o marquês não tolera esta promiscuidade: convida o esqueleto do gari a afastar-se alguns metros para que possa ser mantida a distância social. O pobre coitado, num primeiro momento, pede desculpas pela infeliz iniciativa dos parentes, mas aí perde a paciência e exclama: “Marquês, que tal deixarmos estas palhaçadas para os vivos? Agora nós somos gente séria, já morremos!”

Ainda bem que o cômico, com o passar do tempo, às vezes se torna um clássico, enquanto, como diz Flaiano, o dramático descamba amiúde para o farsesco.¹⁷⁹

Os aristotélicos

Só duas palavras sobre os sucessores de Aristóteles: Teofrasto, Estráton e Licão. O Liceu, com eles, torna-se uma verdadeira universidade científica e perde o charme de lugar de encontro para conversadores peripatéticos. Dois mil alunos, cursos programados, professores fixos e conhecimento padronizado, isto é, sem muita margem para voos especulativos. Fala-se cada vez mais de natureza e cada vez menos de metafísica. Principalmente Teofrasto, seja devido à sua paixão pela botânica, seja por uma certa desconfiança em relação ao teorético, fez recuar a filosofia aristotélica para níveis pré-socráticos. Volta-se a falar em *Nous*, de mente como matéria impalpável e de cosmologia mecanicista. Basta dar uma olhada nos títulos das obras de Teofrasto para perceber que o transcendente deixara de estar na moda. Eis aqui alguns: *Sobre o cansaço*, *Sobre o suor*, *Sobre os cabelos*, *Sobre a tonteira*, *Sobre o desmaio*, *Sobre a sufocação*, *Sobre as pedras*, *Sobre o mel*, *Sobre o ridículo*, *Sobre o vinho e o azeite*.

No livro *Sobre o caráter do supersticioso* o filósofo descreve o dia de um

ateniense típico: de manhã vai lavar as mãos com a água do templo que, ao que parece, é mais pura e dá sorte; aí enfia na boca uma folha de louro para angariar a benevolência de Apolo; se durante a noite um rato fez um buraco na sua mochila, em lugar de pedir ao sapateiro para consertar, ele irá consultar um adivinho para saber qual Deus ofendeu e a quem terá de oferecer um sacrifício; ao caminhar fora da cerca das muralhas, irá prestar a maior atenção a fim de nunca pisar nas lajes tumulares; não suporta ver os carros usados no transporte de cadáveres e, se por acaso ele topar com um epiléptico ou com um louco, ficará inteiramente em pânico cuspidando em si mesmo e gritando esconjuros.

É fácil ver que depois de 2.400 anos este ensaio sobre a superstição de Teofrasto continua sendo bastante atual.

Teofrasto, filho de Melante, nasceu em 370 a.C. em Ereso, na Ásia Menor.¹⁸⁰ Foi discípulo primeiro de Platão e depois de Aristóteles. Era muito respeitado pelos atenienses e teve inúmeros alunos, entre os quais um seu escravo, Pompilo, também filósofo, e o comediógrafo Menandro. Parece que já idoso apaixonou-se por Nicômaco, o filho de Aristóteles. Todas estas notícias dignas da imprensa marrom nos são oferecidas pelo costureiro Pseudo-Aristipo numa obra intitulada *Sobre a luxúria dos antigos*. Teofrasto dirigiu o Liceu por nada menos de 35 anos, desde 322 (fuga de Aristóteles para Cálcis) até 287 (ano da sua morte). De todas as suas obras, só duas podem ser consideradas realmente válidas: *Pesquisa sobre as plantas*, em nove volumes, e *Causas das plantas*, em seis volumes. Morreu com 83 anos.

Estráton, dito o Físico, continuou o trabalho positivista de Teofrasto. Para ele, *calor e frio* eram princípios ativos e tudo o que acontecia no mundo devia-se a alguma causa natural. A alma não passava, portanto, de um *pneuma* material. Ainda jovem, juntamente com outro aristotélico chamado Demétrio Falereu, convenceu o rei Ptolomeu a abrir uma escola em Alexandria, o Museu. Mais tarde, com a morte de Teofrasto, voltou a Atenas e assumiu a direção do Liceu.

Pelo que nos conta Diógenes Laércio, era magro, mas tão magro que passou da vida à morte “sem nem perceber”.¹⁸¹

Depois de Estráton a chefia do Liceu passou para Licão, filho de Astianate. Só sabemos dele, que era muito eloquente, que gostava de crianças e costumava usar roupas requintadas. Muito pouco, na verdade,

para ficar na história.¹⁸²

159 A vida de Aristóteles é contada em detalhe por Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, V, I, 35.

160 Em grego *perípatos* quer dizer passeio.

161 “É inegável que a alma não pode ser separada do corpo, uma vez que as atividades de algumas das suas partes representam o *ato* das correspondentes partes do corpo.” (Aristóteles, *Da alma*, 413 a.).

162 Aristóteles, *Da alma*, cit., 414 a.

163 Ibid., 412 b.

164 “O absurdo que encontramos tanto na doutrina do *Timeu* (...) quanto na dos pitagóricos, é que a alma poderia entrar em qualquer corpo.” (Ibid., 407 b.)

165 Ibid., 415 b.

166 Giovanni Reale, *Storia della filosofia antica*, vol. II: *Platone e Aristotele*, p. 257, Vita e pensiero, Milão, 1983.

167 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I, 5, 1095 b 24-26.

168 Ibid., I, 7, 1097 b-1098 a *passim*.

169 Quando li a frase “um citaredo que toca bem é preferível a um que toca mal” fiquei pasmo: estaria eu lendo Aristóteles ou algum disc-jóquei?

170 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I, 13, 1103 a 7.

171 Aristóteles, *Ética a Eudemo*, II, 3.

172 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I, 8, 1099 a 31-b 7.

173 *Ciucciari* = burrices.

174 Aristóteles, *Física*, II, 8, 199 a.

175 Aristóteles, *Poética*, 6, 2.

176 Ibid., 5, 1.

177 Veja “Il Mattino” de 2 de agosto de 1986, p. 19.

178 Totò, *’a livella*, Fausto Fiorentino, Nápoles, 1964.

179 Ennio Flaiano, *Frasario essenziale per passare inosservati in società*, Bompiani, Milão, 1986, p. 22.

180 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, V, II, 36.

181 Ibid., V, III, 60.

182 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, V, IV, 65.

VII

SALVATORE PALUMBO

– Meu prezado Di Costanzo...

– De Crescenzo.

– Meu prezado De Crescenzo, não me leve a mal, mas os exemplos de napolitanidade que me contou não me interessam nem um pouco. O senhor já conhece o meu pensamento: sou um aristotélico e acredito no “justo meio”, nas médias calculadas depois de examinar um amplo número de casos, nas porcentagens, nas estatísticas. Se o senhor tiver a me oferecer alguns dados, então seja bem-vindo: aceitá-los-ei com prazer. Mas se só tiver *fattarielli*,¹⁸³ muito obrigado mesmo assim, mas não quero ouvir!

– Professor! – grita Tanino da proa do barco, segurando a âncora. – Está bem aqui? *I’ votto ’o fierro*.¹⁸⁴

Estamos bem no meio das ilhas Galli, ao longo da costa de Amalfi. Mais do que ilhas, os Galli são três penhascos não muito longe de Positano. O dia está quente, a água do mar imóvel, o céu de um azul tão pálido que quase parece cinzento, sem uma única nuvem visível no horizonte. Nem mesmo um sopro de vento. O professor Palumbo, que ensina matemática no Liceu Giambattista Vico, alugou um *gozzo*:¹⁸⁵ duzentas mil liras por dia, incluindo o café da manhã. Além do marinheiro, somos cinco no barco: eu, Palumbo, a mulher, a filha Michela e Serena, uma estudante de biologia amiga de Michela. Duzentas mil liras para um dia no mar é uma despesa bastante fora do comum para um professor de escola média superior.

– Pode doer no bolso, mas achei que tinha de fazer – suspira o professor –; a minha filha ficou três meses em Roma, na casa de Serena, e agora parece-me justo retribuir. E além do mais tinha de mostrar alguma coisa à mocinha!

Estamos todos em roupa de banho, exceto Palumbo que está de terno completo.

– Professor – pergunta Tanino –, o senhor não vai tirar a roupa?

– Não.

– E por quê?

– É assim que eu gosto – responde ríspido o professor, enquanto cobre a cabeça com o lenço. – Odeio o sol, o mar, a areia: não tenciono cair na água e muito menos me bronzear. Acho idiota ficar deitado num barco, imóvel por algumas horas, como uva-passa. Nunca entendi por que os homens, justamente quando faz mais calor, ficam no sol e, ao contrário, buscam a neve no inverno. A meu ver, deveria ser justamente o contrário.

Michela mergulha no mar de cabeça, para logo a seguir reaparecer convidando Serena a fazer o mesmo.

– Venha, Serena, a água está ótima!

A jovem tem lá suas dúvidas, não se decide a mergulhar e olha para a água um tanto apreensiva.

– Estou com medo dos tubarões – confessa. – Antes do passeio, um rapaz de Positano contou-me que este braço de mar é chamado de “triângulo dos cações”.

– Bobagem – exclama o professor –, os tubarões não existem!

– Aqui nos Galli? – pergunta Serena.

– Nem nos Galli nem em qualquer outro mar italiano – retruca Palumbo.

– Como assim, não existem?

– Você conhece alguém que já foi mordido por um tubarão? Alguém do qual poderia citar o nome completo? Claro que não! E então quer dizer que os tubarões não existem. Posso imaginar, no entanto, que conhece muito bem pessoas que sofreram algum acidente de carro: entre mortos e feridos, na Itália, há mais de duzentas mil todos os anos. Mas isto nem passa pela sua cabeça, vem de Roma a Positano de carro e não se preocupa nem um pouco. Aí chega nos Galli e fica com medo de um pobre bicho que, até prova em contrário, ainda não fez mal a ninguém. Isto demonstra que não faz a menor ideia do que sejam as estatísticas!

– Eu sei, mas o tubarão... – objeta timidamente Serena.

– O tubarão é um filme, e não um fato – grita Palumbo. – A verdade é que o bicho existe dentro da sua cabeça, no escuro do inconsciente, assim como tem pesadelos com fantasmas e sabe lá quantas outras

bobagens.

– Está querendo dizer que os fantasmas tampouco existem? – intervém dona Assunta, a mulher do professor.

– Isso mesmo: os fantasmas tampouco existem. Vale, para eles, o mesmo raciocínio que usamos a respeito dos tubarões: você já conheceu alguém que lhe dissesse: “Assunta, esta noite, enquanto eu dormia, chegaram dois fantasmas que me deram um susto daqueles?”

– E que me diz das sessões espíritas? Dos móveis que andam sozinhos? Dos médiuns que falam com a voz de outras pessoas? – replica a mulher. – Salvatore, você não pode negar a existência do além!

– Olha aqui – rebate o professor –, uma coisa é a existência do além e outra completamente diferente são os fantasmas! Se existissem de verdade, nenhum assassino poderia dormir tranquilo. Imagine só um nazista que eliminou umas duas mil pessoas: já pensou o que os fantasmas fariam com ele se pudessem fazer alguma coisa?

– Não tem nada a ver! – insiste a mulher. – Seja como for, são espíritos: podem mostrar-se, mas não podem agir...

– E para que ter medo, então?, pergunta o professor. – Topar num deles, aliás, até que poderia ser interessante: poderíamos saber em primeira mão alguma coisa acerca do além. Infelizmente, no entanto, eu nunca tive o prazer de encontrar um.

– Quer dizer então – digo, entrando na conversa e voltando ao assunto inicial – que usando os mesmos critérios o senhor também nega a existência da napoletanidade. Assim como não existem os fantasmas, tampouco existem os napolitanos.

– Nada disso, Di Costanzo, não foi o que eu disse...

– De Crescenzo.

– Pois é, De Crescenzo. Desculpe se continuo errando o seu nome, mas acontece que tive um companheiro de escola que se chamava Di Costanzo e aí...

– Não pense nisso – replico com cortesia hipócrita –, aliás, se o senhor ficar mais à vontade, pode continuar usando Di Costanzo. O que eu gostaria de saber, no entanto, é como o senhor definiria a napoletanidade.

– Queira desculpar, De Crescenzo, mas se há uma pergunta que não suporto é justamente essa: o que vem a ser a napoletanidade? Eu juro:

*nun ce 'a faccio cchiù!*¹⁸⁶ A única resposta aceitável seria a de Domenico Rea que, certa vez, disse: “Não sei.” Estava certo. Acompanhe o meu raciocínio: se com napoletanidade queremos distinguir o que é ser napolitano do que é ser de outro povo, diga-me então como seria possível definir uma realidade tão complexa e contraditória quanto a do povo napolitano? Quando ouço alguns destes intelectuais de merda...

– Olha as moças, Salvatore! – protesta a senhora Palumbo.

– ... estes intelectuais de meia-tigela – continua o professor, falando um pouco mais baixo – que falam de folclore, de bandolins e de histrionices, pois bem, acredite em mim: gostaria de sequestrá-los! Levá-los-ia à força para um beco napolitano para eles entenderem de uma vez por todas como este povo é feito, qual é a sua cara, quais são os seus valores morais. Então perguntaria se porventura repararam em algum bandolim. Já moro em Nápoles há cinquenta anos e jamais vi um bandolim. Só Deus sabe quem espalhou este boato dos bandolins! Agora, digo eu: se você nunca comeu, mas nunca mesmo, num bairro baixo napolitano, como é que se atreve a falar? O problema é que quando acontece alguma coisa divertida em Gênova, Turim ou Velletri, trata-se apenas de um caso curioso, mas quando acontece em Nápoles vira logo napoletanidade. E no que diz respeito às anedotas amenas, precisamos antes de mais nada determinar o seguinte: elas são ou não são irônicas? Pois é, porque se aqueles que julgam não têm o sentido da ironia, a anedota torna-se imediatamente caricatura. E aí tudo acaba virando lugar-comum: a pretensa alegria, a arte de dar um jeito, o escasso sentido de cidadania, a sociabilidade, o culto pela família, a maldição de termos de ser simpáticos, a ignorância. Sobre Nápoles, meu caro Di Costanzo, pode ser dito tudo e o contrário de tudo. Se eu quisesse, poderia afirmar que os napolitanos têm um marcado espírito de solidariedade, e as pessoas acreditariam. Quantas vezes já ouvimos dizer que Nápoles não é como Nova York, que se alguém passa mal e cai no chão, Nápoles inteira acode para ajudar? O problema é que já ouvimos dizer exatamente o contrário: que hoje em dia, se você for assaltado num beco, não vai haver absolutamente ninguém para socorrê-lo. É preciso entender que Nápoles é grande, é imensa: três, quatro, cinco milhões de habitantes, não saberia dizer quantos exatamente, porque ainda não entendi onde começa e onde

acaba: desde Pozzuoli até Castellammare di Stabia é toda uma série ininterrupta de casas. Povos diferentes, dialetos diferentes, culturas diferentes. Nessas condições torna-se impossível generalizar.

– Concordo, mas lembrando justamente a sua tese da média das opiniões, deve haver algum modo de ser napolitano que poderíamos chamar de napolitanidade.

– Ouça, De Crescenzo...

– Obrigado.

– Um valor médio deve existir sem dúvida alguma, embora difícil de se calcular. O problema, no entanto, depende de quem julga: diante de uma matéria tão opinável, vai acabar fazendo com que coincida, apesar da boa-fé, com aquela que ele mesmo desejaria. Como dizia Tácito, *fingunt et credunt*.¹⁸⁷ Nessa altura só podemos nos contentar com a média das médias.

– Não entendi.

– De Crescenzo, procure acompanhar o meu raciocínio: há mais ou menos dez anos Antonio Ghirelli pediu a uns vinte intelectuais napolitanos que respondessem a três perguntas: se existe a napoletanidade, o que ela é, e se ainda existe.¹⁸⁸ Cada um deu a sua opinião e as respostas foram todas diferentes: uns a exaltavam como coisa divina e outros desprezavam-na, uns lembravam os costumeiros Vico, Croce e companhia limitada, enquanto outros salientavam a total falta de ideais do povo. E olhe que pareciam todos realmente sinceros. Foi aí que entendi que as respostas eram todas corretas, que a Nápoles desesperada de Luigi Compagnone era tão verdadeira quanto a “subaquática” de Raffaele La Capria, ligada ao clube náutico e à fascinação de uma juventude crescida entre os recifes de Donn’Anna. Eu não podia esperar que uma mulher fechada, de caráter difícil, como a Ortese, tivesse da cidade a mesma opinião de um Giuseppe Marotta, que só conseguia vê-la através do saudoso filtro das lembranças. Acabei dizendo para mim mesmo que tanto a Ortese quanto Marotta tinham todo o direito de contar a cidade como bem quisessem, justamente porque ao fazerem isto, “aquela Nápoles” tornava-se verdadeira.

– Quer dizer, se entendi direito, que a realidade histórica não conta, o que importa é só a realidade poética.

– Isso mesmo: é a lição que Borges nos ensina – continua Palumbo.

Nápoles é um porrete, como aqueles que se usam para tocar o gongo. O porrete é sempre o mesmo, mas o som varia conforme os discos que ele faz vibrar.

– E nós seríamos os discos? – pergunto. – Em outras palavras, não estamos tocando, mas sim sendo tocados.

– É isso aí. E para entendermos o que é a napoletanidade precisamos nos contentar com o “justo meio” dos sons produzidos.

– Como assim?

– Meu caro amigo, vamos supor que eu não o conheço e que a única possibilidade de saber alguma coisa a seu respeito seja pedindo a opinião dos seus amigos mais chegados, o que acha que iria acontecer? Que um chegaria dizendo: “O engenheiro é assim e assado.” Aí vem outro afirmando: “Nada disso, ele é muito mais isto do que aquilo.” E no fim, como bom professor de matemática, eu faria a média de todas as opiniões e diria a mim mesmo: “Agora sim, eis o verdadeiro Di Costanzo!”

183 *Fattarielli*: pequenos fatos, conversa fiada. (N. do T.)

184 *I' votto 'o fierro* = Eu jogo o ferro, isto é, a âncora.

185 *Gozzo*: barco a remos ou com uma só vela para pesca costeira. (N. do T.)

186 *nun ce 'a faccio cchiù*: já não aguento mais. (N. do T.)

187 Fingem e acreditam. (N. do T.)

188 Antonio Ghirelli, *La Napoletanità*, Soc. Ed. Napoletana, Nápoles, 1976.

VIII

EPICURO

Para alguns foi o melhor de todos, para outros, o pior. Não faltaram os que o chamaram de ateu, devasso e mulhereengo, enquanto para outros foi um santo e um profeta. Cícero detestava-o, Lucrécio venerava-o. O próprio termo “epicurista” sempre foi motivo de interpretações conflitantes: para o dicionário *Nuovo Zingarelli* é um homem “que leva uma vida confortável e dedicada aos prazeres”, para o *Palazzi* é “um sensual, libertino e gozador”, mas para nós que lemos os seus livros, no entanto, é um sujeito morigerado, que à noite come muito pouco para não ir à cama de estômago cheio. Numa carta a um discípulo, Epicuro escreve: “O meu corpo extravasa doçura quando vivo de pão e água e desprezo os prazeres da vida luxuosa, não devido a eles em si, é claro, mas sim devido aos inconvenientes que acarretam.”¹⁸⁹ Em outra carta pede a um amigo: “Mande-me uma forminha de queijo para que eu possa, de vez em quando, me regalar.”¹⁹⁰

A partir destas premissas, é nossa intenção instaurar um processo de reabilitação do filósofo.

Epicuro de Atenas não nasceu em Atenas, mas sim em Samos, em 341 a.C., sob o signo de Aquário. Não podemos, de qualquer forma, considerá-lo um estrangeiro seja porque era filho de pais atenienses (a família era originária do demo de Gargeto, um dos bairros mais populares de Atenas), seja porque foi criado até a maioridade numa comunidade formada exclusivamente por atenienses. Onze anos antes do seu nascimento, com efeito, dois mil desempregados, entre os quais os seus pais, foram autorizados pelo governo de Atenas a fundar uma colônia na ilha de Samos depois de lá expulsarem os moradores.¹⁹¹

Epicuro era o segundo de quatro irmãos. O pai era mestre-escola e contam que costumava levar o menino para assistir às aulas. À parte o ensino paterno, Epicuro começou a estudar filosofia quando tinha apenas 14 anos, ou até mesmo 12, segundo alguns,¹⁹² e teve como mestre Pânfilo, um platônico que morava em Samos. Num primeiro momento o garoto

matriculara-se na escola pública mas, ao que parece, só ficou ali uns poucos minutos. Eis aqui como Sexto Empírico conta o seu primeiro dia de aula:¹⁹³

- No começo era o Caos – disse o mestre aos alunos.
- E de onde ele veio? – perguntou Epicuro.
- Isto é algo que nós não podemos saber: é um assunto para os filósofos.
- E então o que estou fazendo aqui? Só estou perdendo o meu tempo! – replicou Epicuro. – É melhor eu ir logo juntar-me aos filósofos.

Aos 18 anos foi chamado a Atenas para cumprir a *efebia*, isto é, servir o exército: iria ter como companheiro de quartel o comediógrafo Menandro. Estamos em 323: Xenócrates ensina na Academia e Aristóteles espalha sabedoria com suas peripatéticas conversas. Não é improvável que o soldado Epicuro, vez por outra, tenha dado umas saídas para assistir às aulas deles. “*Xenocratem audire potuit*”, escreve Cícero.¹⁹⁴ Curiosamente, no entanto, o filósofo nunca quis admitir estas suas primeiras experiências escolares: não tinha a menor consideração pelos colegas, a não ser talvez por Anaxágoras e Demócrito.

Enquanto isto, Alexandre o Grande morre e os habitantes de Samos, graças ao novo rei macedônio Perdicas, reconquistam a ilha e empurram para o mar os atenienses, e com eles os pais de Epicuro. O filósofo, preocupado com o destino da família, junta-se a eles em Colofone onde funda, com os irmãos Neocles, Queredemo e Aristóbulo, e também o escravo Mis, o primeiro núcleo epicurista.

Enquanto isto, um prosélito da doutrina de Demócrito, um certo Nausífanês, ensina filosofia na próxima aldeia de Teos. Epicuro, ardoroso defensor do atomismo, decide ouvir o que o outro tem a dizer. Mas assim como já acontecera com Pânfilo e Xenócrates, tampouco haveria gratidão por Nausífanês que chamaria de “molusco, uma rameira ignorante e iletrada”.¹⁹⁵ Como entender Epicuro, tão gentil e generoso com os humildes e com as mulheres, que se tornava uma verdadeira víbora com os intelectuais e, ainda mais, com os platônicos e os aristotélicos: provavelmente fazia questão de apresentar-se como autodidata e recusava qualquer relação entre o seu pensamento e o dos demais.¹⁹⁶

Sempre com os irmãos e o escravo, com a idade de trinta e dois anos, muda-se para Mitilene e abre oficialmente a primeira escola epicurista. No começo as coisas não são nada boas: as seitas platônicas são fortes e politizadas demais para permitir a existência de uma escola que desvia os

jovens da religião e da política. Mas Epicuro não se dá por vencido: faz outra tentativa em Lâmpsaco e, depois de cinco anos no interior, volta a Atenas onde chega definitivamente ao sucesso. A partir deste momento o epicurismo já não conhece fronteiras: espalha-se por toda a Grécia, pela Ásia Menor, o Egito, a Itália. Como narra Diógenes Laércio, “os amigos de Epicuro já não se podiam contar a não ser por cidades inteiras”.¹⁹⁷

Em Atenas, Epicuro compra por oitenta minas uma casa no campo com uma horta. E será justamente esta horta a dar o nome a toda a escola. Os epicuristas, com efeito, ficaram conhecidos como “Aqueles do Jardim”, embora nesse caso o jardim não tivesse flores, mas sim repolhos, nabos e pepinos.

Por ser uma escola baseada na amizade, a entrada só podia ser franca. O Jardim era frequentado por pessoas de todos os níveis sociais: adultos e jovens, metecos e escravos, figurões atenienses e lindas heteras. A presença de mulheres foi logo motivo de escândalo. Os fofoqueiros fizeram uma festa espalhando o boato de que Epicuro e Metrodoro conviviam com cinco heteras, Leôncio (Leoncinha para o mestre), Mamário, Hédias, Herózio e Nicídio, e que dormiam todos juntos na mesma cama!¹⁹⁸ Cícero, em particular, descreve a escola como “um jardim de prazer, onde os discípulos entregavam-se molemente aos mais requintados gozos”.¹⁹⁹

O destino de Epicuro é realmente estranho. Os inúmeros boatos que circularam a respeito dele na Antiguidade eram tão injuriosos quanto absurdos. Certa vez um estoico, um certo Diotimo, escreveu cinquenta epístolas obscenas assinando-as todas como Epicuro, só para aviltar a sua reputação. Posidônio, um outro estoico, afirmou que ele incitava o irmão caçula à prostituição. Teodoro, no quarto livro *Contra Epicuro*, acusa-o de embebedar-se com Temista, a mulher de Leonteu. Tímon chama-o de “galanteador do ventre”.²⁰⁰ Timócrates escreve que vomitava duas vezes por dia só para poder comer de novo.²⁰¹ Plutarco, no livro intitulado *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum*, conta que tinha um diário onde registrava quantas vezes tinha feito amor e com quem.²⁰²

Os epicuristas sofreram verdadeiras perseguições de cunho religioso, principalmente devido aos estoicos que faziam de tudo para torná-los detestáveis. Na Messênia, os timucos, isto é, as autoridades locais, mandaram os soldados escorraçar todos os seguidores de Epicuro e purificar as suas casas com o fogo. Em Creta, uns pobres coitados, acusados de professar uma filosofia efeminada e inimiga dos Deuses, após terem o

corpo lambuzado de mel, foram exilados e deixados à mercê das moscas e dos mosquitos. Se por acaso algum deles decidisse voltar, seria jogado do alto de um penhasco vestindo roupas femininas.²⁰³

O que mais incomodava, no epicurismo, era o total desprezo pelos políticos e a atitude democrática em relação aos inferiores. Epicuro praticava a amizade num mundo onde tal sentimento só era imaginável entre pessoas do mesmo nível social. Enquanto Platão, nas *Leis*,²⁰⁴ sugere a melhor maneira para subjugar os escravos (escolhendo-os de várias nacionalidades para que não se pudessem comunicar entre si, recorrendo ao castigo corporal para nunca se esquecerem da sua condição de escravos), Epicuro recebe-os de braços abertos e fala com eles como um velho amigo. Três séculos mais tarde Jesus também iria ter problemas pelos mesmos motivos.

Epicuro morreu de cálculos renais aos setenta e um anos. Aqui está como descreve o seu último dia de vida numa carta para um discípulo:²⁰⁵ “Epicuro a Ermarco, saúde. Chega para mim o dia supremo. Tão dolorosas são as fisgadas na bexiga e nas entranhas que é impossível a dor tornar-se mais forte. Mesmo assim, a eles adapta-se a alegria da minha alma ao lembrar as nossas doutrinas e as verdades por nós descobertas. Agora tu, como convém àquele que sempre se mostrou bom comigo e com a filosofia, assume o encargo de cuidar dos filhos de Metrodoro.”

Ermipo conta que antes de morrer quis entrar numa banheira de bronze cheia de água quente, onde ficou bebericando vinho em amável conversa, até a morte chegar.²⁰⁶

Características do pensamento de Epicuro

A filosofia é uma ciência estranha, de difícil, senão impossível, definição. Começou tratando de tudo: física, astronomia, cosmologia, ética, poética, política, lógica, matemática, epistemologia, metafísica, ontologia etc., e depois, com o passar do tempo, começou a perder algumas das suas partes para reduzir-se ao que é agora, praticamente só ontologia, isto é, a ciência do ser. Se quisermos realmente dar-lhe uma definição, poderíamos dizer que trata da pesquisa acerca do sentido da existência.

Uma maneira complementar para entendermos o pensamento dos filósofos antigos consiste em estabelecer qual foi, entre os vários setores da filosofia, aquele que mais atraiu o interesse deles. Os pré-socráticos privilegiaram a cosmologia e a física, excetuando-se os eleatas que se

dedicaram à ontologia. Sócrates foi o inventor da ética; Platão e Aristóteles, apesar de interessados em tudo, voltaram a focalizar o seu pensamento na ontologia.

Com Epicuro, por sua vez, temos o predomínio da ética sobre a física, mas ao contrário de Sócrates e Platão, para os quais o homem é basicamente um cidadão e o *ethos* resume-se a um conjunto de deveres, o homem epicurista é apenas um indivíduo em busca da felicidade: deixa de ser, portanto, uma “unidade política” a ser inserida na sociedade, para tornar-se um sujeito particular cuja regra fundamental é “viver às escondidas” (*látthe biósas*).²⁰⁷

A ética

Falaremos agora da amizade, dos desejos, do prazer e da morte.

Epicuro diz: “De todos os bens que a sabedoria nos oferece, o mais precioso é a amizade”,²⁰⁸ e é justamente este o caminho para entendermos a sua filosofia. É melhor uma sociedade que espera alguma coisa boa da amizade do que uma que confia na justiça. Quanto a isto, o Jardim era mais um centro missionário do que uma escola. Para Epicuro, a amizade era algo a ser transmitido de um homem para outro, quase como um contágio, tipo uma corrente de Santo Antônio. Se substituirmos a palavra amor por amizade, podemos reconhecer em Epicuro um precursor de São Francisco, e se a mensagem nunca foi devidamente recebida pelo povo é porque a amizade é um valor particular e não, como a justiça, um poderoso instrumento ideológico que pode ser usado para conseguir o poder.

“Todas as manhãs a amizade dá a volta na terra a fim de despertar os homens, para que eles possam felicitar uns aos outros.”²⁰⁹ Esta imagem poética de Epicuro diz tudo acerca do seu pensamento. Ele vê na amizade um meio de comunicação, uma ideologia que, apesar de nascida da utilidade, acaba identificando-se com o prazer para tornar-se a finalidade última da vida.²¹⁰

A tese epicurista é muito menos utopista do que parece: no século XIX o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies dividiu as comunidades humanas em duas categorias, a primeira baseada na justiça (*Gesellschaft*) e a segunda, na amizade (*Gemeinschaft*).²¹¹

As comunidades *Gesellschaft* são de tipo horizontal: todos os cidadãos têm os mesmos direitos diante da Lei. O indivíduo não precisa recorrer a

laços de família ou recomendações de amigos para conseguir aquilo de que precisa: se o seu desejo for legítimo ninguém poderá forçá-lo a rastejar diante de quem quer que seja. Um ótimo exemplo de *Gesellschaft* é a Inglaterra: tanto a rainha quanto o mais humilde lavador de pratos de Soho, embora desempenhando papéis tão diferentes, podem alardear os mesmos direitos perante a lei.

As comunidades *Gemeinschaft*, por sua vez, são piramidais: todos os relacionamentos são nelas regidos pela amizade. Formam-se grupos de tipo familiar, corporativo, político, cultural, e cada clã caracteriza-se pelo fato de ter um chefe no topo da pirâmide e uma hierarquia entre o topo e a base. Tudo se move graças aos favores, aos parentescos e às recomendações. O Sul da Itália é o primeiro exemplo de *Gemeinschaft* que me vem à cabeça.

Vista deste jeito, a *Gemeinschaft* parece uma sociedade de tipo mafioso da qual é melhor ficar o mais longe possível. Vamos examiná-la, porém, com espírito epicurista tentando tirar dela uma moral: quem vive numa comunidade baseada na amizade percebe sem demora que, se quiser sobreviver, terá de arrumar o maior número possível de amigos, e isto torna-o mais sociável e disponível em relação aos seus similares; o cidadão da *Gesellschaft*, por sua vez, evitará os contatos com os outros para logo tornar-se um indivíduo extremamente civilizado e “distante”. Não podemos esquecer, além do mais, que até Platão fazia nascer o Amor, no seu *Simpósio*, da pobreza e da arte de dar um jeito.

Na ética epicurista procura-se sempre alcançar emoções medianas: uma boa comida mas sem exageros, uma relação amorosa mas dentro dos devidos limites. Segundo Epicuro: “Sossego em demasia é indolência e atividade exagerada é demência.”²¹² Pois bem, a amizade é justamente um sentimento mediano, no meio do caminho entre a indiferença e o amor.

Para Epicuro, os desejos podiam ser de três tipos: *naturais e necessários*, *naturais e não necessários*, *não naturais e não necessários*.²¹³

Os prazeres naturais e necessários são aqueles que garantem a vida: comer, beber, dormir e agasalhar-se quando faz frio. Fique bem claro, no entanto, que estamos falando em comer o necessário para viver, em beber para matar a sede e em vestir roupas apropriadas para a estação. Em Nápoles, por exemplo, um casaco de vison já não seria uma coisa muito aceitável.

Os prazeres naturais não necessários são aqueles que, embora agradáveis aos sentidos, representam o supérfluo: como, por exemplo, comer melhor, beber melhor e assim por diante. Um bom prato de espaguete à *carbonara* é sem dúvida alguma um prazer natural mas não necessário. Se pudermos consegui-lo sem muito esforço, tudo bem, mas se for difícil demais, “obrigado mesmo assim e adeus”. E o mesmo vale no campo da arte e dos bons sentimentos. Sentencia Epicuro: “Que sejam honrados o belo e a virtude, e qualquer outra coisa parecida, desde que sejam motivo de prazer. Do contrário, tanto faz esquecer.”²¹⁴

Os desejos não naturais e não necessários são aqueles que são induzidos pela opinião. Vamos examinar o caso de um Rolex de ouro: trata-se certamente de um bem não necessário. Se gostamos de tê-lo é porque todos consideram-no um objeto valioso. Se de fato sentíssemos um verdadeiro prazer ao admirá-lo, também deveríamos sentir entusiasmo por um Rolex falsificado. Hoje em dia a humanidade está mais interessada na grife do que na qualidade do produto, e temos de admitir que a grife não é nem natural nem necessária.

E como é que tudo isso fica em relação ao sexo? Quanto a natural, ninguém duvida da sua naturalidade, mas será que ele também é necessário? Quer dizer, necessário além do fato da procriação? Epicuro demonstra algumas dúvidas a respeito do assunto: “Se tu fores indulgente com os prazeres de Vênus, mas não violares as leis e os bons costumes, nem prejudicares o teu corpo emagrecendo, nem fores à falência, faz então o que bem quiseses, mas saiba que é extremamente difícil evitar todos esses inconvenientes. Com Vênus, já é muito se tu conseguires não sair perdendo!”²¹⁵

Em resumo, a regra da ética epicurista é bastante simples: os prazeres naturais e necessários precisam ser satisfeitos sempre, pois, do contrário, a própria sobrevivência estará em perigo; os não naturais e não necessários nunca, pois são motivo de competição; os intermediários, somente depois de responder a esta pergunta: “É algo que me convém ou não?”²¹⁶

Para sintetizar o que acabamos de dizer, eis aqui umas regras de ouro de Epicuro (uma espécie de manual daquilo que fica bem ou mal no Jardim):

- Se quiseses enriquecer, ó Pítocles, não aumentes tuas posses, mas sim limita os teus desejos.²¹⁷
- É bom ter muita consideração pela frugalidade, não porque precisemos viver continuamente entre privações, mas sim para sermos menos preocupados.²¹⁸

- Livremo-nos dos grilhões dos negócios e da política.²¹⁹
- É melhor dormir sem receio num leito de folhas do que inquieto numa cama dourada.²²⁰
- Nenhum prazer é um mal em si, mas podem ser um mal os meios para consegui-lo, quando provocam mais perturbação do que alegria.²²¹
- Não estraga o bem que tens com o desejo daquele que não tens.²²²

No que diz respeito ao prazer, Epicuro costumava dizer: “A finalidade da vida é o prazer, mas não o prazer dos devassos e dos crápulas, como acreditam uns ignorantes que não nos querem entender, mas sim o não sofrer no que tem a ver com o corpo, e o viver sem perturbações no que concerne à alma.”²²³ Podemos concluir que estar apaixonado, uma vez que a coisa é motivo de perturbação da alma, já não é um prazer, mas sim uma espécie de neurose.

Por outro lado, para deixar bem claro o que vem a ser o prazer, basta prestar atenção nas mensagens do nosso corpo: “A carne grita: não quero sofrer a fome, não quero sofrer a sede, não quero sofrer o frio. Quem achar que já alcançou estas metas, pode considerar-se igual a Zeus quanto à felicidade.”²²⁴

Tudo isto é muito sábio; o problema começa quando se tenta botar estas ideias na cabeça de um adolescente que quer de qualquer maneira uma motoquinha.

“Por que ter medo da morte?”, observa o filósofo. “Quando estamos presentes, a morte está ausente, e quando a morte está presente, nós não estamos.”²²⁵ Pois é, mas não posso deixar de pensar naqueles que ficam, naqueles que sobrevivem aos entes queridos e que sofrem e se desesperam. Mas a Epicuro isso não interessa: como sempre, ele quer nos livrar de qualquer preocupação, presente ou futura, até mesmo do receio da morte. Na prática, é como se dissesse: “Para que se preocupar com a morte? Não há coisa alguma que tu possas fazer a respeito, e então procura viver da melhor forma possível e esquece o assunto: muitas vezes o medo da morte é mais doloroso do que a própria morte.”²²⁶ Ânimo, então, não pensemos nisso e cantemos todos juntos:²²⁷

*Estou avisando, ó Morte,
Que contra tuas insídias estou precavido,
E quando o momento chegar,
Cuspindo com vontade na vida
E nos que a ela se agarram,*

Partirei cantando

Um peão pelos dias que vivi!

Para resolver qualquer problema que venha a nos afligir, Epicuro tem um remédio pronto: o *quadrifármaco*:

- Não teme os Deuses.
- Não teme a morte.
- Saiba que o prazer está ao alcance de todos.
- Saiba que a dor, quando dura, é suportável, e quando é intensa tem curta duração; e não esquece que “o sábio sabe ser feliz mesmo na aflição!”.²²⁸

A física

A física de Epicuro não apresenta características de originalidade a ponto de torná-la inconfundível: nela, o filósofo segue as pegadas dos atomistas, e acaba esboçando um Universo que é quase uma cópia do Universo de Demócrito. Dito isto, vamos salientar os seus aspectos principais.

- Nada nasce do Nada. O Universo é infinito e é formado pelos *corpos* e pelo *vazio*.²²⁹
- A existência dos *corpos* é comprovada pelos sentidos.
- A existência do *vazio* é comprovada pelo movimento: se não houvesse o *vazio*, os *corpos* não teriam para onde ir quando se movimentam.
- O *vazio* não é um “não ser” que não existe, mas sim um “ser”, apesar de impalpável.
- Os corpos podem ser *compostos* e *simples*: estes últimos são os *átomos* e, como o próprio nome indica, não são divisíveis.²³⁰

Demócrito tinha dito que, “no começo”, todos os átomos caíam de cima para baixo, como chuva, até que certo dia o choque entre dois deles provocou toda uma série de outros choques, de ricochetes e de aglutinações que acabaram originando o mundo e os corpos compostos. A teoria, no entanto, deixava espaço para uma crítica óbvia: se as trajetórias dos átomos eram todas paralelas, como foi possível que os átomos acabassem se chocando? No máximo poderiam ter formado uma espécie de engavetamento.

Diante disto, Epicuro, com a maior desfaçatez, responde: “Durante a sua

queda os átomos desviaram-se levemente e entraram em choque uns com os outros.”²³¹ “E por que sofreram este pequeno desvio?”, podemos então perguntar. Ele não responde. Resumindo: na verdade, este desvio, também conhecido como teoria do *clinamen*,²³² não passa de um tapa-buraco que não convence ninguém. Percebemos, no entanto, que para Epicuro devia ser uma coisa muito importante: por um lado permitia-lhe salvar *in extremis* a explicação materialista do Universo, e por outro introduzia o conceito do “livre-arbítrio”, isto é, a possibilidade de afastar-se de uma visão do mundo demasiado mecânica e fatalista. A partir deste momento, então, nada mais de Zeus, Demiurgos e Motores Imóveis diante dos quais prostrar-se, e tampouco Fado e Necessidade com seus destinos já escritos. O mais engraçado é que Epicuro, depois de tanto esforço para livrar-se do transcendente, de uma hora para a outra afirma a existência dos Deuses! Parece incrível, mas é isto mesmo: só acrescenta que vivem por conta deles e que não se importam conosco.²³³

Agora, eu gostaria de saber o seguinte: que necessidade havia de chamar à cena os Deuses num Universo tão certinho e explicado como o de Demócrito? A única hipótese possível é de que ele foi forçado a admitir isso para continuar a viver em paz e evitar as costumeiras acusações de impiedade. Parece que, indagado a respeito, respondeu: “Meus caros amigos, se por todos os cantos da Terra as pessoas acreditam nos Deuses, o que esperais que eu diga? Que eles não existem? Claro que devem existir! O que importa, no entanto, é não imaginá-los do jeito que o povo os imagina.”²³⁴

Vamos ver, então, como o Universo formou-se na visão de Epicuro: os átomos, movendo-se ao acaso com altíssima velocidade, tinham acabado aglomerando-se em vários lugares e criando infinitos mundos, separados uns dos outros por imensos espaços chamados de *intermundos*.²³⁵ Em cada uma dessas aglutações, os átomos mais pesados haviam ficado no centro, gerando a Terra, e os mais leves haviam sido expulsos para fora, originando o céu. Alguns átomos pesados, finalmente, haviam-se transformado em água devido à pressão excessiva.

Num mundo como este, a alma também só podia ser formada por átomos. Trata-se, obviamente, de átomos da melhor qualidade: *ígneos*, *aeriformes* e *ventosos* para a alma irracional, e *extremamente sutis* para a racional.²³⁶ Na verdade, no que diz respeito a esta última definição, Epicuro parece-nos um tanto desprovido de adjetivos: é claro que não sabe

descrever a impalpabilidade e dá um jeito falando de *extrema sutileza*. Nem é preciso dizer que, sendo material, a alma é mortal e desaparece juntamente com o corpo.²³⁷ Dante Alighieri não se esquece disto e castiga Epicuro colocando-o no círculo dos hereges:²³⁸

*Seu cemitério por aqui têm
Epicuro e seus seguidores
Que morta com o corpo a alma creem.*

Para concluir, mais umas poucas palavras sobre as sensações: os corpos emanam imagens ou *simulacros* (*eídola*) que depois de vaguear pelo espaço impressionam os nossos sentidos e o nosso pensamento:²³⁹ mais ou menos como as ondas da televisão que voam pelo espaço para levar os simulacros dos seus ídolos ao respeitável público telespectador.

Os do Jardim

O epicurismo teve uma ampla difusão no mundo grego e latino: durante mais ou menos cinco séculos espalhou-se por toda parte. Surgiram jardins epicuristas na Grécia, na Ásia Menor, no Egito e obviamente na Itália. Entre os discípulos gregos vamos lembrar: Metrodoro e Polieno de Lâmpsaco, que morreram antes de Epicuro, e também Ermarco de Mitilene, seu sucessor no comando da escola, e finalmente os demais: Leonteu com a mulher Temista, Colotes, Idomeneu, Dionísio, Protarco, Polístrato, Basílides, Apolodoro, conhecido como o tirano do Jardim, Hipóclides, Zeno de Sídón etc.

Entre os mais fervorosos seguidores de Epicuro, não podemos esquecer um certo Diógenes de Enoanda, um rico cavalheiro do século II d.C., que escolheu um jeito realmente incomum para transmitir os ensinamentos do mestre: comprou uma colina perto da sua aldeia e construiu um pórtico retangular na esplanada em cima do aclave. Em seguida mandou esculpir na fachada da construção uma escrita com mais de cem metros que resumia o pensamento de Epicuro. Quer dizer, não apenas um livro, mas sim um monumento inteiro para difundir as novas ideias. A maxiepígrafe começava mais ou menos assim:

ESTOU NO OCASO DA MINHA VIDA E NÃO QUERO PARTIR SEM ANTES ELEVAR UM HINO A EPICURO PELA FELICIDADE QUE ME PROPORCIONOU COM O SEU ENSINAMENTO. DESEJO TRANSMITIR À POSTERIDADE ESTE CONCEITO: AS VÁRIAS DIVISÕES DA TERRA DÃO A CADA POVO UMA PÁTRIA DIFERENTE. MAS O MUNDO

HABITADO OFERECE A TODOS OS HOMENS CAPAZES DE AMIZADE UMA ÚNICA CASA COMUM: A TERRA.

Esta inscrição foi descoberta por acaso em 1884 por dois arqueólogos franceses e representa a mais bela mensagem internacionalista que nos foi legada pelo mundo antigo.

Entre os epicuristas gregos do século I a.C. queremos lembrar Filodemo de Gádara que, a meu ver, representa a ligação ideal entre o epicurismo e a napoletanidade. O filósofo fundou uma filial do Jardim em Herculano, a uns poucos quilômetros de Nápoles, e até hoje continuam a ser desenterrados papiros com suas máximas na mansão de Calpúrnio Piso. Filodemo escrevia e ensinava em grego, e, portanto, só podia ser compreendido por um pequeno grupo de intelectuais. Eis aqui, a seguir, dois dos seus textos mais significativos:

“O que é mais destrutivo para a amizade na Terra? O ofício da política. Reparem só na inveja dos políticos por todos aqueles que querem sobressair, na rivalidade que fatalmente nasce entre os competidores, na luta pela conquista do poder e na proposital instauração de guerras que transtornam não somente indivíduos como também povos inteiros.”²⁴⁰

“Os filósofos da nossa escola têm para a justiça, a beleza, a bondade e as virtudes em geral a mesma inclinação de quaisquer outros homens, mas, ao contrário do que acontece com eles, os nossos ideais não se baseiam em razões emocionais, mas sim em razões ponderadas.”²⁴¹

A primeira tentativa de difundir o epicurismo em Roma foi um lamentável fracasso: em 155 a.C., chegaram da Grécia dois seguidores do Jardim, tais Alceu e Filisco, e foram sumariamente escoraçados logo que tentaram dizer alguma coisa.²⁴² Não devemos ficar surpresos com isto: naquela época os antigos romanos eram quase todos saudáveis e vigorosos rapazes um tanto brutos, sem, portanto, o necessário traquejo cultural para apreciar as sutilezas da filosofia grega. Explicar a um *cives romanus* do século II a.C. o que era o ser, era o mesmo que tentar botar na cabeça de Rambo o que é o Zen.

De tanto insistir, contudo, o epicurismo acabou criando raízes também na Itália: por volta de 50 a.C., alguns estudiosos com nomes bastante estranhos, Amafinio, Rabírio, Cázio e Safeio, traduziram as máximas epicuristas em língua latina e conseguiram um grande sucesso editorial.

Juntaram-se então a eles, com a fascinação dos seus versos, os poetas Lucrécio e Horácio. Este último, nas *Epístolas*, confessou candidamente ser um *Epicuri de grege porcus*, um porco do rebanho de Epicuro, contribuindo bastante para o equívoco do qual já falamos.²⁴³

Nenhum dos textos dos primeiros tradutores chegou até nós, mas sabemos através de Cícero que se tratava de verdadeiros bestsellers.²⁴⁴ “Quando saíram os livros de Amafínio”, escreve o grande orador, “as pessoas ficaram impressionadas. Eu, pessoalmente, sempre recusei-me a lê-los, pois uma vez que tinham invadido a Itália, percebi logo que não podiam ser obras de cultura.” Isto não chega a ser uma surpresa: muitos críticos continuam a pensar até hoje como Cícero. À pergunta “Você leu fulano?” respondem amiúde: “Não li e não gostei!” E afinal de contas, vamos tentar ficar no lugar deles: se forem pessoas realmente competentes, devem estar tão atarefadas que certamente não têm tempo para ler, e podem no máximo dar-se ao luxo de uma olhada rápida. É muito melhor, portanto, um juízo sumário, até mesmo de ouvir falar, do que o risco de perder tempo com algum lixo. Vez por outra, alguns deles admitem isso sem a menor vergonha. Certa vez, na Inglaterra, um crítico declarou: “Nunca leio um livro antes de dar a minha opinião, para não me deixar influenciar!”

Ainda bem que não se perdeu a obra-prima de Lucrécio, o *De rerum natura*; embora certamente deva ter corrido alguns riscos. O poema, com efeito, embora apreciado na época imperial, desapareceu da praça logo depois da conversão de Constantino ao Cristianismo, sinal de que não devia ser muito amado pelas altas esferas da nova religião. Só voltou a aparecer em 1417 graças a um humanista, Poggio Bracciolini, que encontrou um exemplar esquecido num pequeno mosteiro na Suíça. A importância do *De rerum natura* é enorme: é na prática a única obra que expõe de forma completa a teoria atomista de Epicuro. Alguém poderia perguntar se é possível explicar uma teoria científica em versos. É possível: basta usar como termos de comparação os inúmeros exemplos que a própria natureza oferece. Eis como Lucrécio explica o movimento dos átomos, até mesmo naqueles corpos que parecem estáticos: um rebanho, visto de longe, do cume de uma montanha, parece uma mancha branca imóvel, mas visto de perto, por sua vez, “vai pastando alegremente onde a grama é mais convidativa, reluzente de orvalho, e correm soltos os carneiros entre

tranquilas brincadeiras”.²⁴⁵ Bom, o seu estilo fica muito mais cativante em latim: nem dá para comparar entre “visto de longe parece uma maranha confusa” e “*longe confusa videntur*”, tão mais sucinto e eficaz; seja como for, tanto faz em português ou latim, é sempre agradável ver a poesia e a filosofia andando de braços dados como duas velhas companheiras de escola.

Às vezes Lucrécio deixa-nos um tanto perplexos. Eis aqui como começa o segundo livro do *De rerum natura*:

*Que lindo ver de longe o embate dos ventos no mar
E a sombria vastidão das águas perturbadas...*

Você fica pensando: “Que imagem bonita, quanta sensibilidade poética!” Mas aí lê logo a seguir:

*... ver da costa o naufrágio distante
e alegrar-se com a alheia desgraça.*

Então é isto? Um naufrágio é um espetáculo bonito?! Não, Lucrécio não é sádico. Só diz isto para nos lembrar que na vida sempre devemos ter em mente aqueles que estão pior do que nós, pois só assim saberemos dar o justo valor aos bens que já temos. E, na época dele, as atrocidades estavam diante dos olhos de todos a qualquer hora: basta lembrar a guerra civil e a revolta comandada por Espártaco, com o espetáculo final dos seis mil escravos crucificados ao longo da via Ápia.

Apesar da sua sabedoria e prudência, Lucrécio acabou tendo um fim trágico: uma mulher maldosa, *improba foemina*, induziu-o a tomar uma poção do amor e ele, louco de ciúme, matou-se com apenas 44 anos jogando-se em cima de uma espada. Epicuro nunca iria aceitar uma coisa dessas.

¹⁸⁹ Estobeu, *Antologia*, XVII, 34.

¹⁹⁰ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, X, 11.

¹⁹¹ Ibid., X, 1.

¹⁹² *Su(i)da* (que não é o nome de um historiador, mas sim uma espécie de enciclopédia do século X), verbete “Epicuro”.

¹⁹³ Sexto Empírico, *Adversus mathematicos*, X, 18.

¹⁹⁴ “Teve a oportunidade de ouvir Xenócrates”: Cícero, *De natura deorum*, I, 26, 72.

¹⁹⁵ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, X, 8.

- 196 Cícero, *De natura deorum*, I, 26, 72.
- 197 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, X, 9.
- 198 Ibid., X, 7.
- 199 Benjamin Farrington, *Che cosa ha veramente detto Epicuro*, trad. it. Ubaldini, Roma, 1967, p. 21.
- 200 Ateneu, *Deipnosophistas*, VII, 279 f (veja fr. 56 Wach).
- 201 Todas estas balelas são relatadas por Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, X, 3-7.
- 202 Plutarco, *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum*, 1089 c.
- 203 Jacob Burckhardt, *Storia della civiltà greca*, cit., vol. II, p. 928.
- 204 Platão, *Leis*, VI, 777-778.
- 205 Cícero, *De finibus*, II, 30, 96.
- 206 Ermipo, fr. 40 Müller.
- 207 Plutarco, *De latenter vivendo*, 3, 1128 f e seguintes (veja fr. 551 Usener).
- 208 Epicuro, *Máximas capitais*, XXVII.
- 209 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, LII.
- 210 Ibid., XXIII.
- 211 F. Tönnies, *Gemeinschaft und Gesellschaft*, trad. it. Edizioni di Comunità, Milão, 1963.
- 212 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, XI.
- 213 Epicuro, *Máximas capitais*, XXIX.
- 214 Ateneu, *Deipnosophistas*, XII, p. 546F.
- 215 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, LI.
- 216 Ibid., LXXI.
- 217 Estobeu, *Antologia*, XVII, 24.
- 218 Ibid., XVII, 14.
- 219 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, LVIII.
- 220 Estobeu, *Antologia*, V, 28.
- 221 Epicuro, *Máximas capitais*, VIII.
- 222 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, XXXV.
- 223 Epicuro, *Epístola a Meneceu*, 131.
- 224 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, XXXIII.
- 225 Epicuro, *Epístola a Meneceu*, 125.
- 226 Ibid.
- 227 Epicuro, *Sentenças vaticanas*, XLVII.
- 228 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, x, 118 (veja também fr. 601 Usener).
- 229 A física de Epicuro é enunciada na *Epístola a Heródoto*.
- 230 Átomo, em grego, significa “não divisível”: é uma palavra formada pelo verbo *temnein*, que quer dizer “cortar”, e por um *alfa* privativo.
- 231 Cícero, *De finibus*, I, 6, 18 (veja também fr. 281 Usener).
- 232 O termo *clinamen* foi cunhado pelo poeta latino Lucrécio, do qual falaremos daqui a pouco.
- 233 Cícero, *De natura deorum*, I, 19, 51 (veja também fr. 352 Usener).
- 234 Epicuro, *Epístola a Meneceu*, 123.
- 235 Plutarco, *Placita philosophorum*, I, 4 (veja também fr. 308 Usener).
- 236 Epicuro, *Epístola a Heródoto*, 63.
- 237 Ibid., 46.
- 238 Dante Alighieri, *Inferno*, X, 13-15.
- 239 Epicuro, *Epístola a Heródoto*, 46.
- 240 B. Farrington, *Che cosa ha veramente detto Epicuro*, cit., 158-159.
- 241 Ibid., 254-255.
- 242 Eliano, *Varia historia*, IX, 12.

- 243 Horácio, *Epístolas*, I, IV, v. 17.
244 Cícero, *Tusculanae*, IV, 3, 6-7.
245 Lucrécio, *De rerum natura*, II, 318.

IX

OS ESTOICOS

“Dedicado leitor que me acompanhou até aqui com paciência e confiança, saiba que bem no fundo da alma, prescindido da sua raça, do seu sexo e do signo astrológico ao qual dá tanta importância, você é estoico ou então epicurista. Continue lendo e saberá!”

Ninguém jamais escreveu um prefácio como este, mas bem que ele poderia servir de introdução a qualquer história da filosofia devido às muitas e fundamentais diferenças que caracterizam os seguidores das duas escolas.

Para se entender direito o estoicismo é preciso compará-lo continuamente com o epicurismo, quase como se uma doutrina estivesse em contraposição à outra. O mais incrível é que ambas as escolas tinham como meta alcançar o mesmo objetivo: *viver com sabedoria*. A única diferença era que para os epicuristas esta sabedoria identificava-se com o *prazer* e para os estoicos com o *dever*. Só isto.

Precisamos, de qualquer maneira, deixar desde logo uma coisa bem clara: enquanto os ensinamentos de Epicuro ficaram inalterados pelos séculos afora, os estoicos modificaram-se a tal ponto que fica difícil comparar os primeiros representantes da escola, os do século III a.C., com os últimos estoicos romanos dos séculos I e II d.C. Podemos então distinguir três períodos:

- Os estoicos antigos: Zenão, Cleantes e Crisipo.
- Os estoicos medianos: Panécio e Posidônio.
- Os neoestoicos, ou estoicos romanos: Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

O estoicismo antigo: Zenão, Cleantes e Crisipo

O primeiro estoico da nossa história chamava-se Zenão: nasceu em 333 ou 332 a.C. na aldeia de Cízio, na ilha de Chipre, e era de raça semita. Pelo que nos conta Diógenes Laércio, não devia ser lá muito bonito: magro, de

pescoço meio torto, pernas grossas, tez pardacenta, tinha tudo para não sentir gratidão pela natureza e detestar o convívio social. O pai, Mnaseia, tinha um negócio de importação-exportação entre as costas da Ásia e as da Grécia e toda vez que ia para Atenas procurava comprar algum livro de filosofia para o filho. Parece, além disso, que ainda jovem, Zenão perguntou ao oráculo: “Para onde devo ir?” e que a divindade respondeu “Ao cemitério!”. Pois bem, mesmo não aceitando a ideia de um oráculo mandá-lo se matar, ao que tudo indica o rapaz interpretou-o como um convite para ler os filósofos mortos, isto é, os clássicos. Teve como mestres os platônicos Xenócrates e Pólemon e o socrático Estílpon, mas quem realmente o marcou foi o cínico Crates. Vale obviamente a pena contar o encontro entre os dois.²⁴⁶

Zenão acabava de desembarcar em Atenas depois de um naufrágio. Tinha uma carga de púrpura da Fenícia e o seu navio encalhara perto do Pireu. Naquele dia o filósofo devia sentir-se um fracassado: não gostava do ofício do pai, já estava com trinta anos e achava-se merecedor de uma vida totalmente diferente. Cansado moral e fisicamente, foi buscar um pouco de paz numa livraria onde começou a folhear os *Comentários* de Xenofonte. Ficou logo fascinado pela figura de Sócrates. Continuou lendo cada vez mais afoito até que, em certa altura, não se conteve e exclamou: “Como gostaria de conhecer um homem como este!” E o livreiro, apontando para um sujeito que naquela hora ia passando diante da loja, disse: “Siga aquele ali.” Era Crates.

Para ser um bom cínico é preciso ser um tremendo cara de pau, e Zenão era certinho demais para se dar bem. Crates tentou em vão convencê-lo a ficar mais independente do julgamento dos outros. Certo dia, entregou-lhe uma panela cheia de lentilhas e pediu que a carregasse pela rua dos oleiros. Zenão esquivou-se. O “fenício” (era assim que Crates o chamava) recusou dizendo que aquilo era coisa de escravo, e não de um filósofo; diante disto, Crates arrebentou a vasilha com uma bordoadas espalhando as lentilhas nas vestes do discípulo.

O encontro com Crates foi de qualquer maneira determinante. Ao lembrar aquele dia, Zenão costumava dizer: “Tive uma péssima travessia por mar e um ótimo naufrágio.” Depois de estudar com Crates e com outros por alguns anos decidiu tornar-se independente e começou a dar aulas na esplanada do Pórtico Pintado do Polígnoto, a mesma onde alguns anos antes os Trinta Tiranos haviam mandado executar mil e quatrocentos

atenienses. Ora, uma vez que pórtico, em grego, é chamado de *stoá*, a partir de então os seus alunos foram chamados de estoicos ou, se preferirem, “Aqueles do Pórtico”.

Não podemos esquecer a conduta moral séria e irrepreensível de Zenão: evitava até os namoros com os efebos! Uma ou duas prostitutas no máximo, durante a vida inteira, só para ter certeza da sua normalidade. Certa noite em que uma linda tocadora de flauta apresentou-se nua no seu quarto, desviou-a amavelmente para a cama do mais jovem dos seus discípulos, um certo Perseu. Era, na verdade, um homem sisudo, desconfiado e tacanho. Pode ser até que tenha evitado a linda hetera por medo de ter de pagar.

Seja como for, os atenienses tinham tamanha admiração por ele que chegaram a entregar-lhe as chaves da cidade, cingir a sua cabeça com uma coroa de ouro e erguer em sua homenagem uma estátua de bronze depois da sua morte. Também foi muito estimado pelo rei Antígono da Macedônia que, toda vez que ia a Atenas, nunca deixava de assistir às suas aulas. Antígono e Zenão mantiveram uma volumosa correspondência: o rei convidava-o a ficar no palácio e o filósofo recusava com a desculpa de estar velho demais. Na verdade, Zenão detestava as festas, a vida social e qualquer tipo de reunião. Nos banquetes costumava ficar na ponta da mesa, pois dizia: “Assim, pelo menos de um lado, fico sozinho.”

Como muitos filósofos, cultivava o prazer da resposta mordaz. Certa vez surpreendeu um escravo que estava roubando. Desnudou-lhe as costas e começou a surrá-lo. Enquanto isto o pobre coitado implorava dizendo:

– Não foi minha culpa, patrão, estava escrito nas estrelas que eu iria roubar!

– Eu sei, eu sei – respondeu Zenão –, mas também estava escrito que eu iria puni-lo dando-lhe uma surra.

Outra vez, a um aluno que não parava de falar, disse:

– Temos dois ouvidos e uma só boca, justamente porque devemos ouvir muito mais do que falar.

Morreu com setenta e dois anos, sem nunca ter ficado doente na vida, devido a uma simples queda na saída da escola: tropeçou na escadaria do Pórtico. Enquanto caía, ainda teve tempo de dizer: “Já estou indo, uma vez que está a me chamar”, e expirou.

Teve inúmeros discípulos. O cômico Filêmon, ao mencionar Zenão, comentava: “Que filosofia mais estranha essa, com um mestre pregando o padecimento da fome e um grupo de alunos que o ouvem extasiados.

Como esfomeado, eu sou autodidata!”²⁴⁷ Entre os discípulos, podemos lembrar o já mencionado Perseu, ele também de Chipre, Aríston dito “Sereia”, inventor da “teoria da indiferença”, Erilo de Calcedônia, Dionísio o Renegado, e os escolarcas Cleantes e Crisipo, seus sucessores.

Cleantes de Axos, filho de Fania, nascido em 331 a.C., era pugilista, profissão insólita para um filósofo do qual se esperaria uma atitude um tanto mais isenta.²⁴⁸ Acontece que era muito pobre e, de alguma forma, tinha de arrumar o pão de cada dia. Entre os seus muitos afazeres, à noite saía para pegar água nos poços e levá-la aos padeiros. Cleantes era pobre, mas tão pobre que, certo dia, durante um desfile desportivo, uma rajada de vento levantou a sua capa e todos puderam ver que estava nu, não possuindo nem mesmo uma túnica. Episódios como este só podiam fazer com que a sua popularidade junto dos atenienses aumentasse. Quanto a ele, por sua vez, costumava repreender a si mesmo. A quem perguntava com quem estava falando respondia: “Estou brigando com um velho cabeçudo com muitos cabelos brancos mas pouco cérebro.”

Tornou-se escolarca por volta de 262 a.C., depois da morte de Zenão, quando já estava com quase setenta anos. Morreu muito velho, quase centenário. Diógenes Laércio conta que, devido a uma inflamação nas gengivas, os médicos lhe haviam aconselhado jejuar por dois dias. Depois deste prazo decidiu não voltar a comer: “Fico-lhes muito grato por isto”, declarou, “passei tão bem nestes dois dias que decidi continuar.”

Crisipo, filho de Apolônio, ele também asiático, tinha nascido em Sôli em 281 a.C.²⁴⁹ Chegou a Atenas como maratonista a fim de participar de umas competições e acabou ficando como discípulo, primeiro de Zenão e depois de Cleantes. Tinha uma inteligência muito brilhante e aprendia as coisas rapidamente. Quando falava de filosofia com Cleantes costumava dizer: “Dê-me os princípios, que das demonstrações eu mesmo cuido.” Brigava com Cleantes o tempo todo para logo a seguir arrepender-se. “Tive muita sorte em tudo na vida”, suspirava, “a não ser com o meu mestre!” Escreveu setecentos e cinco livros apinhados de citações. Apolodoro, o “tirano do Jardim”, desprezava-os dizendo: “Se tirarmos as citações, nas obras de Crisipo só fica a pontuação.” Sucedeu a Cleantes em 232. Era um dialético formidável: levou às extremas consequências a técnica do silogismo. Aqui está um exemplo:

*Estás com aquilo que não perdeste,
Não perdeste os chifres,
Estás com chifres.*

Morreu com setenta e três anos de idade ao não conseguir conter as gargalhadas: certo dia, um burro que tinha no estábulo comeu uma cesta de figos, e então ele mandou servir-lhe também um balde de vinho. Quando viu o burro andar trôpego pelo quintal riu tanto que acabou tendo um colapso.

Os estoicos gostavam de dizer que a filosofia podia ser comparada a um pomar, onde o muro em volta era a lógica, as árvores, a física e os frutos, a ética. No intuito de averiguar esta afirmação, vamos ver então se, dentro dos limites da lógica e galgando os galhos da física, podemos realmente chegar a saborear os frutos da ética.

A física

Para Zeno, assim como para Epicuro, o mundo inteiro é feito de matéria, inclusive Deus e a alma. A matéria que forma Deus é obviamente coisa muito fina, um fogo eterno, e a da alma, um sopro quente não melhor identificado (*pneúma*). A diferença fundamental entre as duas cosmologias está no fato de o Deus estoico não ser *externo* ao universo, mas sim *coincidir* com ele. “Os discípulos de Zeno concordam em afirmar que Deus penetra toda a realidade e que ora é inteligência, ora alma e ora natureza.”²⁵⁰ Os estoicos são portanto os primeiros *verdadeiros panteístas* da história do pensamento ocidental.

A consequência mais imediata desta forma de pensar é a recusa do Acaso, tão caro a Epicuro, e a crença numa Natureza inteligente que *sabe onde quer chegar*. Nada existe nela de casual: alguns animais vivem para ser comidos, outros para nos dar exemplos de coragem. Até mesmo os percevejos têm sua utilidade: acordam-nos de manhã bem cedo evitando que fiquemos demais na cama. Em cada aspecto da natureza há uma força que tende para o Bem. Zeno chama esta força animadora de *logos spermatikós*.²⁵¹ Cuidado, no entanto, para não confundir o *logos* de Zeno com o de Heráclito ou com o *Nous* de Anaxágoras: aqui não se trata de uma Mente que só cuida da própria vida, mas sim de um verdadeiro impulso para agir. Como se o *logos* pudesse dizer aos homens: “Vamos

arregaçar as mangas, rapazes! A partir de agora o seu lema vai passar de ‘o ser é’ para ‘o *ser deve ser*’, e quem não obedecer, pior para ele.” Parece até que Zeno foi o inventor da palavra grega *kathékon* que quer dizer “dever”.

Para os estoicos há dois princípios: o *passivo* e o *ativo*, o que sofre a ação e o que age. O que sofre é a matéria desprovida de qualidade, o que age é Deus ou, se acharem melhor, a razão que penetra a matéria.

No começo dos tempos só havia Deus que, sendo um fogo eterno, sempre foi e sempre será; em seguida apareceram paulatinamente o ar, a água e a terra. Devido à “comistura total dos corpos”, em cada fase Deus juntou-se aos outros elementos. Esta perfeita união de Deus com a matéria torna-se possível graças à infinita divisibilidade dos corpos. Tudo chegará ao fim, algum dia, com uma imensa explosão, a não ser Deus que dará início a mais um ciclo.²⁵²

Como podemos ver facilmente, não há uma coisa sequer que seja ao mesmo tempo do agrado de Epicuro e de Zeno. Para o primeiro a matéria não é infinitamente divisível, para o segundo é. Um é seguidor de Demócrito, o outro, de Heráclito. Um diz que tudo é casual e o outro acredita num projeto que tende para um fim. Os epicuristas falam de *infinitos mundos*, os estoicos, de *um mundo só e finito*. Os primeiros aceitam a ideia do vazio, os segundos a rejeitam. Zeus está fora, não Zeus está dentro. Até parece que o pensamento estoico surgiu de propósito para ser uma pedra no sapato de Epicuro.

Mais estranho ainda é ver como uma filosofia nascida materialista pôde transformar-se em certa altura num movimento religioso de grande conteúdo moral: no *Hino a Zeus* do estoico Cleantes encontramos vários pontos que lembram o cristão *Pai-nosso*. Eis como ele começa:

Ó glorioso acima de qualquer outro, ó máximo
Poder eterno, Deus dos muitos nomes,
Zeus, guia e senhor da natureza,
Tu que com a Lei reges o universo,
Salve.²⁵³

Mais adiante encontramos até um “A ti o admirável universo obedece, e da Tua ordem faz a vontade” que lembra bastante o nosso “Seja feita a Vossa vontade”.

A ética

“Entre o prazer e o sofrimento não há diferença, a única coisa que importa é a virtude.” Em poucas palavras, toda a ética de Zeno resume-se nisto. Mais ou menos o mesmo que dizer: entre uma dor de dentes e uma noite de amor com Kim Basinger, em teoria, eu deveria achar tudo a mesma coisa, ou pelo menos mal deveria reparar na diferença.

O Bem e o Mal só têm a ver com o espírito, enquanto todas as demais coisas concernem ao corpo e são *moralmente indiferentes*, seja as positivas (vida, saúde, beleza, riqueza etc.), seja as negativas (morte, doença, feiura e pobreza).

“Os seres dividem-se entre *bons*, *maus* e *indiferentes*. Os *bons* são: inteligência, comedimento, justiça, coragem e tudo aquilo que é virtude. Os *maus* são: estupidez, intemperança, injustiça, covardia e tudo aquilo que é vício. Os *indiferentes* são: a vida e a morte, a celebridade e o anonimato, a dor e o prazer, a riqueza e a pobreza, a saúde e a doença, e demais coisas do mesmo tipo.”²⁵⁴

No que diz respeito aos *indiferentes*, os estoicos, bondade deles, deixam-nos generosamente escolher entre valores *preferíveis* e *não preferíveis*. Um beijo, por exemplo, é preferível a uma bofetada, desde que não prejudique algum valor moral. O que realmente importa, afirma Zeno, é manter em qualquer situação a impassibilidade (*apátheia*), isto é, a isenção das paixões. “A paixão é uma coisa que nos afasta da razão e é contrária à natureza da alma.”²⁵⁵ Os verdadeiros bens são os bens morais, isto é, aqueles em harmonia com o *logos*.

Para os que talvez não se lembrem, o *logos* é a racionalidade inserida na natureza que tende a levar o universo a um nível de perfeição.

Entre as paixões, há quatro que são particularmente perigosas: o prazer, a dor, o desejo e o medo. Depois haveria mais setenta, mas levando-se em conta o caráter ameno deste texto, acho melhor não mencioná-las.

Como já haviam dito os primeiros cínicos, os homens dominados pelas paixões são *insensatos*. O Sábio, por sua vez, fica feliz em qualquer situação. O estoico afirma: “Você pode aprisionar-me, torturar-me, até matar-me, e daí? Acha que conseguiu alguma coisa? No máximo poderá tirar-me a vida, mas nunca poderá modificar a minha alma!”²⁵⁶ “Anito e Meleto podem matar-me, mas não ofender-me.”²⁵⁷ O Sábio, por não estar sujeito às necessidades, é justamente o único homem realmente rico, livre e dono absoluto de si mesmo.

O estoico não é virtuoso para praticar o bem, mas sim pratica o bem para

ser virtuoso. Quanto ao resto, é inflexível consigo e com os demais. Considera a misericórdia um defeito, uma fraqueza de mulheres. “A compaixão está na lista dos defeitos e dos vícios da alma: o misericordioso é um homem bobo e fátuo. O sábio não se comove em prol de seja quem for e a ninguém perdoa uma culpa cometida. Não é próprio do homem forte deixar-se vencer pelas súplicas permitindo que elas o desviem da justa severidade.”²⁵⁸

Em outras palavras, os estoicos, é melhor evitá-los. O problema é que há muitos deles andando por aí.

O estoicismo mediano: Panécio e Posidônio

Panécio nasceu em Rodes por volta de 185 a.C. Parece que ainda jovem foi sacerdote, ou ajudante, do deus Poseidon. Ao mudar-se para Atenas, frequentou várias escolas, entre as quais a Academia e o Perípatos, para então dedicar-se de corpo e alma ao estoicismo, tendo como mestre mais um Diógenes, desta vez o de Selúcia. Com quarenta anos de idade viajou para Roma e começou logo a circular no ambiente dos intelectuais apaixonados pela cultura grega. Então, graças à amizade do historiador Políbio, acabou ficando íntimo da casa de Cipião. Naquele tempo, era bastante comum encontrar um filósofo grego passeando ou dando conferências pelas ruas de Roma. Podia ser olhado com uma certa desconfiança por alguns conservadores, mas em compensação era paparicado pelos *radicais chiques* que competiam entre si para exibi-lo nas festas. Panécio e, alguns anos depois, Posidônio, foram os primeiros mensageiros do estoicismo grego no mundo latino.²⁵⁹

Depois de firmar-se na roda de Cipião Emiliano, Panécio viajou com ele para o Oriente e aproveitou a ocasião para comparar os ensinamentos de Zeno com as filosofias médio-orientais. De volta a Atenas, sucedeu a Antípatro no comando da escola estoica. Morreu com setenta e seis anos de idade. A não ser por uns poucos fragmentos, nada chegou até nós das suas obras.

Posidônio, como quase todos os estoicos importantes, também era asiático: nasceu em Apameia, na Síria, entre 140 e 130 a.C. Estudou em Atenas e foi discípulo de Panécio. Em 86 o governo de Rodes enviou-o a Roma como embaixador.

Entre os filósofos gregos, Posidônio é certamente aquele que mais viajou:

“Viu com seus próprios olhos o pôr do sol no Atlântico, além dos limites do mundo conhecido, e a costa africana onde as árvores estão cheias de macacos.”²⁶⁰ Era na prática um sabe-tudo: ensinava meteorologia, etnologia, astronomia, psicologia, física, história e, obviamente, filosofia. Fundou a sua escola em Rodes e muito em breve tornou-a tão famosa que muitos romanos iam completar seus estudos ali. Entre eles não faltaram vários figurões, como, por exemplo, Pompeu Magno e Cícero.

No dia da chegada de Pompeu, Posidônio estava passando muito mal: a artrite afligia-o com dores lancinantes; como bom estoico, no entanto, recebeu o hóspede com um sorriso nos lábios. “Nunca vou permitir”, disse, “que a dor física me impeça de conhecer um homem que enfrentou uma viagem tão longa para conhecer-me.” Pelo que nos conta Cícero, o encontro foi realmente memorável: Posidônio conversou demoradamente acerca do princípio da não existência do bem fora da virtude. A cada fígada particularmente dolorosa, exclamava: “Não irás levar a melhor, dor! Por mais aflitiva que sejas, não te darei a satisfação de considerar-te um mal!”²⁶¹ E a dor, com efeito, não levou a melhor: morreu quando já beirava os noventa anos.

Panécio e Posidônio, de mentalidade mais aberta graças aos inúmeros encontros e às muitas viagens e experiências, acabaram abrandando a intransigência dos primeiros estoicos e revalorizando a categoria dos *indiferentes*. Como já havia constatado anteriormente, Aristóteles na sua *Ética a Nicômaco*,²⁶² admitira que “a virtude, sozinha, não conseguia garantir uma boa existência, e que também era preciso ter boa saúde e algum dinheiro”.²⁶³

Quando visitou Roma, Panécio ficou muito impressionado com a moralidade do povo romano: acostumado com a ousada liberalidade dos costumes gregos, os hábitos de vida do *civis romanus* pareceram-lhe uma saudável volta “aos bons tempos de antigamente”. O romano daquela época, com efeito, ainda não havia sido contaminado pelas conquistas do Império e era marcado por muito senso prático: embora não conseguindo perceber certas sutilezas do pensamento grego, tinha um código de honra bastante parecido com os ensinamentos estoicos. Em termos, é claro, pois não concordava nem um pouco com a indiferença a respeito do prazer e da dor, mas não tinha a menor dúvida quanto ao dever: primeiro a pátria e a família e só então, na medida do possível, o interesse pessoal.

A inovação principal do estoicismo mediano foi a reavaliação de Deus. Chega de Zeus, Natureza e Fado todos empatados, pois agora se tratava de três entidades separadas: primeiro Zeus, depois a Natureza, e finalmente o Fado.²⁶⁴ Esta hierarquia iria permitir que o novo estoicismo se livrasse do rótulo materialista que o caracterizava no começo, para transformar-se numa verdadeira religião.

Os neoestoicos: Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio

O novo estoicismo é todo itálico. Os seus maiores representantes foram Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, todos eles moradores de Roma. Um fidalgo, um escravo e um imperador: o que demonstra que os estoicos não ligavam para as diferenças sociais.

Sêneca nasceu em Córdoba em 4 a.C. e mudou-se para Roma quando ainda era criança. Durante algum tempo também morou no Egito, onde permaneceu até 32 d.C. Teve como mestres o neopitagórico Sócion e o estoico Atalo. Para ter do que viver foi primeiro advogado e depois político, e foi justamente nesta segunda atividade que começaram os seus problemas.

A política, naquela época, era uma profissão perigosa, e isto nem tanto devido à loucura dos imperadores, como muitos costumam achar, quanto devido à ambição das suas mulheres: Lúvia, Agripina e Messalina eram três boas damas que tramavam sem parar, principalmente à noite, sugerindo os nomes dos políticos a serem degolados ou simplesmente afastados. Sêneca foi um exemplo clássico: já uma primeira vez, durante o império de Calígula, conseguiu a duras penas salvar-se espalhando o boato de que estava muito doente e a ponto de morrer; outra vez, já na época de Cláudio, teve de enfrentar um exílio de oito anos na Córsega devido a uma fofoca de Messalina que o acusava de ter tido relações íntimas com uma tia do imperador. Se no entanto Messalina era sua inimiga, Agripina tudo fazia para protegê-lo: depois que a primeira morreu, chamou-o de volta a Roma para encarregá-lo da educação do jovem Nero, então com doze anos.

Quando, em 54, Agripina envenenou Cláudio e colocou Nero no trono, Sêneca tornou-se de uma hora para outra o político mais importante do Império e tudo correu bem até que outra dama, Popeia, começou a hostilizá-lo. Naquela altura, enojado com o ambiente político, foi viver no campo. Este afastamento, no entanto, não o livrou dos jogos de poder

daqueles que haviam ficado em Roma: acusado injustamente de ter participado de uma conspiração, foi gentilmente convidado a matar-se. Quando o enviado de Nero veio anunciar-lhe o privilégio que lhe havia sido concedido não pensou duas vezes: ditou a um escravo uma carta de despedida aos romanos, deu um abraço na mulher, bebeu a cicuta cortando ao mesmo tempo as veias na banheira.²⁶⁵ Estava com setenta anos e a morte já não o amedrontava. Eis o que pensava a respeito: “Já conheço a morte há muito tempo: a morte é o não ser. Depois de mim acontecerá o que aconteceu antes de mim. Uma vez que não sofremos antes, tampouco iremos sofrer depois. Somos como uma lamparina que, ao apagar-se, não pode ficar pior do que quando ainda não havia sido acendida. Só neste breve intervalo estamos sujeitos à sensação da dor.”²⁶⁶

Sempre desconfiei de que Sêneca foi considerado estoico principalmente devido à maneira com que enfrentou a morte, pois, se considerarmos como viveu, não podemos deixar de reparar numa embaraçosa contradição entre pensamento e ação. Em outras palavras, Sêneca dizia uma coisa e fazia outra completamente diferente: enquanto com uma mão escrevia a um amigo: “Muitas vezes os ricos não valem mais do que a bolsa que usam para guardar o seu dinheiro quando saem por aí: mais que homens, eles são apenas acessórios”,²⁶⁷ com a outra mexia seus pauzinhos para acumular cada vez mais riquezas. Pelo que nos conta Tácito, certa vez foi até acusado de influenciar os moribundos no Palácio para que o nomeassem herdeiro nos testamentos.²⁶⁸ O seu próprio envolvimento constante com a política tinha muito pouco a ver com a *apátheia*, com a isenção das paixões. A única explicação possível seria pensar que se tornou filósofo só nos seus últimos anos de vida, quando decidiu afastar-se da arena.

Epicteto era o escravo de um escravo, no sentido que o seu amo Epafrodito era um liberto de Nero. Nasceu na Frígia por volta de 50 d.C. e, pelo pouco que sabemos, parece que foi levado como escravo para Roma quando ainda era menino. Não devemos ficar surpresos com o fato de ele gostar de filosofia, uma vez que naquele tempo muitos escravos a ela se dedicavam: a sua condição desesperada, num certo sentido, os predispunha a olhar para as vicissitudes humanas com uma certa impassibilidade. Só para mencionar alguns nomes, podemos lembrar: Pompilo, o escravo de Teofrasto, Mis, o de Epicuro, Diágoras, pelo qual Demócrito dispôs-se a pagar 10 mil dracmas, Perseu, o escravo de Zeno e mais alguns como Bión,

Menipo e Fédon.²⁶⁹ A propósito deste assunto, aliás, foi escrito um trabalho em dois volumes intitulado *Os escravos e a filosofia*.²⁷⁰

Muitas são as anedotas que circulam a respeito de Epicteto. Entre elas há uma certamente inventada, mas que gostamos de relatar porque dá uma ideia bem clara acerca do pensamento estoico.

Epafrodito, o amo, querendo puni-lo por um motivo qualquer, torce a sua perna.

– Se forçar mais, ela vai quebrar! – avisa o filósofo, mas o amo não lhe dá atenção.

– Se continuar, ela vai quebrar! – diz mais uma vez o pobre coitado.

A certa altura ouve-se um estalo.

– Eu bem que avisei que ela ia quebrar! – comenta Epicteto sem mudar o tom da voz.

Como já disse, esta história não deve passar de uma invenção, ainda mais porque o presumido torturador, Epafrodito, não só libertou-o, como também financiou os seus estudos. Provavelmente, o fato de o filósofo ser mesmo coxo pode ter sugerido a anedota.

O primeiro mestre de Epicteto foi um certo Caio Musônio Rufo, um fidalgo meio doido, de origem etrusca, pacifista que numa época em que os *cives romani* se orgulhavam acima de tudo da sua romanidade, circulava afirmando que todos os povos da Terra eram iguais: não era incomum que muitas vezes voltasse para casa cambaleando devido às pancadas recebidas na rua. Depois de conseguir a liberdade, Epicteto também dedicou-se às orações em público. Parece, contudo, que a sua atividade oratória deixou os romanos bastante indiferentes, ainda mais porque a capital do mundo, naquele momento, estava cheia de pregadores ambulantes que ninguém levava a sério. “Quereis filosofar?”, costumava dizer Epicteto. “Preparai-vos então a ser escarnecido. Sabei no entanto que aqueles mesmos que hoje estão rindo de vós, amanhã serão vossos admiradores.”²⁷¹ Longe disso, no entanto, em 89, o imperador Domiciano, em vez de admirá-lo, escorraçou-o junto com os demais filósofos e o pobre Epicteto acabou em Nicópolis, no Épiro, onde fundou a sua primeira escola estoica. Com o passar do tempo, o filósofo tornou-se tão famoso que até o imperador Adriano e o general romano Ário de Nicomédia foram visitá-lo. Este último, mais tarde, abandonou a carreira militar para tornar-se o seu discípulo predileto.

O encontro com Ário foi determinante: assim como Sócrates, Epicteto

não gostava de (ou não sabia) escrever, e se não fosse pelo general estenógrafo provavelmente nunca teriam chegado até nós os quatro livros das *Dissertationes* e o famoso *Manual* que muitos séculos mais tarde seria traduzido até pelo poeta Giacomo Leopardi.

O pensamento de Epicteto baseava-se fundamentalmente neste princípio: algumas coisas estão ao alcance do nosso poder, outras não. Dependem de nós: a opinião, a ação, o desejo, a repulsa. Não dependem de nós: o corpo, as riquezas e os cargos oficiais, sendo, portanto, inútil matar-se de cansaço por causa deles. Se você é pobre e está doente, não adianta se queixar: são coisas que estão fora do seu alcance.

Aqui estão mais algumas máximas significativas tiradas do seu *Manual*:

“Se te afeçoares a uma panela, embora sabendo que é de barro, não te queixes mais tarde quando ela se quebrar. Da mesma forma, quando beijas a tua mulher ou o teu filho, fica repetindo a ti mesmo: ‘Estou beijando um ser mortal’, para que mais tarde, se eles morrerem, tu não fiques perturbado.”²⁷²

“Quando estiveres nas termas públicas, não te queixes se alguém te borrifar. Tu sabes muito bem que nesses lugares sempre há quem grita, rouba ou empurra; e o mesmo acontece na vida.”²⁷³

“Nunca digas, de uma pessoa ou de uma coisa: ‘Perdi-a’, diga sempre: ‘Devolvi-a.’”²⁷⁴

“Lembra que nesta vida tu és um ator ao qual foi confiado um papel muito específico: procura desempenhá-lo a contento, sem levar em conta se é demorado ou efêmero, se é de maltrapilho ou magistrado, de enfermo ou de pessoa normal.”²⁷⁵

“Passar o tempo todo cuidando do corpo é sinal de índole muito fraca.”²⁷⁶

“Anito e Meleto podem matar-me mas nunca ofender-me.”²⁷⁷

Marco Aurélio começou a viver como estoico quando ainda tinha doze anos: decidiu que podia passar sem a cama e começou a dormir no chão. Nascido em Roma numa família nobre e rica, foi escolhido como futuro César pelo imperador Adriano e criado para o cargo pelo avô Antonino Pio, ele também imperador. Contam que Marco Aurélio vivia cercado por um enxame de dezessete professores; entre eles um estoico, um certo Júnio Rústico.

Assumiu o poder com quarenta anos de idade e procurou fazer o maior

bem possível, embora nem sempre isso fosse fácil. Se Epicteto tinha tido o azar de nascer escravo e coxo, Marco Aurélio teve a infelicidade de ter uma mulher infiel, Faustina, que tinha uma queda pelos gladiadores, e um filho, Cômodo, provavelmente não seu, que era um verdadeiro facínora, mas que mesmo assim amou com ternura.

Apesar do temperamento pacífico, o filósofo foi forçado a lutar contra os partos, os quados e os marcomanos, e para dizer a verdade saiu-se bastante bem. Durante uma dessas guerras, em 181, acabou contraindo a peste mas nem por isto entregou-se ao desespero: limitou-se a deitar na cama e, de lençol puxado sobre a cabeça, esperou a morte.

A impressão é que Marco Aurélio ficou na história da filosofia muito mais por ter sido imperador romano do que pela originalidade do pensamento. O escrito que nos legou, intitulado *Tá eis eautón* (A si mesmo), é um conjunto de reflexões edificantes do tipo: “Cada coisa que acontece, acontece justamente”²⁷⁸ ou então “As obras dos Deuses estão repletas de providência”,²⁷⁹ entremeadas por considerações cheias de melancólico pessimismo acerca da precariedade da vida: “Oh, quão rapidamente desaparecem num só momento todas as coisas, os corpos no espaço e a lembrança deles no tempo!”,²⁸⁰ ou então “A Ásia e a Europa são apenas ângulos do Universo; o mar inteiro é só uma gota do cosmo; o monte Atos não passa de um torrão; cada instante é um ponto da eternidade. Tudo tão pequeno, mutável, fadado a desaparecer”.²⁸¹ Em resumo: era um imperador triste que, do verdadeiro estoicismo, mantinha principalmente o rigor moralista do comportamento. Convencido de que todos os eventos haviam sido decididos pelos Deuses, o nosso bom Marco Aurélio aceitava qualquer adversidade com resignação cristã. Que diferença de estilo com a moral de Lucrécio que, achando ao contrário, que a vida não passava de um milagre meramente casual, procurava vivê-la da melhor forma possível, aproveitando os momentos favoráveis. Marco Aurélio não representa apenas o fim do estoicismo, mas sim o fim do próprio pensamento grego: o cristianismo já avançava inexorável e por muitos séculos iria impor a sua lei.

Algumas reflexões sobre os estoicos e os epicuristas

Quem são os estoicos e os epicuristas? Como reconhecê-los? Que cara têm? Não é muito difícil. O estoico é um indivíduo que acredita com firmeza na sua missão moral: *deve* cumpri-la. Ele precisa de um Grande Plano que dê

um sentido à sua vida. Receando, no entanto, que este plano possa realmente realizar-se, em geral o estoico torna-o extremamente difícil, talvez mesmo impossível, e de qualquer maneira fora do alcance de um indivíduo normal. O que importa é poder sofrer em nome de algo que tenha um significado moral.

São estoicos todos aqueles que acreditam no Grande Amor, único, eterno, indissolúvel. É claro que nunca vão encontrá-lo, mas isto não faz com que deixem de procurá-lo assiduamente, sem nunca aceitar compromissos. O lema deles é: “Tudo ou Nada.”

São estoicos os cristãos, os de verdade. Eles têm como meta o Paraíso e desejam merecê-lo através da mortificação da carne e da sublimação do espírito. Entre os seus refrões preferidos: “Nasci para sofrer” e “Os últimos serão os primeiros”.

São estoicos os marxistas: a finalidade que se propõem é a Justiça para Todos, sem esquecer ninguém. Estamos mais uma vez diante de uma meta inalcançável, pelo menos a curto prazo: O Sol do Futuro, como o próprio nome indica, tem a ver com o Futuro. Enquanto isso estão previstas revoluções, ditaduras do proletariado e mais fases intermediárias bastante incômodas.

É estoico Marco Pannella:²⁸² ele gostaria de resolver principalmente o problema da Fome no Mundo, do Mundo inteiro. Se alguém lhe propusesse um programa mais limitado, como por exemplo acabar com a fome no bairro napolitano de San Carlo all’Arena, ele recusaria imediatamente, ainda mais porque correria o risco de levá-lo a cabo. Enquanto isto, vivendo num país onde a tortura já é coisa rara, é forçado a torturar-se sozinho: jejua, amordaça-se e sofre.

O epicurista é totalmente diferente: ciente da precariedade da vida, escolhe para si mesmo pequenas metas a serem realizadas a curto prazo.

É epicurista o funcionário que pede um aumento de salário para resolver um problema concreto dentro de poucos meses.

É epicurista quem dá o seu voto a um partido que, em lugar de prometer-lhe Justiça, Liberdade e Felicidade, propõe somente uma paulatina melhora do seu nível de vida, através de uma política feita de pequenos avanços.

São epicuristas o homem e a mulher que continuam vivendo com um parceiro pelo qual não estão particularmente apaixonados, mas com quem concordaram um *modus vivendi* de recíproca tolerância.

As vantagens e as desvantagens dessas duas maneiras de ser estão

equitativamente distribuídas entre as duas linhas de pensamento. Em geral, os epicuristas são sujeitos mais serenos, mais em paz com o mundo, de sorriso mais fácil. Os estoicos, por sua vez, são incansáveis trabalhadores: mesmo que estejam jogando cartas, fazem-no com o maior empenho. O epicurista olha com desdém para a política ativa e raramente sobressai como grande capitalista: sente-se mais à vontade no pequeno mundo da sua vida particular. Pirelli, para ser Pirelli, deve ter sido um estoico: um epicurista, no seu lugar, ter-se-ia dado por satisfeito como borracheiro.

Antes de casar, não seria uma má ideia se os noivos, em lugar de procurar respostas nos signos do Zodíaco, tentassem saber mais a respeito das tendências estoicas ou epicuristas do futuro parceiro.

246 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VII, I, 2-3.

247 Ibid., VII, I, 27 (veja também fr. 85 Kock).

248 Ibid., VII, V, 168-176.

249 Ibid., VII, VII, 179-189.

250 Ibid., VII, I, 136.

251 Fr. 158 Arnim.

252 Plutarco, *De communibus notitiis contra Stoicos*, 31, 1066 a.

253 Fr. 537 Arnim.

254 Estobeu, *Antologia*, II, 57, 19 (veja também fragmentos 70 e 190 Arnim).

255 Cícero, *Tusculanae*, IV, 5, 11 (veja também fr. 205 Arnim).

256 Veja os fragmentos 544-656 Arnim.

257 Epicteto, *Manual*, LIII.

258 Veja fragmentos 213 e seguintes Arnim.

259 M. Polenz, *La Stoa*, vol. I, trad. it. La Nuova Italia, Florença, 1967, p. 388 e seguintes.

260 E.R. Bevan, *Stoics and Sceptics*, Oxford, 1913, p. 88.

261 Cícero, *Tusculanae*, II, 25, 61.

262 Veja o que já dissemos a respeito na Ética aristotélica.

263 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VII, I, 128 (compare com Panécio, fr. 110 von Straaten).

264 Aécio, *Placita*, I, 28, 5.

265 Tácito, *Anais*, 15, 60 e seguintes.

266 Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 54, 4-5.

267 Ibid., 87, 18.

268 Tácito, *Anais*, 13, 42.

269 Aulo Gélio, *Noites áticas*, II, 18.

270 Ao que parece o autor da obra foi Ermipo (veja Jacob Burckhardt, *Storia della civiltà greca*, cit., vol. II, p. 116).

271 Epicteto, *Manual*, XXII.

272 Ibid., III.

273 Ibid., IV.

274 Ibid., XI.

275 Ibid., XVII.

276 Ibid., XLI.

277 Ibid., LIII.

278 Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 10.

279 Ibid., II, 3.

280 Ibid., II, 12.

281 Ibid., VI, 36.

282 Político italiano famoso por suas atitudes radicais. (N. do T.)

X OS CÉTICOS

Pirro

Pirro, filho de Plistarco, nasceu entre 365 e 360 a.C., em Élis, a pequena cidade que alguns anos antes tinha visto florescer a escola de Fédon.²⁸³ Quando jovem, tentou ganhar o pão de cada dia como pintor, mas logo desistiu, uma vez que as suas obras, ao que parece, não eram muito apreciadas pelos concidadãos: segundo Antígono de Caristo, alguns portadores de tochas que ele retratara no ginásio da cidade eram, digamos assim, muito ruins.²⁸⁴ Depois de abandonar a arte o rapaz dedicou-se à filosofia: frequentou primeiro Brisão, um pensador socrático, e depois Anaxarco de Abdera, um aluno de Demócrito.

Em 334, sempre com Anaxarco, participou da expedição de Alexandre o Grande ao Oriente: viajou durante dez anos para todos os cantos e teve a oportunidade de entrar em contato com várias doutrinas orientais. Naquela época, como ainda hoje aliás, no Oriente pululavam sujeitos estranhíssimos que praticavam a supressão das paixões: xamãs, gurus e monges de religiões contemplativas. Plutarco conta que na Pérsia, quando chegaram os soldados macedônios, um sacerdote chamado Calano pediu que fosse erguida uma fogueira em forma de altar: após oferecer sacrifícios aos Deuses e desejar um bom prosseguimento de viagem aos forasteiros, deitou-se entre as chamas, cobriu o rosto com um véu, e deixou-se queimar vivo sem mexer um músculo sequer.²⁸⁵ Pirro, que nunca tinha visto um bonzo em ação, ficou transtornado com a cena, mas compreendeu que, mesmo na situação mais dolorosa, a força de vontade sozinha bastava para dominar qualquer sofrimento.

Mais tarde, ao chegar à Índia, encontrou outros pensadores e filósofos, gimnosofistas, taoístas e outros personagens do mesmo tipo. Chegou mais uma vez à conclusão de que para alcançar a serenidade era preciso praticar os *wu wei*, o não agir.

Voltou à pátria com quase quarenta anos e fundou a primeira escola de

ceticismo em Élis, a cidade onde nascera. Quer dizer, não era propriamente uma escola do tipo, digamos, da Academia ou do Jardim: na verdade, o que ele de fato queria era ficar em paz e cuidar da própria vida. Só que às vezes, quando não aguentava mais, começava a falar em voz alta e, uma vez que estava sempre cercado por jovens e admiradores, acabava dando aula mesmo sem querer. Os seus seguidores foram chamados de *pirrianos*, *céticos* ou *zéticos*. Este último termo significa “pesquisadores que procuram e nunca encontram”.²⁸⁶

Os alicerces do seu pensamento eram: a suspensão do juízo (a *epoché*), isto é, o estado mental em que é impossível aceitar ou rejeitar as ideias dos outros, a faculdade de não expressar-se (a *afasia*) e a imperturbabilidade (a *ataraxia*), isto é, a ausência da angústia. O seu pensamento consiste basicamente nisto: não existem valores ou verdades que justifiquem botar a mão no fogo; nada pode ser considerado por natureza bonito ou feio, bom ou mau, justo ou injusto, verdadeiro ou falso, e não há diferença alguma entre gozar de ótima saúde e estar gravemente doente.²⁸⁷

Há inúmeras anedotas acerca da imperturbabilidade de Pirro e, como sempre, Diógenes Laércio é o nosso informante predileto.

Pirro demonstrava a mais completa indiferença por tudo aquilo que acontecia à sua volta e, quase certamente, também devia ser um chato. Se durante uma conversa o interlocutor ia embora, ele não se importava nem um pouco: continuava a fazer perguntas e a contestar como se nada tivesse acontecido. Certo dia, enquanto conversava com o mestre Anaxarco, este tropeçou e caiu num charco cheio de lodo. Pois bem, Pirro nem pestanejou: seguiu em frente com o seu raciocínio como se nada tivesse acontecido. Logo a seguir Anaxarco alcançou-o todo enlameado e, ao contrário do que nós teríamos feito, parabenizou o aluno pela impassibilidade demonstrada.²⁸⁸ Fica no ar a pergunta: será que, além de imperturbável, ele também não era um tanto avoado? Diógenes Laércio, com efeito, conta que quando estava na rua nunca prestava atenção, e corria continuamente o risco de ser atropelado por um carro ou de cair numa vala; viveu incólume até os noventa anos,²⁸⁹ talvez também porque os alunos nunca o perdiam de vista.

Não deixou coisa alguma escrita; quem escreveu por ele foram os discípulos Tímon, Enesidemo, Numênio e outros.

É natural que os céticos lembrem os sofistas, até mesmo porque ambos

demonstram ter dúvidas quanto à existência da Verdade. Examinando com mais atenção o pensamento das duas escolas, no entanto, podemos logo reparar na diversidade entre elas. Os sofistas eram, digamos assim, mais “advogados”, mais “profissionais liberais” e, em alguns casos, mais “mercenários”, enquanto os céticos eram mais “intelectuais”. Os primeiros negavam a Verdade e valorizavam a Palavra para aumentar o seu poder de barganha na hora de estabelecer os honorários, enquanto os segundos tendiam a alcançar a *apátheia*, a isenção das paixões. Os sofistas transferiam a confiança da Verdade para o Homem (“O homem é a medida de todas as coisas”), os céticos, de forma mais radical, achavam por princípio que nada ou ninguém merecia confiança: nem a Verdade, nem o Homem, nem a Palavra. O seu lema poderia ter sido: “O ser não é, e não me importo nem um pouco!”; ou, como dizia Tímon, “Não só não me importo com o porquê das coisas, como tampouco com o porquê do porquê”.²⁹⁰

No que diz respeito aos estoicos, por sua vez, podemos dizer que os céticos tinham em comum com eles o completo desinteresse pelo corpo. Certo dia, em Chipre, durante um banquete, o tirano Nicocreonte perguntou a Anaxarco se a comida havia sido do seu agrado. O filósofo, com a maior desfaçatez, respondeu que a teria apreciado ainda mais se, com a fruta, também lhe tivesse sido servida a cabeça de um tirano. Na hora, Nicocreonte pareceu levar na brincadeira. Alguns anos depois, no entanto, quando Anaxarco naufragou nas costas de Chipre, teve a sua vingança: aprisionando-o dentro de um enorme almofariz, mandou os seus homens esmagá-lo com pilões de ferro. Contam que durante a tortura o pobre coitado ainda teve a força de gritar: “Tu podes esmagar a casca de Anaxarco, mas não Anaxarco.”²⁹¹

Pertence mais ou menos à mesma categoria a famosa cena cômica de Totò conhecida como “o esquete de Pasquale”. Dois amigos se encontram: um é Totò e o outro é Mario Castellani, o seu parceiro de confiança. Totò não consegue refrear as gargalhadas.

– Por que está rindo desse jeito? – pergunta Castellani.

– Porque há uns dez minutos apareceu um brutamonte que, depois de gritar: “Pasquale, você é um pilantra!” deu-me um soco e arrebitou a minha cara.

– E o que foi que você fez?

– Nada: o que acha que ia fazer? Comecei a rir.

– E o que foi que o sujeito disse?

- Berrou: “Pasquale, você é um sem-vergonha, eu vou acabar com a sua raça!” e voltou a esmurrar-me com vontade.
- E você?
- Quase molhei as calças de tanto rir. Fiquei pensando com os meus botões: “Onde é que este idiota quer chegar?”
- E ele?
- Insistia na sua fúria insana, esmurrava, dava pontapés, e não parava de dizer: “Pasquale, você não presta, quero vê-lo morto!”
- E você não reagiu?
- E como poderia? Eu não sou Pasquale, ora essa!

Tímon

Tímon de Flionte, filho de Timarco, era dançarino. Nasceu por volta de 322 e mudou-se muito cedo para Mégara onde frequentou as aulas de Estílpon.²⁹² Era caolho e gostava de um bom vinho. Converteu-se ao ceticismo depois de conhecer Pirro. O encontro entre eles aconteceu na rua, enquanto iam ao estádio. Arístocles, um peripatético que o detestava, comenta o episódio dizendo: “Ó Tímon, homem parvo que em nada acredita, como podes dizer que conhecestes Pirro? E o próprio admirável Pirro, enquanto ia assistir às competições píticas naquele dia feliz, sabia para onde estava indo ou avançava a esmo como um desmiolado?”²⁹³

De Tímon de Flionte só chegaram até nós uns poucos fragmentos; entre eles esta frase: “Que o mel seja doce recuso-me a afirmar, mas que parece doce eu posso garantir.”²⁹⁴ Os cétricos como Pirro, portanto, não negam a existência do parecer, mas sim a do ser, da verdade incontestável. Um cétrico, afinal de contas, poderia até militar numa instituição religiosa ou política, ser sacerdote, soldado, vereador; o importante, para ele, seria cumprir a contento as suas tarefas sem acreditar dogmaticamente naquilo que está fazendo. Poderíamos achar tentador condenar sem apelação esta maneira de pensar tachando-a de imoral, mas achamos mais conveniente meditar um pouco a respeito: vamos imaginar por um momento as mudanças que aconteceriam na nossa vida se, em certas situações, antes de sairmos de lança em riste, pudéssemos compreender, num relance de lucidez, que “aquilo que agora julgamos absolutamente verdadeiro, talvez amanhã seja apenas provável”.

Pois é, trocando em miúdos, resume-se basicamente a isto a *epoché*, a suspensão do julgamento. Apliquem-na ao fanatismo das Brigadas

Vermelhas, ao porre maoista de 1968 e às várias perseguições religiosas que mancharam de sangue a história, e imaginem os resultados.

Depois de Tímon o ceticismo entregou o jogo e passou a banca a um certo Arcesilau, filho de Seute, nascido em Pitane em 315 a.C., fundador da Academia mediana.²⁹⁵ Tudo poderíamos esperar do pensamento grego, menos que um platônico fosse chamado a guiar a turma dos céticos. Era mais ou menos como pular o “muro de Berlim”: Arcesilau passava do mundo suprassensível de Platão para a negação total de Pirro. Claro que Sócrates já tinha usado à vontade o “sei que não sei”, mas sempre de forma irônica e como alavanca para forçar o descobrimento de uma verdade moral (cuja existência, afinal de contas, jamais era questionada). Arcesilau fundiu as duas doutrinas e deu uma demão de ceticismo a toda a Academia.

Entre os acadêmicos-céticos, não podemos deixar de lembrar Carnéades, aquele que amofinava as lembranças de Dom Abbondio, o pároco dos *Noivos* de Alessandro Manzoni. Com Carnéades estamos em pleno segundo século antes de Cristo: o filósofo, com efeito, nasceu em Cirene em 213 e morreu em 128.²⁹⁶ Contam que era um homem de imensa cultura e um excelente orador. A sua fama deve-se principalmente a uma viagem que fez a Roma como embaixador com o aristotélico Critolau e o estoico Diógenes de Babilônia. A missão tinha a finalidade de pedir a anulação de uma multa de cinquenta talentos imposta à cidade de Atenas. Na então capital do mundo, os três filósofos acharam por bem mostrar aos romanos até que ponto chegava a capacidade dialética dos gregos: foram portanto ao foro e exibiram-se em alguns antílogos, isto é, conferências nas quais o mesmo orador defendia durante um certo tempo uma tese para logo a seguir defender a tese oposta. Os jovens romanos, seja porque fascinados por tudo o que vinha da Grécia, seja porque eram mais disponíveis para as novidades, aplaudiram com calor. Mas não se deu o mesmo com os velhos, principalmente com Catão o Censor, que via nos intelectuais um perigo de corrupção para a República. Preocupado justamente com o sucesso dos três filósofos, Catão recorreu ao Senado e fez tamanho estardalhaço que conseguiu obter a expulsão deles como indesejáveis.²⁹⁷

Catão era assim mesmo, basta pensar que só considerava virtuosos aqueles que viviam na mais absoluta austeridade. Quanto ao resto, não tinha a menor compaixão nem tolerância: certa vez mandou expulsar um senador, Manílio, porque o vira abraçar a mulher em praça pública.

Considerava os escravos meros animais de carga: aticava-os uns contra os outros para melhor dominá-los e, quando ficavam velhos, preferia vendê-los antes de continuar a mantê-los. Se porventura algum deles errava, fazia com que os companheiros o condenassem à morte para em seguida estrangulá-lo com suas próprias mãos. Desconfiava da filosofia e de qualquer um que tivesse ideias.²⁹⁸

Mais uma pequena curiosidade acerca dos cétricos que, se já não acreditavam em coisa alguma, imaginem então o que deviam pensar dos adivinhos. Eis aqui, justamente, a opinião a respeito do assunto de um deles, Favorino de Arelate (80-160 d.C.). Os destinatários da invectiva são os astrólogos.

“... este tipo de truques e pilantragens foi inventado por uns espertalhões que encontraram na mentira a sua maneira de vida. Estes indivíduos, só porque alguns fenômenos terrestres tais como as marés dependem da lua, pretendem nos forçar a acreditar que todas as demais vicissitudes humanas também são regidas pelos astros. Quanto a mim, parece-me muito bobo pensar que só porque a lua levanta um pouco o nível do mar, ela também possa influir, por exemplo, no êxito de um processo contra um vizinho por causa da tubulação da água, ou na briga com um condômino devido a uma parede em comum.”²⁹⁹

²⁸³ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX, XI, 61.

²⁸⁴ Ibid., IX, XI, 62.

²⁸⁵ Plutarco, *Vida de Alexandre*, 69 (em *Vidas paralelas*, cit.).

²⁸⁶ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX, XI, 70.

²⁸⁷ Cícero, *De finibus*, II, XIII, 43.

²⁸⁸ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX, XI, 63.

²⁸⁹ Ibid., IX, XI, 62.

²⁹⁰ Aristocles, *Apud Euseb. Praep. evang.*, XIV, 759 c (veja também *Scettici antichi*, aos cuidados de A. Russo, UTET, Turim, 1978, p. 102).

²⁹¹ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX, X, 59.

²⁹² Ibid., IX, XII, 109.

²⁹³ Aristocles, *Apud Euseb.*, cit., XIV, 761 a.

²⁹⁴ Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX, XI, 105.

²⁹⁵ Ibid., IV, VI, 28.

²⁹⁶ Ibid., IV, IX, 62.

²⁹⁷ Plutarco, *Vida de Marcos Catão*, 22-23.

²⁹⁸ Ibid., 5; 17; 21.

²⁹⁹ Aulo Gélíio, *Noites áticas*, XIV, 1 (veja também fr. 3 Barigazzi).

XI

O PROFESSOR RICCARDO COLELLA

O meu encontro com o professor Riccardo Colella foi inteiramente casual: eu tinha entrado numa charcutaria do Vomero Vecchio para comprar uma mussarela de búfala quando presenciei esta conversa.

– Professor – disse dom Carmine, o salsicheiro, depois de entregar o pequeno embrulho ao homem franzino de óculos –, são trezentos gramas, cinco mil e quatrocentas liras.

– Não entendi – respondeu o homenzinho –, por que deveria eu dar-lhe cinco mil e quatrocentas liras?

– Pelo presunto...

– Que presunto?

– Esse aí que está segurando agora mesmo.

– Dom Carmine, o senhor *acha* que estou com o presunto, mas não é verdade, e portanto não vou desembolsar um tostão.

– Tudo bem, professor, a história de sempre! – bufou dom Carmine.

– Entreguei-lhe o presunto há menos de dois minutos. Este senhor aqui é testemunha. *C’aggia fà?*³⁰⁰ Quer que eu peça um recibo toda vez que lhe entrego alguma coisa?

– Gostaria de saber, dom Carmine, como é que o senhor pode ter tanta certeza de ter-me dado trezentos gramas de presunto. No máximo poderia aventar a hipótese da *probabilidade* de ter-me dado alguma coisa que *poderia* ser presunto.

– Probabilidade coisíssima nenhuma! Professor Colella: vou tirar o embrulho das suas mãos e vamos ver, então, se é ou não é presunto! – exclama o salsicheiro fingindo desespero.

– Dom Carmine – responde o professor sem perder a compostura –, já lhe expliquei isto outro dia: não há nada na vida de que o senhor possa ter certeza. Mencione uma única coisa da qual tem certeza e eu pagarei o presunto em dobro.

– Tenho certeza de que há menos de cinco minutos entreguei em suas

mãos trezentos gramas de presunto – responde dom Carmine sem pensar duas vezes.

– E agora eu vou sugerir uma hipótese que poderia demonstrar o contrário, que o senhor não me entregou o presunto, que só *acha que me entregou*.

– Essa eu quero ver!

– O senhor acredita em Deus?

– Claro que sim! Assim como acredito que há menos de cinco minutos entreguei-lhe trezentos gramas...

– E também acha que Ele é onipotente? – interrompe o professor.

– Claro, ora essa.

– Acha portanto que pode criar um mundo quando e como Ele bem entende: grande, pequeno, habitado, vazio, inóspito, tecnológico...

– Isso, do jeito que quiser! – concorda o salsicheiro.

– Vamos supor, então, que justamente neste momento Deus decida criar um mundo exatamente igual ao nosso, com todas as coisas que agora temos aqui em volta: as estrelas, o Sol, os planetas, os continentes, Nápoles, o bairro do Vomero, esta sua charcutaria, o senhor, eu e o presunto. Poderia fazer isto, não poderia?

– Claro que poderia!

– Muito bem – continua o professor, já sorrindo ao imaginar a cara do salsicheiro depois de concluir o raciocínio – e uma vez que Deus decidiu criar um mundo que já funciona, também teria de criar homens que funcionam, isto é, providos de uma memória histórica...

– Como assim, uma memória histórica?

– Uma memória que nos dê a *impressão* de já ter vivido uma vida, mesmo se na verdade não a tenhamos vivido – insiste o professor –, em outras palavras, é como se Deus, ao nos criar do nada, para nos permitir viver do jeito que somos neste momento, tivesse colocado na nossa cabeça lembranças de um passado que já vivemos, apesar de este passado na verdade nunca ter existido.

– E daí? – pergunta o pobre homem que nesta altura já está inteiramente perdido.

– Daí – conclui o professor – o senhor não me deu presunto nenhum. Só lhe *parece* ter dado.

– Mas acabei de lhe dar agora há pouco.

– Agora há pouco o senhor ainda nem tinha nascido.

– Tá bom, professor, pode levar o presunto e passar bem! Depois vou me entender com a sua esposa. Mas não se esqueça: da próxima vez, até eu ter a *impressão* de ter recebido cinco mil e quatrocentas liras, o senhor vai ter a *impressão* de não estar com o presunto.

O personagem era convidativo demais para deixá-lo escapar. Antes de abordá-lo, quis saber tudo sobre ele através do salsicheiro e da mulher.

– Tão boa pessoa – disse dom Carmine –, só faz isto para se divertir, mas depois paga direitinho até o último tostão. Quem me dera que todos fossem como ele! Tem muitos que, ao contrário, ou não pagam, ou só pagam para fazer logo uma dívida ainda maior.

– E o que ele ensina? – perguntei.

– Música, ensina música no instituto Pimentel Fonseca, a escola normal, é casado e tem um filho.

– É verdade, mas é ateu – sussurrou a mulher fazendo o sinal da cruz – e não quis batizar o filho. O rapaz já está com 18 anos e, se morrer num acidente, corre o risco de ir para o inferno.

– O professor Colella acredita no “batismo por consunção” – explicou dom Carmine –, diz que quando alguém está a ponto de morrer, conforme o que lhe aconteceu na vida, deve decidir se quer ou não quer batizar-se. De forma que quando chega o padre para a extrema-unção, pode dar-lhe o batismo e o óleo dos enfermos de uma só vez.

– A água e o óleo tudo ao mesmo tempo: Deus me perdoe!

Certa tarde, o professor Colella recebeu-me gentilmente na sua casa. A mulher, dona Amélia, ofereceu-me um cafezinho e logo afastou-se dizendo:

– Queira perdoar... fique à vontade.

Era claro que se desculpava não por ir embora, mas sim por tudo aquilo que o marido iria dizer em seguida.

– Meu caro engenheiro, eu sou um soldado da Dúvida – foi logo afirmando Colella ao ficarmos sozinhos. – Acredito na Dúvida como regra de convivência civilizada. Cada um tem a sua própria religião pessoal e a minha religião é a Dúvida. Faz favor, quero mostrar-lhe uma coisa.

E ao dizer isso encaminhou-se para o corredor. Cruzei novamente

com a dona Amélia que, mais uma vez, resmungou baixinho “o senhor tem de entender, ele é assim mesmo”, e afinal sentamos num aposento um tanto escuro onde um piano reinava soberano entre um mar de partituras, discos, livros e cinzeiros cheios.

– Veja isto – disse o professor, apontando para um quadro coberto por uma cortina de seda adamascada. – Este é o meu Santo!

Puxou um barbante, a cortina levantou-se e apareceu um grande ponto de interrogação todo feito de pequenas lâmpadas. Logo a seguir o professor virou um interruptor e as luzinhas começaram a piscar como as de uma árvore de Natal.

– Queira desculpar.

Virei-me e vi a dona Amélia parada no umbral, com os olhos que imploravam compreensão.

– Deixe-nos conversar em paz, Amélia – exclamou o professor, convidando-a a sair. Em seguida, indicou uma pequena poltrona de vinil e disse: – Meu caro engenheiro, sente-se por favor e acompanhe o meu raciocínio: no mundo existem os pontos de exclamação e os pontos de interrogação, os soldados da Certeza Absoluta e os soldados da Dúvida. Quando o senhor encontra um ponto de interrogação não precisa ficar com medo: é certamente uma boa pessoa, um democrata, um homem com o qual é possível manter uma conversa mesmo discordando dele. Os pontos de exclamação, por sua vez, são perigosos: são os que costumamos chamar de homens de Fé, aqueles que mais cedo ou mais tarde tomam “atitudes irrevogáveis”. Agora, lembre-se bem do que estou dizendo: a Fé é violência, qualquer tipo de Fé, religiosa, política, esportiva. Por trás de cada guerra há sempre um homem de Fé que deu o primeiro tiro. Na Irlanda, no Líbano, no Irã, a Fé perambula de foice nas mãos e com as vestes manchadas de sangue, e quando mata, sempre o faz em nome do amor. Quanto a mim, meu pai ensinou-me que a Dúvida é mãe da Tolerância e da Curiosidade. Os jovens são curiosos, mas também incapazes de tolerância, os velhos são tolerantes, mas já perderam o gosto da curiosidade, os grandes homens, no entanto, sabem ser curiosos e tolerantes ao mesmo tempo. Quem tem Fé é como se já soubesse tudo de saída: não tem dúvidas, perdeu a capacidade de maravilhar-se e, como diz Aristóteles: “A maravilha é o começo da pesquisa.” Quem tem Fé não está disposto a reconhecer os próprios erros, e sem a ajuda dos erros nós não somos

ninguém. A Fé é obediência imediata, cega e absoluta. O meu pai era professor de filosofia. Quando alguém telefonava lá para casa e perguntava: “É o professor Colella?”, sempre respondia “Pode ser”, e não queria bancar o engraçadinho, falava aquilo porque de fato não tinha certeza.

– Um mínimo de Fé, de qualquer maneira, a gente bem que precisa ter. Sem Fé não teríamos descoberto a América nem a penicilina.

– É verdade, mas deve ser uma Fé que nasce da Dúvida – replica o professor –, uma Fé que saiba aprender com os próprios erros: a que eu chamo de “Fé de olhos abertos”.

– Como assim, de olhos abertos?

– Vou dar um exemplo: vamos supor que nas próximas eleições eu vote no Partido Comunista. Pois bem, se há um partido que se baseia na Fé, na Itália, é justamente o Partido Comunista! Concorda comigo?

– Sim, claro: é certamente um partido de Fé.

– Muito bem, e o que é que eu faço? Antes de votar ligo para o secretário-geral do partido e digo: “Companheiro secretário, eu bem que gostaria de votar em vocês, mas receio que logo após assumirem o governo vocês se tornem antidemocráticos.” “Nem pense nisso!”, protestaria ele, “nós somos o partido mais democrático do mundo. Demonstramos isto ao longo destes anos todos.” “Concordo”, eu diria então, “sei que são democráticos agora que estão na oposição: mas quem me garante que não vão mudar de ideia depois de assumirem o poder? Até Robespierre, quando estudante, escreveu uma tese de formatura contra a pena de morte, e depois matou aquela gente toda.” Naquela altura, provavelmente, o companheiro secretário mandar-me-ia passear e diria: “Sabe de uma coisa, companheiro Colella, faça o que lhe der na veneta: se quiser votar na gente, muito bem, do contrário, esqueça o assunto e continuamos amigos como antes! Não esqueça, no entanto, que se não tiver um pouco de Fé nunca vencerá uma batalha.”

– E aí?

– Aí eu votaria comunista, mas de olhos abertos: quer dizer, sem nunca perder de vista aquilo que está acontecendo. Jamais iria marchar contra os tanques inimigos como fazem, por exemplo, os meninos de Khomeini. Resumindo, a Dúvida não é uma ideologia, mas sim um método. Uma pessoa pode ter dúvidas, pode ser cética, e mesmo assim continuar a lutar por uma ideia. Eu sou cético, mas isto não impede

que seja cristão, comunista e torcedor do Nápoles. O importante é ser um cristão cético, um comunista cético e um torcedor cético!

– Mas pelo menos – perguntei então – entrega-se ao prazer da música quando senta ao piano? Acredita naquilo que está tocando?

– Nem sempre – respondeu o professor, dando uma olhada no ponto de interrogação que continuava a piscar –, quando toco Beethoven, por exemplo, sempre desconfio que a música venha diretamente do céu e que eu esteja tocando em playback!

XII

OS NEOPLATÔNICOS

Plotino

“Plotino parecia ter vergonha do próprio corpo: devido a este complexo nunca quis dar notícias de si mesmo, da sua origem, dos seus parentes e da sua pátria, e tampouco quis ser retratado por um pintor ou um escultor. A Amélio, que lhe pedia permissão, respondeu: ‘Já é bastante cansativo a gente ter de carregar este invólucro com que a natureza nos vestiu, não vejo portanto motivo para torná-lo mais duradouro, retratando-o como se fosse alguma coisa digna de ser olhada.’ Mas Amélio tinha um amigo, Cartério, que era um dos melhores pintores da época, e convidou-o várias vezes a assistir às aulas de Plotino, de forma que pudesse observá-lo com calma para depois pintá-lo de memória.”³⁰¹

Assim começa a “Vida de Plotino” escrita pelo seu discípulo Porfírio. Plotino é mais um filósofo africano: nasceu em Licópolis, no médio Egito, por volta de 205 d.C., e desde criança demonstrou pendor pelo ascetismo. Era um garoto estranho, introvertido, alheio às brincadeiras com os companheiros e, falando francamente, não muito normal se for verdade que aos oito anos ainda sentia vontade de visitar vez por outra a babá para ser amamentado.³⁰² Em 233, encontramos-lo em plena crise mística: nenhum dos filósofos que frequentara tinha conseguido satisfazer a sua sede de espiritualidade, até que, certo dia, um amigo apresenta-lhe Amônio Sakas. Plotino ouve o novo mestre e confessa ao amigo: “Era justamente o que eu estava procurando!”

Com o passar do tempo aumenta em Plotino o desejo de conhecer as filosofias orientais, as dos persas, dos magos, dos gimnosofistas e dos indianos, como Pirro já havia feito antes. A oportunidade apresenta-se na forma de uma expedição militar, quando Gordiano III decide atacar os persas.³⁰³ Infelizmente para Plotino, no entanto, Gordiano não era Alexandre: o imperador mal teve tempo de chegar à Mesopotâmia e logo foi desbaratado no campo de batalha e morto pelos seus próprios soldados.

O filósofo conseguiu safar-se a duras penas refugiando-se primeiro em Antioquia e depois em Roma. Já estava com mais de quarenta anos e não tinha a menor aptidão para o trabalho manual. O que fazer? Acabou abrindo uma escola de filosofia ou, melhor dizendo, uma comunidade filosófico-religiosa.

Quase todo o mundo frequentava o lugar: amantes da filosofia, médicos, rapazes e moças do povo, viúvas, pessoas movidas apenas pela curiosidade e senadores romanos; um destes, Rogaciano, para seguir os seus ensinamentos renunciou às riquezas, aos cargos públicos e aos escravos.³⁰⁴ Graças à reputação de que gozava junto da população, muitas vezes as famílias nobres entregavam seus filhos a Plotino para que os encaminhasse a uma vida de intelecto. O prédio da escola pertencia a uma discípula, Gemina, que mais tarde tornou-se sua esposa.

A finalidade da doutrina neoplatônica era o afastamento do sensível e a união com o divino, até chegar ao ápice do *êxtase*, uma espécie de orgasmo espiritual no qual o adepto se aniquilava como indivíduo para confundir-se com o Todo, isto é, com Deus. Porfírio, o biógrafo, reconhece ter conhecido o êxtase uma só vez na vida, quando já estava com sessenta e oito anos de idade. Plotino, por sua vez, parece que conseguiu alcançá-lo nada menos que quatro vezes.³⁰⁵

Entre os seus admiradores não podemos esquecer o imperador Galieno e a sua mulher Solonina. Plotino pediu-lhes que fundassem uma nova cidade para os seus discípulos na Campânia, cidade que iria chamar-se Platonópolis e onde seria possível viver segundo as leis de Platão. Galieno e Solonina estavam de acordo, mas o projeto nunca foi realizado devido à inveja que Plotino suscitava na corte.³⁰⁶ Queremos deixar logo bem claro que o objetivo de Plotino não era o mesmo que Platão tentara alcançar seis séculos antes em Siracusa: o divino Platão queria de fato modificar a estrutura da sociedade, enquanto Plotino contentava-se com um oásis de paz à disposição dos filósofos.

Plotino não escreveu uma linha sequer até os cinquenta anos de idade, ainda mais porque, com os condiscípulos Erênio e Orígenes, prometera a Amônio Sakas que nunca iria deixar por escrito as suas doutrinas. Estou contando estes detalhes para salientar como em todas as escolas filosóficas de cunho místico nunca deixou de existir uma pitada de pitagorismo, isto é, uma espécie de compulsão de seita secreta. O primeiro a infringir a proibição de divulgação foi Erênio, depois Orígenes e finalmente Plotino,

que em pouco mais de quinze anos escreveu cinquenta e quatro livros, divididos em seis grupos por Porfírio e transmitidos a nós com o nome de *Enéades* (por ser cada grupo formado por nove escritos: em grego, *eneá* significa nove). É bom lembrar que, quando decidiu escrever, Plotino já quase não enxergava, tendo, portanto, que redigir de uma só vez, sem possibilidade alguma de reler.³⁰⁷

Devido a uma doença de pele que lhe cobriu as mãos e os pés de chagas, decidiu deixar Roma para morar nos arredores de Minturno, na mansão de um discípulo. Morreu com sessenta e seis anos enquanto pronunciava estas palavras: “Esforço-me para levar de volta o divino que existe em mim para o divino que existe no universo.” Os presentes viram naquela mesma hora uma cobra despontar debaixo da sua cama e desaparecer num buraco na parede.³⁰⁸

Mais do que um filósofo, talvez tenha sido um poeta ou um chefe religioso. Ao falar dele, Santo Agostinho chegou a dizer: “É só mudar algumas palavras no seu pensamento e lá temos diante de nós um verdadeiro cristão.”

O sistema de Plotino

Segundo Plotino, havia três *Pessoas* que formavam o mundo inteligível: o Uno, o Intelecto e a Alma.³⁰⁹ É uma Trindade que lembra um pouco a cristã, mas ao contrário do Pai, do Filho e do Espírito Santo, as três *Pessoas* dos neoplatônicos têm diferente peso hierárquico: a primeira, o Uno, criou por *emanação* a segunda, o Intelecto criou por *emanação* a terceira, assim como a terceira, a Alma, gerou o mundo sensível. Além disso, o Uno também *abrange* o Intelecto, que por sua vez *compreende* a Alma e o mundo sensível. Sabem as *matrioskas*, aquelas bonecas russas que se encaixam umas dentro das outras? Pois bem, façam de conta que o Uno é a boneca maior, a que encerra todas as demais, o Intelecto, a boneca que vem logo a seguir, a Alma, a terceira e finalmente, o mundo sensível, a menor delas todas.

O Uno de Plotino tem alguma coisa de pré-socrático: lembra bastante o Uno de Parmênides e encontra-se em cada aspecto da natureza exatamente como o ar de Anaxímenes e o *àpeiron* de Anaximandro: é Tudo, compreende Tudo e, enquanto Tudo, desconhece qualquer tipo de limite. A sua característica fundamental é a de ser infinito.

Uma vez que estamos falando do suprassensível, talvez valha a pena

comparar a “visão do mundo” de Plotino com a dos seus mais ilustres antecessores: Platão e Aristóteles.

O Deus de Platão é o *Bem em si*, isto é, a mais importante de todas as Ideias. Não fica claro, no entanto, se esta Ideia do Bem também é um Deus criador do Universo: como o Sol, dá mais a impressão de limitar-se a iluminar um Mundo que já existe, proporcionando-lhe apenas a possibilidade de ser visto.³¹⁰

Aristóteles, por sua vez, é mais explícito: nega a existência do infinito em ato, considerando o próprio infinito não uma qualidade, mas sim um defeito, algo que ainda não se completou. O Deus aristotélico é externo ao Universo, cuida da sua vida e provavelmente não acha o Mundo merecedor da sua consideração. O pensamento de um Deus como este, portanto, só tem a ver com ele mesmo, reduzindo-se então a “pensamento do pensamento”.³¹¹

Para Plotino, a Segunda *Pessoa* é o Intelecto (o *Nous*), ou Espírito, ou Ser, como acharem melhor. Seria, em outras palavras, o conjunto de todas as realidades inteligíveis existentes, aquelas que para Platão constituíam o Mundo das Ideias. Mas enquanto o Uno é único, o Intelecto é múltiplice. A sua função é contemplar o Uno e gerar a Alma, que é a terceira *Pessoa*, “a última Deusa”, isto é, a última realidade inteligível.³¹² A Alma, como já vimos, cria o mundo sensível.

Um dado fundamental do sistema de Plotino é o movimento de “ida e volta” entre o vértice e a base: cada uma das três *Pessoas*, com efeito, gera por emanção de cima para baixo e, ao mesmo tempo (exceto o Uno, obviamente), contempla para cima.³¹³

A meta final da vida é a contemplação do Uno. Como conseguir? “É muito simples”, responde Plotino, “basta eliminar o resto!”³¹⁴ e nesse resto, infelizmente, estão incluídas todas as coisas que nos interessam na vida: os afetos, o trabalho, as mulheres, a arte, a diversão, o esporte e assim por diante. Ao que parece, ele conseguia sem maiores dificuldades. Eis como descreve o êxtase, que em grego (*ékstasis*) quer dizer justamente “saída de si mesmo”:

“Às vezes desperto a mim mesmo, abandonando o meu corpo; alheio a todas as coisas, vejo a mais extraordinária beleza que se possa imaginar. Nessas horas fico convencido de que possuo um destino superior. O meu arrebatamento é o ponto mais alto que alguém pode alcançar na vida:

sinto-me uma coisa só com o divino e espelho-me nele acima de todos os demais seres intelegíveis.”³¹⁵

Nem todos os homens têm a capacidade de elevar-se. Só três categorias, ao que parece, conseguem fazê-lo: os músicos, os amantes e os filósofos. Os músicos, com a ajuda da filosofia, têm a possibilidade de passar da suavidade dos sons sensíveis àquela dos bens espirituais; os amantes precisam esquecer a beleza corporal para dedicar-se à incorpórea; e os filósofos nada mais têm a procurar uma vez que, enquanto filósofos, já estão aptos à contemplação.³¹⁶

³⁰¹ Porfírio, *Vida de Plotino*, 1.

³⁰² Ibid., 2.

³⁰³ Ibid., 3.

³⁰⁴ Ibid., 7.

³⁰⁵ Ibid., 23.

³⁰⁶ Ibid., 7.

³⁰⁷ Ibid., 8.

³⁰⁸ Ibid., 2.

³⁰⁹ Nos manuais de filosofia estas Pessoas costumam ser chamadas *Hipóstases* ou *Substâncias*; ambos os termos significam “estar embaixo”, respectivamente do grego *hypó stásis* e do latim *substantia*. A substância, com efeito, “está sob” a aparência. Neste caso, no entanto, tendo de indicar entidades que fazem parte do mundo *suprassensível*, decidimos que era melhor usar o termo “Pessoas”.

³¹⁰ Platão, *República*, 508-509 b.

³¹¹ Aristóteles, *Metafísica*, XII, 9, 1074 b, 28-35.

³¹² Plotino, *Enéades*, IV, 8, 5.

³¹³ Ibid., V, 3, 17.

³¹⁴ Ibid., V, 3, 17.

³¹⁵ Ibid., IV, 8, 1.

³¹⁶ Ibid., I, 3, 1-3.

XIII

RENATO CACCIOPPOLI

Quando quero gabar-me de alguma coisa, digo: “Fiz Análise e Cálculo com Caccioppoli!”

1948, Universidade de Nápoles, biênio de engenharia. A sala da rua Mezzocannone está apinhada até não poder mais: para conseguir um lugar cheguei uma hora adiantado. São dez da manhã: estamos todos à espera de Renato Caccioppoli. Nessa altura já há pessoas de todo tipo assistindo às suas aulas: estudantes prestes a enfrentar alguma prova, outros estudantes que já enfrentaram os exames, e até mesmo pessoas que não têm absolutamente nada a ver com a Análise matemática: estudantes de Medicina, de Letras, curiosos e homens de cultura. Somos todos discípulos dele.

Lá vem o homem. Extremamente elegante, como de costume: terno escuro, de mangas um tanto amarrotadas e sujas de giz nos cotovelos, sem nunca esquecer a costureira gardênia na lapela. Provavelmente está usando o mesmo terno desde ontem. O Mestre deve ter passado a noite sem dormir: conversando de amor e de política, tocando piano, bebericando e cantando. Ele não gosta de ficar sozinho à noite: prefere perambular pelas ruas de Nápoles, frequenta os pequenos bares dos bairros espanhóis, toma um conhaque em Vico Sergente Maggiore, uma *grappa* na rua Nardones e depois, quando já não há mais ninguém com quem bater papo, volta para casa subindo a pé pela rua Chiaia. E lá está ele agora, com o frescor de um botão de rosa, recebido por um furacão de aplausos. Cumprimenta com um amplo gesto da mão (mão de “pianista”). Os cabelos encobrem-lhe metade da testa. Basta olhar como ele se mexe para ver logo que é um gênio: sério, com aquele ar ponderado próprio de um cientista, mas com o sorriso nos olhos. Para de repente e aponta o indicador para um rapaz da primeira fila.

– Você está na cozinha, quer preparar um prato de espaguete. A

panela com a água está em cima da mesa. O gás já está ligado. Qual é a primeira coisa que você faz?

- Coloco a panela no fogo – responde logo o rapaz.
- E se a panela não estiver na mesa, mas sim no mármore da pia?
- Dá na mesma: coloco-a mesmo assim no fogo.
- Não: se você for um matemático, coloca-a primeiro na mesa e volta ao caso anterior!

Renato Caccioppoli nasce em Nápoles em 20 de janeiro de 1904. O avô dele é o famoso Michail Bakunin, o anarquista russo que acreditava mais nos camponeses do que nos operários e decidira começar a sua revolução mundial a partir dos campos em volta do Vesúvio. Mal sabia ele que por estas bandas o povo sempre foi a favor da monarquia. Acabou convencendo somente uns poucos jovens da aristocracia local, os únicos dispostos a lutar contra o Poder.

Com vinte e seis anos, Caccioppoli já era livre-docente de Análise algébrica e infinitesimal em Pádua. Em 1933 conseguiu a docência em Nápoles. Somos-lhe devedores de importantes pesquisas no campo das equações diferenciais, das funções variáveis e da teoria da medição. Em 1953 a Academia dos Lincei reconheceu nele um dos maiores gênios matemáticos da nossa época. Mas não eram certamente os seus méritos científicos a torná-lo tão amado: Caccioppoli era antes de mais nada um espírito livre, e só depois um gênio, um coração de ouro, um pianista excepcional, um filósofo e um poeta.



Renato Caccioppoli (1939)

Na noite em que Hitler chegou a Nápoles, Caccioppoli estava numa *trattoria* de Materdei. No fim do jantar, subiu numa cadeira e comunicou aos presentes tudo o que pensava de Hitler e Mussolini. Em seguida, com a jovem que amava, Sara Mancuso, e dois violonistas, saiu a passo de marcha pelas vielas da cidade cantando a *Marselhesa*. Na manhã seguinte, foram buscá-lo ao alvorecer, e só a intervenção da tia, a professora de química Maria Bakunin, conseguiu evitar o seu desterro: foi declarado débil mental e internado no hospital psiquiátrico Leonardi Bianchi.

Foi amigo de Eduardo,³¹⁷ de Gide e de inúmeros intelectuais napolitanos. Era o que poderíamos chamar de comunista *sui generis*: nunca quis filiar-se ao partido. Conversador fascinante, pregador errante, as suas intervenções nos comícios do partido eram inesquecíveis. Antes de mais nada, escolhia as praças mais difíceis, os

baluartes da mais tradicional burguesia, para então atacar com virulência a hipocrisia dos acomodados, a altiva arrogância do clero, a brutalidade de Stálin, esfregando a verdade na cara de todos, e não só dos adversários. Era tolerante, mas também rebelde: certo dia começou a dar tiros em todos os móveis antigos que tinha em casa.

Quando estava na banca examinadora, a sessão acabava sendo um verdadeiro espetáculo (a não ser, é claro, para quem estava sendo examinado), e os presentes riam como se estivessem assistindo a uma peça. Certo dia apareceu um rapaz que, nunca tendo estudado o grego, desconhecia a existência da letra epsilon (ϵ). Eis o que aconteceu:

- Havendo um “três” pequeno de livre escolha... – começou o rapaz.
- Como assim, um “três”? – perguntou Caccioppoli pasmo.
- Um “três” – repetiu o rapaz e indicou o epsilon que acabara de desenhar no quadro.
- Quer dizer – perguntou o professor – que, querendo, poderia pedi-lo ainda menor?
- Isso mesmo.
- Então faça-o menor.
- O rapaz reduziu-o pela metade.
- Não, não basta. Quero menor ainda.

A piada continuou até o coitadinho não conseguir reduzir mais o tamanho do epsilon, entre as gargalhadas de todos nós do “clássico”.

Para dizer a verdade, eu tampouco consegui sair-me muito bem na prova de Cálculo: recebi o que ele chamava de “21 de desestímulo”.

– Mereceria algo mais – disse-me Caccioppoli dispensando-me – mas espero que este 21 possa induzi-lo a mudar de faculdade: o senhor, meu bom rapaz, tem imaginação, talvez possa até tornar-se poeta. Ouça o conselho de um entendido: esqueça a engenharia e dedique-se à carreira de letrista.

Certa noite, por volta da uma da manhã, encontrei-o sentado na escadaria da igreja de Santa Caterina. Pensei que estivesse passando mal e perguntei se precisava de alguma coisa. Convidou-me a sentar ao seu lado. Então falou do poder terapêutico da medição. Disse: “Quando estiver com receio de alguma coisa, procure medi-la e você vai ver que não vale a pena ter medo.” Acho que estava bêbado, não

devido à máxima, que era excepcional, mas sim porque chamou-me de “você”.

A mulher de que gostava deixou-o de uma hora para a outra. Contam que fugiu para Capri com um companheiro do partido. Era a primavera de 1959. Renato Caccioppoli matou-se naquela mesma tarde no pequeno apartamento do palácio Cellamare. Um dia antes, falando com alguns estudantes, tinha dito: “Todos os fracassos podem ser perdoados, menos o do suicídio: depois que a pessoa decidiu, já não pode errar!” E ele não errou: posição horizontal, nuca apoiada no travesseiro, tiro na têmpora. Estava com cinquenta e cinco anos. Quando li a notícia não fiquei nem um pouco surpreso. Para dizer a verdade, aliás, estranhei que não tivesse feito aquilo antes: era russo demais, irônico demais, personagem de Dostoiévski escarrado demais para esperar a morte natural. O amor, na sua vida, deve ter tido um peso determinante. Lucio Villari contou-me que certo dia, na casa da matemática Maria del Re, perguntaram a Caccioppoli qual era, segundo ele, a frase mais importante da história, e enquanto todos esperavam sabe lá qual mensagem, ele respondeu simplesmente: “Ninguém manda no coração.” “E a descoberta mais útil?” “O método Ogino-Knaus, quando funciona.” “E a pior?” “O método Ogino-Knaus, quando não funciona.”

Por que incluí Renato Caccioppoli na minha história da filosofia grega? Dentro de que escola poderia colocá-lo? De todas e de nenhuma: era um eclético.

Entre o segundo e o primeiro século antes de Cristo, no mundo greco-romano começaram a surgir os ecléticos. Não se tratava de uma verdadeira escola filosófica, mas sim de uma maneira de pensar que tirava de cada doutrina aquilo que ela tinha de melhor. Se o ceticismo afirmara que nada era verdadeiro, o ecletismo, partindo de premissas parecidas, começou a defender que em tudo devia haver um pouco de verdade. E uma vez que, com o passar do tempo, os princípios originais dos mestres fundadores iam esmaecendo, acabou formando-se uma mistura de sabedorias diferentes que ficou na história com o nome de ecletismo. Entre os ecléticos mais famosos queremos lembrar Filo de Larissa, Antíoco de Ascalona e o grande Cícero.

Renato Caccioppoli, tão amante da liberdade, dos prazeres, dos

amigos, do vinho e da boa mesa, era sem dúvida alguma um epicurista. A sua solidariedade com os humildes lembra o relacionamento que Epicuro mantinha com os desafortunados. Ao mesmo tempo, no entanto, havia nele um toque de estoicismo. O professor Felice Ippolito conta que, certo dia, o pai dele, grande apreciador de Wagner, quis assistir à estreia de *Tristão e Isolda* apesar de estar sofrendo de apendicite, e foi ao teatro com Caccioppoli. Depois do espetáculo o engenheiro Ippolito foi internado de urgência e então, enquanto esperava para ser operado, recebeu um caloroso aperto de mão de Caccioppoli que lhe disse:

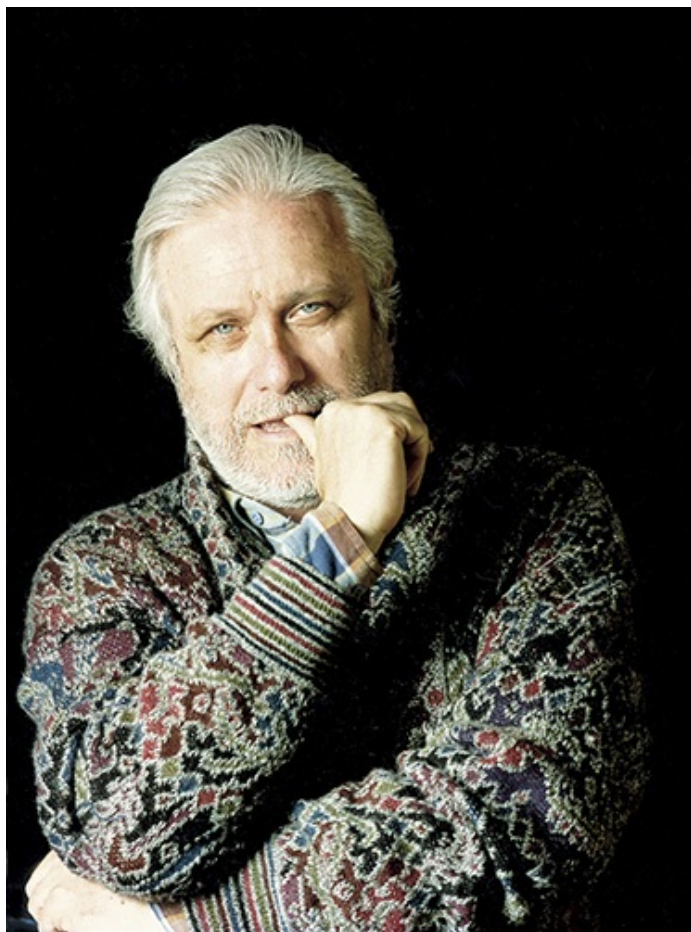
– Invejo você! Sofrer pela morte de Isolda, e sentir ao mesmo tempo fisgadas lancinantes na barriga!

Mas Caccioppoli também era cínico: certa vez em Pádua, quando já ensinava Análise, vestiu-se como um maltrapilho, deixou crescer a barba e, depois de tirar todo o dinheiro dos bolsos, pegou um trem de terceira classe e foi a Milão. Queria experimentar a sensação de ser pobre. Cinco dias mais tarde foi preso por vagabundagem.

E tampouco podemos esquecer o seu fundamental ceticismo. A deputada Luciana Viviani conta:

– Nos anos 1950 militávamos ambos nas fileiras dos Partidários da Paz, participávamos de passeatas, de marchas para o desarmamento, de comícios etc. Enquanto nós jovens, no entanto, explodíamos de entusiasmo e sacro furor, ele nunca deixava de ser um pouco desencantado, irônico, desconfiado. A quem lhe perguntava a razão desta sua atitude respondia: “Não tenho certezas, no máximo probabilidades.”

317 Eduardo De Filippo, grande ator e dramaturgo napolitano. (N. do T.)



LUCIANO DE CRESCENZO é engenheiro, escritor e diretor de cinema. Autor, entre outros livros, de *Ordem e desordem* e *A dúvida*, ambos publicados pela editora Rocco.